



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

THIAGO MAGNO DE CARVALHO COSTA

**Análise comparativa de construções com verbos leves nas Línguas
Portuguesa e Inglesa: um estudo baseado no Léxico Gerativo (LG)**

João Pessoa

2020

THIAGO MAGNO DE CARVALHO COSTA

**Análise comparativa de construções com verbos leves nas Línguas
Portuguesa e Inglesa: um estudo baseado no Léxico Gerativo (LG)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Linguística da Universidade Federal da Paraíba como
requisito principal para a obtenção do título de Doutor
em Linguística.

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística

Linha de Pesquisa: Linguagem, Sentido e Cognição

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Mano Trindade
Ferraz

João Pessoa

2020

**Catálogo na publicação Seção
de Catalogação e Classificação**

C838a Costa, Thiago Magno de Carvalho.

Análise comparativa de construções com verbos leves nas
línguas portuguesa e inglesa: um estudo baseado no
Léxico Gerativo (LG) / Thiago Magno de Carvalho Costa.

- João Pessoa, 2020.

155 f. : il.

Orientação: Mônica Mano Trindade Ferraz.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Linguística. 2. Semântica lexical. 3. LG. 4. Verbos
leves. 5. Polissemia. I. Ferraz, Mônica Mano Trindade.

II. Título.

UFPB/BC

CDU 801(043)

THIAGO MAGNO DE CARVALHO COSTA

**Análise comparativa de construções com verbos leves nas Línguas
Portuguesa e Inglesa: um estudo baseado no Léxico Gerativo**

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Professora Dra. Mônica Mano Trindade Ferraz (PROLING/DLPL/UFPB)

Examinador 1: Professor Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura (PPGLIN/DLLV/UFSC)

Examinadora 2: Professora Dra. Morgana Fabíola Cambrussi (PPGEL/UFFS)

Examinadora 3: Professora Dra. Maria Leonor Maia dos Santos (DLPL/UFPB)

Examinador 4: Professor Dr. Magdiel Medeiros Aragão Neto (DLPL/PROLING/UFPB)

Suplente: Professora Dra. Lilian Cristina Hubner (PPGL/PUCRS)

Suplente: Professor Dr. José Ferrari Neto (DLPL/PROLING/UFPB)

João Pessoa
2020

À Lenice Magno de Carvalho Costa (*in
memoriam*), minha mãe, por ter me
ensinado o significado de abnegação e
resiliência.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar lembrando que as reflexões contidas nesta pesquisa de tese foram fortemente influenciadas pelas conversas e interações com os membros e os grandes amigos do Grupo de Pesquisa em Semântica, Ensino e Léxico (G_SEL), nas tardes de quinta-feira, no ambiente 66, bem como com os colegas de turmas das disciplinas de Fundamentos em Semântica, de Seminários Avançados em Semântica e de Tópicos Especiais em Semântica. A vocês, um *air hug* cheio de afeto.

Desde sempre a professora Mônica Ferraz me encorajou a realizar esta pesquisa e me auxiliou a moldar a direção do trabalho. Além da sua incontestável amizade, suas intervenções incisivas e críticas foram muito importantes para o ajuste da minha proposta e o desenvolvimento das minhas análises. Igualmente, os professores Magdiel Aragão Neto e Heronides Moura, examinadores da pré-banca, forneceram vários graus de comentários e críticas que contribuíram, assim creio, para o *turning point* da pesquisa, o que resultou em um trabalho muito mais claro do que antes da qualificação. Serei sempre grato a vocês.

É importante registrar meu enorme agradecimento ao CCHLA/UFPB, em nome da Diretora Mônica Nóbrega, pelo incentivo e apoio durante essa empreitada. Identicamente demonstro minha gratidão aos meus amigos e colegas de trabalho na Secretaria do Centro, pela paciência e compreensão nesses quatro anos. Ainda com certo destaque, em nome da minha amiga professora Ana Carolina Bastos, agradeço a todos os membros e colaboradores do Programa de Extensão EFOPLI, pelo apoio moral e acadêmico em um período tão importante da minha carreira.

Significativamente, deixo um gigante OBRIGADO a minha família, Letícia, Pedro, Luísa e Artur, por sempre estarem lá por mim, suportando minha ausência e meu humor oscilante. Minha vida só tem significado por causa de vocês.

Fundamentalmente, devo gratidão a Deus, por me guiar desde então. Ainda mais em um ano pandêmico e de muitas perdas em várias esferas.

Finalmente, parafraseando Sêneca, arrisco a dizer que o viver é um ato de coragem, não às vezes, mas sempre.

Muito obrigado.

Leituras

— Você ainda não leu O Significado do Significado? Não? Assim você nunca fica em dia.

— Mas eu estou só esperando que apareça: O Significado do Significado do Significado.

(Mario Quintana)

RESUMO

A proposta do Léxico Gerativo (LG), cunhada por Pustejovsky (1991a, 1995), apresenta-se como uma das mais modernas abordagens componenciais para os estudos semântico-lexicais. Esse modelo teórico tem como premissa estudar aspectos já apontados como problemáticos para as teorias de Semântica Lexical, tais como a natureza polimórfica da linguagem. Nesse sentido, esta pesquisa de doutorado tem por objetivo analisar o comportamento semântico de algumas construções com os verbos leves (CVL) postos como prototípicos: ‘dar’, ‘fazer’, ‘ter’ e ‘tomar’. Por ser um estudo comparativo, algumas construções com as contrapartes desses verbos na Língua Inglesa (*to give*, *to do/to make*, *to have* e *to take*) também são analisadas, seguindo o mesmo protocolo. Assim, as CVL são discutidas sob a perspectiva do LG, considerando como aparato teórico os estudos de Pustejovsky (1991a, 1991b, 1995, 2013, 2014a, 2014b), fazendo uma confluência entre os estudos acerca dos verbos leves (VL), pautados em Jespersen (1954), Kearns (1988), Brugman (2001), Butt (2003), Perini (2017), entre outros. Partindo da premissa de que seria muito oneroso para a Semântica Lexical concordar com o pressuposto assumido pelas gramáticas tradicionais e de uso das línguas (Portuguesa e Inglesa), assim como por muitos linguistas, de que há um esvaziamento semântico desses verbos, quando eles funcionam como verbos leves (VL), busca-se responder aos seguintes questionamentos metodológicos: (a) as CVL são simplesmente combinações do tipo “verbo + complemento”, assim como a hegemonia dos estudos sobre essa classe verbal afirma, ou há uma alteração de sentido desses verbos em virtude desse complemento? e (b) caso haja registros de esvaziamento de sentido, não haveria alguma teoria da Semântica Lexical que explicasse o comportamento das CVL? A partir da busca de dados em *corpora* de língua em uso, delimitam-se, como *corpus* de análise, nove construções com os verbos mencionados, representativas do que se pretende analisar e comprovar. Baseados na hipótese de que nem todos os verbos leves possuem o esvaziamento de sentido, buscamos, com a análise dos dados, mostrar que um novo sentido pode ser atribuído aos verbos, tendo em vista que cada um deles pode estar em um espectro diferente da “gradação de leveza”. Os resultados mostram que o modelo proposto para as análises é bastante positivo e pode responder aos questionamentos de pesquisa. Conclui-se que há restrições, ao se aplicar essa definição de vazio semântico aos VL, pois cada verbo (quando comparado um com o outro) pode apresentar uma gradação de leveza diferente, dependendo do argumento interno que se apresenta. Isso posto, comprovamos que, em ambas as línguas estudadas, podemos encontrar alguns verbos “mais” leves do que outros, ou seja, verbos que apresentam um *bleaching* semântico mais acentuado do que outro, mesmo contrariando os estudos léxico-semânticos. Sendo assim, apresenta-se uma sugestão de acréscimo de observações nas entradas lexicais de dicionários, a fim de que se chame a atenção dos usuários de cada língua acerca do comportamento semântico desses verbos.

Palavras-chave: Semântica lexical, LG, verbos leves, mecanismos gerativos, polissemia.

ABSTRACT

The proposal of the Generative Lexicon (GL) coined by Pustejovsky (1991a, 1995) is presented as one of the most modern component approaches for lexical-semantic studies. The premise of this theoretical model is the study of aspects which have already been assumed as problematic by Lexical Semantics theories, such as the polymorphic nature of language. In this sense, this doctoral research aims to analyze the semantic behavior of some light verb constructions (LVC) seen as prototypical in Portuguese: *dar*, *fazer*, *ter* and *tomar*. As it is a comparative study, some constructions with the counterparts of these verbs in the English language (to give, to do/to make, to have and to take) are also analyzed, following the same protocol. Hence, the LVC are discussed under the perspective of the GL, considering, as the theoretical apparatus, the studies by Pustejovsky (1991a, 1991b, 1995, 2013, 2014a, 2014b), building a connection with the studies about light verbs (LV), based on Jespersen (1954), Kearns (1988), Brugman (2001), Butt (2003), Perini (2017), among others. Assuming that it would be very hard for Lexical Semantics (and many linguists) to agree with the assumption made by traditional grammars and language-in-use grammars (Portuguese and English), that there is a semantic void of these verbs when they function as light verbs (LV), we seek to answer the following methodological questions: (a) are LVC simply combinations of “verb + complement” kind, as the hegemony of the studies on this verbal class states, or is there a change in the meaning of these verbs due to this complement? and (b) if there are registers of emptiness of meaning, is there any Lexical Semantics theory able to explain the behavior of LVC? From the search of data in *corpora* of language in use, nine constructions with the mentioned verbs, which are representative of what is intended to be analyzed and verified, are defined as a *corpus* of analysis. Based on the hypothesis that not all light verbs would be meaningless, we aim, through data analysis, to show that a new meaning could be attributed to these verbs, considering that each of them could be on a different spectrum of the “lightness gradation”. The results show that the proposed model for the analyzes is really positive and make it possible for us to answer the research questions. We conclude that there are restrictions when applying this definition of semantic void to LV, since each verb (when compared to each other) may present a different ‘lightness gradation’, depending on the internal argument presented. This said, we prove that, in both languages, we can find some “lighter” verbs than others, that is, there are verbs which present a more accentuated semantic bleaching than others, even if it means to contradict the Lexical Semantic studies. Therefore, we suggest that it should be added observations in the lexical entries of dictionaries in order to draw the attention of the users of each language about the semantic behavior of these verbs.

Key words: Lexical semantics; GL; light verbs; generative mechanisms; polysemy.

RESUMEN

La propuesta del Léxico Generativo (LG), acuñada por Pustejovsky (1991a, 1995), se presenta como uno de los más modernos abordajes componenciales para los estudios semántico-lexicales. Este modelo teórico tiene como premisa estudiar aspectos ya apuntados como problemáticos para las teorías de Semántica Lexical, tales como la naturaleza polimórfica del lenguaje. En este sentido, esta investigación de doctorado tiene por objetivo analizar el comportamiento semántico de algunas construcciones con los verbos leves (CVL) puestos como prototípicos: ‘dar’, ‘hacer’, ‘tener’ y ‘tomar’. Por ser un estudio comparativo, algunas construcciones con las contrapartes de esos verbos en la lengua inglesa (*to give*, *to do/to make*, *to have* y *to take*) también son analizadas, siguiendo el mismo protocolo. Así, las CVL son discutidas bajo la perspectiva del LG, considerando como aparato teórico los estudios de Pustejovsky (1991a, 1991b, 1995, 2013, 2014a, 2014b), realizando una confluencia entre los estudios acerca de los verbos leves (VL), pautados en Jespersen (1954), Kearns (1988), Brugman (2001), Butt (2003), Perini (2017), entre otros. Partiendo de la premisa de que sería muy oneroso para la Semántica Lexical concordar con el presupuesto asumido por las gramáticas tradicionales y de uso de las lenguas (portuguesa e inglesa), así como por muchos lingüistas, de que hay un vaciamiento semántico de esos verbos cuando funcionan como verbos leves (VL), se busca responder a los siguientes cuestionamientos metodológicos: ¿(a) las CVL son simplemente combinaciones del tipo “verbo + complemento”, así como la hegemonía de los estudios sobre esta clase verbal afirma, o hay una alteración de sentido de dichos verbos en virtud del complemento? y (b) en caso de que haya registros de vaciamiento de sentido, ¿no habría alguna teoría de la Semántica Lexical que explicase el comportamiento de las CVL? A partir de la búsqueda de datos en *corpora* de lengua en uso, se delimitan, como corpus de análisis, nueve construcciones con los verbos mencionados, representativas de lo que se pretende analizar y comprobar. Basados en la hipótesis de que no todos los verbos leves poseen el vaciamiento de sentido, buscamos, con el análisis de los datos, mostrar que un nuevo sentido puede ser atribuido a los verbos, considerando que cada uno de ellos puede estar en un espectro diferente de la “gradación de levedad”. Los resultados muestran que el modelo propuesto para los análisis es bastante positivo y puede responder a los cuestionamientos de investigación. Se concluye que hay restricciones al aplicarse la definición de vacío semántico a los VL, pues cada verbo (cuando comparado a otro) puede presentar una gradación de levedad diferente, dependiendo del argumento interno que se presenta. Dicho esto, comprobamos que, en ambas lenguas estudiadas, podemos encontrar algunos verbos “más” leves que otros, o sea, verbos que presentan un *bleaching* semántico más acentuado que otro, aun contrariando los estudios léxico-semánticos. Siendo así, se presenta una sugerencia de adición de observaciones en las entradas lexicales de diccionarios a fin de llamar la atención de los usuarios de cada lengua acerca del comportamiento semántico de esos verbos.

Palabras-clave: Semántica lexical, LG, verbos leves, mecanismos generativos, polisemia.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1.....	48
QUADRO 2.....	54
QUADRO 3	55
QUADRO 4	55
QUADRO 5	56
QUADRO 6	57
QUADRO 7	58
QUADRO 8	64
QUADRO 9	64
QUADRO 10	65
QUADRO 11	65
QUADRO 12	74
QUADRO 13	74
QUADRO 14	76
QUADRO 15	77
QUADRO 16	79
QUADRO 17	79
QUADRO 18	85
QUADRO 19	87
QUADRO 20	88
QUADRO 21	88
QUADRO 22.....	93
QUADRO 23.....	96
QUADRO 24.....	96
QUADRO 25.....	97
QUADRO 26.....	97
QUADRO 27.....	100
QUADRO 28.....	104
QUADRO 29.....	104
QUADRO 30.....	105
QUADRO 31.....	105

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.....	18
FIGURA 2.....	18
FIGURA 3.....	20
FIGURA 4.....	39
FIGURA 5.....	75
FIGURA 6	78
FIGURA 7.....	86
FIGURA 8.....	94
FIGURA 9.....	95
FIGURA 10.....	103
FIGURA 11.....	103

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – Considerações iniciais	14
CAPÍTULO 2 – Contextualizando o objeto de pesquisa.....	24
2.1 Uma breve discussão sobre a dessemantização	25
2.2 A criação do termo <i>light verb</i> em meados dos anos 1950	27
2.3 As décadas de 1960 e 1970.....	27
2.4 A década de 1980	28
2.5 Da década de 1990 em diante	34
CAPÍTULO 3 – Contextualizando o modelo teórico para as análises.....	40
3.1 O modelo léxico-gerativo de James Pustejovsky	40
3.2 A estruturas semânticas conforme o LG.....	49
3.2.1 A estrutura argumental.....	49
3.2.2 A estrutura eventiva	50
3.2.3 A estrutura de qualia	52
3.3 Os mecanismos gerativos	59
3.3.1 Coerção de tipo	60
3.3.2 Ligação seletiva	61
3.3.3 Co-composicionalidade	62
CAPÍTULO 4 – Analisando e discutindo os dados coletados.....	66
4.1 Os critérios utilizados para a coleta dos dados	66
4.2 Análise das CVL do grupo (i): com ‘dar’ e com <i>to give</i>	72
4.3 Análise das CVL do grupo (ii): com ‘fazer’ e com <i>to do/to make</i>	81
4.4 Análise das CVL do grupo (iii): com ‘ter’ e com <i>to have</i>	90
4.5 Análise das CVL do grupo (iv): com ‘tomar’ e com <i>to take</i>	98
CAPÍTULO 5 – Considerações finais	107
REFERÊNCIAS.....	113
ANEXOS.....	119

CAPÍTULO 1 - Considerações iniciais

Por ser um campo dos estudos da linguagem visto como o mais sinuoso e que busca mostrar os limites e as modalidades possíveis de uma análise do sentido linguístico, por meio de unidades e estruturas próprias às línguas, a Semântica sempre despertou o interesse de estudiosos em setores de pesquisa distintos.

Esta subárea da Linguística centra forças em estudar, de forma sincrônica ou diacrônica, a significação dos sistemas das línguas naturais. Há, porém, inúmeras discussões acerca do que o significado pode significar nas várias teorias da Semântica. Souza (2017, p. 26), ao traçar um panorama histórico sobre as diversas vertentes da Semântica, diz que ela:

[...] começa a se estruturar ainda no historicismo, com Bréal, e ganha sua autonomia no período estruturalista nas suas vertentes: estruturalista clássica, gerativista e argumentativa. No entanto, o estudo sobre o significado ganha maior espaço no âmbito da Semântica Formal. Por outro lado, na sua vertente funcionalista, surge a Semântica Cognitiva, e a influência da Pragmática é muito notada nos estudos semânticos.

O mesmo autor ainda complementa em seu texto que a gênese da Semântica, desde o Ensaio de Semântica de Michel Bréal (1992 [1904]), se assemelha ao que hoje conhecemos como Semântica Lexical. De acordo com Murphy (2010), o léxico estudado pela Semântica Lexical, por exemplo, é uma coleção de expressões linguísticas significativas a partir das quais expressões linguísticas mais complexas são construídas. Para a autora, essas expressões lexicais são, na maioria das vezes, ‘palavras’ e, por isso, a Semântica Lexical é genericamente definida como o estudo do significado da palavra, apesar de o termo palavra, conforme nós usamos e conhecemos, não ser o mais adequado a ser utilizado. Nos estudos léxico-semânticos, o termo amplamente utilizado é item lexical.

Os principais fenômenos estudados pela Semântica Lexical são organizados ao longo de duas dimensões, segundo Geeraerts (2017). Conforme as palavras do autor, “faz uma diferença se olharmos para os fenômenos semânticos intrínsecos às palavras individuais ou se olharmos para estruturas significativas intrínsecas ao vocabulário como um todo” (p. 02, tradução nossa)¹. Terminologicamente, essa diferença de perspectivas pode ser expressa pela relação entre os itens lexicais e seus significados (Semasiologia) ou pela significação a partir dos conceitos que determinam as formas linguísticas a eles correspondentes (Onomasiologia).

¹ [...] it makes a difference whether we look at semantic phenomena within individual words or whether we look at meaningful structures within the vocabulary as a whole.

Provavelmente as duas questões que rondam a maioria das pesquisas em Semântica Lexical são: (i) como descrever o significado dos itens lexicais e (ii) como explicar a variação de significado de contexto para contexto. As duas perguntas nos parecem estar conectadas, tendo em vista que uma descrição adequada do significado deve ser capaz de apoiar nossa explicação da variação e nossa capacidade de interpretá-la. Esse estudo da variação contextual nos leva a dois caminhos. Em uma direção, somos levados aos processos de seleção de uma gama de possibilidades permanentemente disponíveis na língua. E, por outra, levados à criação de novos significados por meio de fenômenos como a polissemia, por exemplo, em resposta à pressão contextual. Uma compreensão da variação sincrônica do significado é essencial para uma compreensão da mudança diacrônica. Outra importante área é a investigação acerca da forma como os itens lexicais e as sentenças das línguas são estruturadas por meio de relações sistemáticas entre significados, como a sinonímia, a antonímia, a hiperonímia, a hiponímia etc. Por isso, é de responsabilidade da Semântica Lexical, que James Pustejovsky define como “o estudo de como e o que as palavras de uma língua denotam”² (1995, p. 01), estudar essas relações entre os itens lexicais que possuem sentidos inter-relacionados.

Entretanto, alguns semanticistas, que percorrem seus caminhos nas linhas da Semântica Lexical, ainda encaram obstáculos para pesquisar certos fenômenos e comportamentos dos itens lexicais. Conforme Moura e Pereira (2004), uma representação formal que dê conta do uso criativo das palavras, sua natureza polimórfica e demais fenômenos de extensão de sentido, é sempre um entrave para alguns semanticistas ao tentar explicitar o funcionamento do léxico. Dentro desse contexto, o modelo teórico desenvolvido pelo norte-americano James Pustejovsky, em meados dos anos 90, buscou atender a essa necessidade que muitos pesquisadores almejavam. O Léxico Gerativo (ou LG) passou a disponibilizar auxílio às pesquisas no que concerne a modelos que dessem conta do uso criativo dos itens lexicais, da permeabilidade do sentido desses itens lexicais e das expressões de várias formas sintáticas, o que fortaleceu as inúmeras investigações a respeito do fenômeno da polissemia.

Inserido nas leituras desse arcabouço teórico, buscamos temas que estivessem imersos no modelo teórico do Léxico Gerativo, mas pudessem ser relacionados com alguma seara da linguística, além da Semântica Lexical. Nas inúmeras leituras dos textos de Pustejovsky (1991a, 1991b, 1995, 2012, 2013, 2014a, 2014b), percebemos que havia uma incipiente menção ao comportamento semântico de uma classe verbal de que o autor aparentemente não tratou com

² [...] the study of how and what the words of a language denote [...]

muita relevância: a classe dos verbos leves (ou VL), como, por exemplo, o verbo ‘tomar’ na construção ‘tomar banho’.

Em leituras subsequentes e iniciais da pesquisa, vimos que, em linhas gerais, construções com esse tipo de verbo são tidas como construções sintáticas em que o verbo é vazio de sentido. Envolvidos pelas concepções da Semântica Lexical, essa visão de esvaziamento nos deixou bastante intrigados, levando-nos a suspeitar de que haveria certa irregularidade desse fenômeno nas construções com os VL. Com base nisso, partindo da premissa de que seria muito oneroso para a Semântica Lexical concordar com esse pressuposto assumido pelas gramáticas (tradicionais e de uso da língua) e por muitos linguistas de que há esse esvaziamento semântico dos VL, levantamos a hipótese de que nem todas as construções com os verbos leves (as CVL³) apresentam esse esgotamento, pois acreditamos que um novo sentido pode ser atribuído ao verbo.

Ao construirmos a nossa hipótese, deparamo-nos com duas perguntas exploratórias que motivaram o início das pesquisas: (a) as construções com os verbos leves (CVL) são simplesmente combinações do tipo “verbo + complemento”, assim como a hegemonia dos estudos sobre essa classe verbal afirma, ou há uma alteração de sentido do verbo em virtude desse complemento?; (b) caso existam registros de esvaziamento de sentido, não haveria alguma teoria da Semântica Lexical a qual explicasse o comportamento das CVL?

Balizados pelo LG como uma abordagem que pudesse demonstrar nossa hipótese, na tentativa de ir de encontro ao que maioria das gramáticas (tradicionais e de uso) e de linguistas afirma, optamos por delimitar a busca e a compressão, de forma comparativa, do comportamento semântico de algumas CVL prototípicas em Língua Portuguesa e em Língua Inglesa, com a finalidade de colaborar para a pesquisa linguística e para a elaboração de materiais para cada língua, além de contribuir para os estudos semântico-lexicais que buscam uma interface com a Sintaxe.

Com isso, estabelecemos que o nosso objetivo maior seria a análise, em *corpora* de língua em uso (um em português e um em inglês), mediante um outro olhar, ou seja, via teoria do LG, do comportamento semântico de algumas construções com os VL ‘dar’, ‘fazer’, ‘ter’ e ‘tomar’ da Língua Portuguesa e de algumas construções com os VL *to give*, *to do/to make*, *to have* e *to take* da Língua Inglesa. Para atingir nosso objetivo geral, foi necessário que também estabelecêssemos nossos objetivos específicos, a fim de auxiliar o percurso da nossa pesquisa:

³ A instanciação linguística para a verificação do status de VL (verbo leve), a CVL, é compreendida neste trabalho como a composição “VL + complemento”.

(1) descrever, semanticamente, os dados recortados e analisar se e como ocorre a transmissão de sentido dos complementos para os VL, verificando se se trata de um fenômeno de esvaziamento de sentido do verbo ou de polissemia; (2) realizar uma análise do comportamento dessas estruturas entre a Língua Portuguesa e a Língua Inglesa e (3) demonstrar que, em algumas CVL, há informações interpretativas e algumas restrições ao se aplicar esse vazio semântico aos VL.

A partir disso, na etapa de escolha dos dados que seriam analisados, buscamos *corpora* de língua em uso (em Língua Portuguesa e em Língua Inglesa), acreditando que tais dados poderiam trazer muito mais credibilidade à pesquisa, tendo em vista que um *corpus*, seja de que tipo for, é tido como representativo de um idioma ou de uma variedade dele. Seguindo esse raciocínio, sabemos que a elaboração de uma pesquisa de tese, sendo um extensivo processo de investigação acadêmico-científica, necessita de que as opções metodológicas adotadas sejam detalhadamente apresentadas, com o escopo de que possamos obter êxito na coleta e análise dos dados.

Assim, o percurso metodológico deste trabalho se deu mediante leituras das referências bibliográficas relacionadas aos arcabouços teóricos necessários para o desenvolvimento dos capítulos (haja vista as referências que serão apresentadas em parágrafos subsequentes), além de coleta e análise dos dados que tentaram responder aos nossos questionamentos, a fim de que pudéssemos atingir os objetivos estabelecidos. Inicialmente, a pesquisa percorreu um caminho de averiguação das referências bibliográficas necessárias para suprir o embasamento teórico, caracterizando uma pesquisa qualitativa teórica. Concomitantemente, a investigação se revestiu de um caráter exploratório, visto que os dados foram coletados de dois *corpora on line*.

Uma coletânea de dados consultada foi o *Corpus do Português: web/dialect*[®]. Esse *corpus*, parte integrante da Coleção *Corpora BYU*, lançado em 2006, é um *corpus* linguístico de textos da Língua Portuguesa, compilado e mantido pelos pesquisadores Mark Davies (*Brigham Young University*) e Michael J. Ferreira (*Georgetown University*), com suporte financeiro proveniente do *U.S. National Endowment for the Humanities*. De acordo com as informações obtidas em Davies (2016), a Coleção *Corpora BYU* para dados em Língua Portuguesa é constituído de quatro subcorpora:

o corpus do português

English **Português**

Criado pelo Professor Mark Davies, BYU. Financiada pelo National Endowment for the Humanities (2004, 2015). Faz parte da coleção *corpora da BYU*.

	Corpus	Tamanho	Criado	Mais informação
1	Gênero / Histórico	45 milhões de palavras	2004-06	Info
2	Web / Dialetos	1 <i>bilhão</i> de palavras	2015-16	Info
3	NOW (2012 - o mês passado)	1,1 <i>bilhão</i> de palavras	2018	Info
4	WordAndPhrase	40.000 palavras principais	2017	Info

Figura 1 – (Fonte: <http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>, 2020)

O *Corpus do Português: web/dialect*[®] é composto por um bilhão de palavras em um milhão de páginas na internet oriundas de quatro diferentes países falantes de Língua Portuguesa (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique). O novo *Corpus do Português: web/dialect*[®] (2016) contém uma base de dados com cinquenta vezes mais palavras do que o Corpus de Português: Gênero/Histórico e apresenta uma base de dados muito mais rica ao usuário e com uma maior variedade também (conforme a Figura 2).

Corpus do Português: Web/Dialects

SEARCH FREQUENCY CONTEXT TEXTS

The corpus is composed of about one billion billion words in more than one million web pages from 85,000 websites in four different Portuguese-speaking countries ([more information](#)). You can [download metadata](#) (country, genre, URL, title, # words, etc) for all 2.0 million web pages (ZIP file: 115 MB). See also some good examples of using the corpus to look at [differences between the dialects](#).

Country	Code	General (may also include blogs)			(Only) Blogs			Total		
		Words	Web pages	Web sites	Words	Web pages	Web sites	Words	Web pages	Web sites
Brazil	BR	319,435,592	286,712	25,351	336,244,918	321,305	35,248	655,680,510	608,017	60,599
Portugal	PT	136,144,529	184,512	12,082	190,503,822	221,338	9,005	326,648,351	405,850	21,087
Angola	AO	17,877,399	19,178	1,240	17,255,595	21,233	418	35,132,994	40,411	1,658
Mozambique	MZ	16,936,743	19,236	1,065	15,070,829	17,910	404	32,007,572	37,146	1,469
TOTAL		490,394,263	509,638	39,738	559,075,164	581,786	45,075	1,049,469,427	1,091,424	84,813

Notes on [duplicate texts](#).

Figura 2 – (Fonte: <http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>, 2020)

Em consulta à página que hospeda esse *corpus*, é possível verificar que os pesquisadores relatam que as páginas da *web* começaram a ser coletadas, ao final do ano de 2015, por meio da seguinte metodologia:

- a. A lista de páginas da *web* foi criada executando centenas de n-gramas (ou sintagmas) de alta frequência do *Corpus* do Português e do *Google*, para gerar páginas da internet essencialmente "aleatórias";

- b.** Esse processo foi repetido para cada um dos quatro países diferentes (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique), e limitou-se o país usando a função "Pesquisa avançada" do *Google* por região. Conforme explicações obtidas pelos criadores do *Corpus*, para que o *Google* reconheça a procedência de uma página na internet, o *site* de busca afirma que confia no domínio de um país (*.br*, *.pt*, *.ao*, *.mz*, por exemplo)⁴ e que, caso um domínio internacional seja usado, o *Google* confia em vários sinais: endereços IP, informações de localização na página, *links* para a página e informações relevantes do *Google Places*. Por exemplo, para um endereço *.com* (onde nenhum domínio de nível superior está listado), o *Google* tentará usar o endereço IP (que mostra onde o computador está fisicamente localizado). Mas, mesmo que isso falhe, o *Google* ainda pode ver que 95% dos visitantes do *site* vêm do Brasil e que 95% dos *links* para essa página são do Brasil;
- c.** Também, além de estabelecer quatro formas de pesquisa (para cada um dos quatro países) com buscas "gerais" no *Google* (todas as páginas da rede), os pesquisadores também repetiram isso com a busca por páginas de *blogs* (utilizando as buscas avançadas e por região em ambos os casos);
- d.** Os pesquisadores, então, realizaram o *download* de todos os milhões de páginas da internet por meio do *HTTrack*, um *freeware* acessível e prático para o armazenamento e visualização de *sites* no modo *offline*, o qual permite que o usuário use o navegador habitual, como se estivesse *on-line*;
- e.** Em seguida, foram removidos de duas milhões de páginas, com o auxílio da ferramenta *JusText*, os cabeçalhos, os rodapés, as barras laterais etc.;
- f.** Finalmente, foram utilizadas as combinações dos n-gramas, para eliminar as páginas duplicadas. Ainda mais difícil foi a remoção de "trechos" (*snippets*) duplicados de textos em várias páginas da *web* (por exemplo, avisos legais ou informações sobre o criador de um *blog* ou um colunista de jornal), que a *JusText* não eliminou. Os pesquisadores afirmam que, embora ainda haja,

⁴ Estes são os domínios das páginas na internet dos países seleccionados para o *corpus*.

indubitavelmente, alguns textos duplicados, continuam trabalhando para aprimorar o *corpus*.

A busca por dados nesse *corpus* é realizada a partir do clique em qualquer um dos *links* no formulário de pesquisa à esquerda, para obter o contexto utilizado, além de ter acesso ao intervalo de consultas que o *corpus* oferece. É possível verificar as comparações entre os dialetos e os (novos) *corpora* virtuais que permitem criar coleções personalizadas de textos relacionados a uma área específica de interesse.

A outra coletânea de dados consultada foi o *Corpus of Contemporary American English (COCA)*⁵, também criado por Mark Davies (2008)⁵, em 1990, o qual faz parte do *English-Corpora.org*. O *COCA*[®] é, nas palavras do pesquisador, provavelmente o *corpus* do inglês mais amplamente utilizado e está relacionado a muitos outros *corpora* criados por ele e seus colaboradores, oferecendo uma visão incomparável das variações da Língua Inglesa. O *English-Corpora.org* contém *corpus* completos de textos, e podem ser realizados *downloads* de nove grandes *corpora* da Língua Inglesa, além do *COCA: iWeb, NOW, Wikipedia, COHA, GloWbE*, e, mais recentemente (junho de 2019), *TV Corpus, Movies Corpus, SOAP Corpus*. Segundo Davies, os dados são amplamente utilizados por centenas de universidades ao redor do mundo assim como por uma larga variedade de empresas multinacionais.

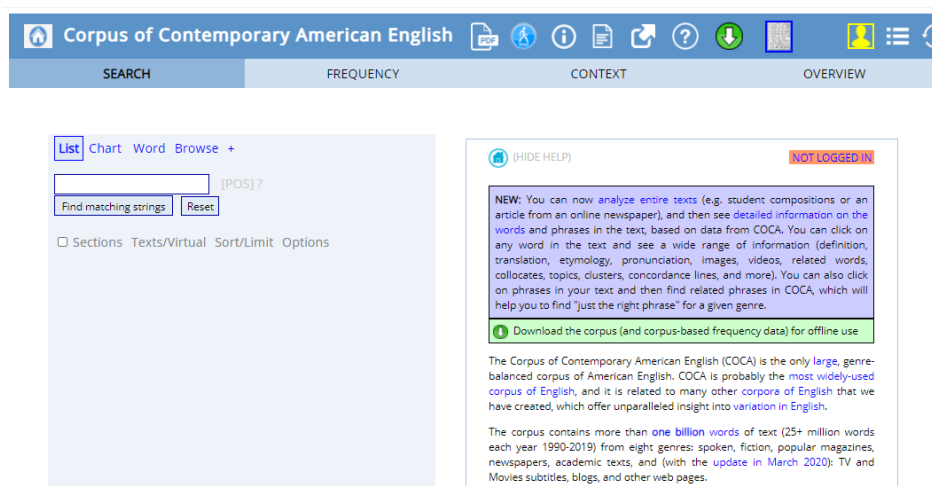


Figura 3 – (Fonte: <https://www.english-corpora.org/coca/>, 2020)

Conforme Davies (2008), o *Corpus of Contemporary American English (COCA)*[®] contém mais de quinhentos e sessenta milhões de textos (vinte milhões de palavras a cada ano, de 1990 a 2019). É o único dessa magnitude que se apresenta equilibrado quanto ao gêneros textuais na Língua Inglesa. O *COCA*[®] é, nas palavras do pesquisador, provavelmente o *corpus*

⁵ DAVIES, Mark. **The Corpus of Contemporary American English (COCA): 560 million words, 1990-present.** Disponível o-line em: <https://corpus.byu.edu/coca/>, 2008.

do inglês mais amplamente utilizado. O *COCA*⁶, segundo os autores, é o primeiro grande *corpus*, dividido por gênero textual, projetado e construído, desde o início, como um '*corpus* de monitoração', que pode ser usado para rastrear e estudar, com precisão, mudanças recentes em Língua Inglesa. O banco de dados de um bilhão de palavras⁶ é dividido igualmente entre livros falados, ficção, revistas populares, jornais e revistas acadêmicas. De acordo com informações obtidas no sítio do *corpus*, sabe-se que o equilíbrio de gêneros permanece quase o mesmo de ano para ano, o que permite modelar, com exatidão, as mudanças no mundo real.

O *COCA*[®] é composto por n-gramas⁷ com que é possível realizar consultas poderosas, sem precisar acessar o *corpus* por meio da interface da *web*. Conforme os autores, a atualização mais recente foi realizada no ano de 2019. Os textos selecionados, balizados pelo sistema de classificação da Biblioteca do Congresso Nacional estadunidense, são procedentes de várias fontes que assim seguem:

- Falado: (127.396.932 de palavras) – transcrições realizadas a partir de conversas não escritas de aproximadamente 150 programas diferentes de rádio e televisão estadunidenses;
- Ficção: (119.505.305 de palavras) – contos, peças, primeiros capítulos de livros e roteiros de filmes;
- Revistas populares: (127.352.030 de palavras) – aproximadamente 100 diferentes tipos de revistas, de diferentes temas: notícias, saúde, casa e jardim, universo feminino, religião e esportes;
- Jornais: (122.958.016 de palavras) – dez jornais estadunidenses com textos de diferentes seções: notícias locais, opinião, esportes e economia;
- Periódicos acadêmicos: (120.988.361 de palavras) – mais de 200 diferentes periódicos acadêmicos revisados por pares, fazendo a cobertura da mais ampla gama de disciplinas acadêmicas: educação, ciências sociais, história, humanidades, direito, medicina, filosofia, religião, negócios e ciência e tecnologia;
- Gêneros representativos da *Web*: (129.899.427 de palavras) – textos classificados como gêneros da *web* (por Serge Sharoff⁸): acadêmicos, argumentativos, de

⁶ Dados atuais de março de 2020. (Fontes: <https://www.english-corpora.org/coca/> e https://www.english-corpora.org/coca/help/coca2020_overview.pdf)

⁷ Na linguística computacional, um n-grama é uma sequência contígua de n itens de uma dada amostra de texto ou fala. Os itens podem ser fonemas, sílabas, letras, palavras ou pares de bases de acordo com a aplicação. Os n-gramas são tipicamente coletados de a partir de um texto ou de um *corpus* de fala. (Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/N-gram>, tradução nossa).

⁸ O Professor Dr. Serge Sharoff, entre outros estudos, realiza sua pesquisa fazendo a curadoria digital de *corpora* representativos coletados automaticamente da *Web*, ou seja, suas anotações em termos de gêneros, domínios ou categorias morfosintáticas. (Fonte: <https://ahc.leeds.ac.uk/languages/staff/1137/dr-serge-sharoff>).

ficção, informativos, instrucionais, jurídicos, noticiário, retirados da porção estadunidense do GloWbE *corpus*⁹.

- Blogs: (125.496.216 de palavras) - textos classificados pelo *Google* como *blogs*, retirados da porção estadunidense do GloWbE *corpus*.

- Televisão/Cinema: (129.293.467 de palavras) - legendas do OpenSubtitles.org, e posteriormente dos *corpora* TV e Cinema. Estudos mostram que a linguagem desses programas e filmes é ainda mais coloquial do que os dados reais do "*corpora* falado".

Pensando nos dados coletados, no segundo capítulo, visando contextualizar o nosso objeto de pesquisa, realizamos um levantamento do estado da arte acerca dos verbos leves (VL). Para esse capítulo, sentimos a necessidade de realizar um trabalho de curadoria com o intuito de apresentarmos a maior quantidade de referências sobre essa classe verbal. Logo na primeira seção do capítulo, sob o prisma de Hopper e Traugott (1993), Sinclair (1991), Enfield (2003), Heine (2003) e Humez et al. (2010), apresentamos uma breve discussão sobre um aspecto relevante acerca dos VL: a dessemantização. Na segunda seção, começamos a nossa trajetória pela história, mostrando o que Otto Jespersen (1954), em sua *Modern English Grammar*, disse a respeito do nosso objeto de estudo. Na seção seguinte, conseguimos algumas informações sobre o que Nickel (1968) e Live (1973) disseram entre as décadas de 1960 e 1970. Logo depois, na quarta seção, os anos de 1980 se apresentam com as discussões de Cattell (1984), Wierzbicka (1982), Akimoto (1989), até chegarmos aos testes que Kearns (1988) realizou, subdividindo esses verbos em duas subclasses: a dos verbos leves verdadeiros e a dos verbos de ação vaga. Na quinta e última seção desse capítulo teórico, trouxemos as reflexões de Willis (1990), Lewis (1993), Grimshaw e Mester (1998), Brugman (2001), Butt (1995, 2003), Duarte et al. (2009) e Perini (2017). Finalizamos o capítulo com uma breve linha do tempo, com o intuito de resumir o que foi apresentado no capítulo.

Prosseguindo, apresentamos, no terceiro capítulo, uma compilação de aspectos do modelo teórico do Léxico Gerativo (LG) indispensáveis para esta pesquisa de Tese, com o objetivo de contextualizar a concepção utilizada na análise do *corpus*. Todo esse capítulo segue o embasamento epistemológico de James Pustejovsky (1991a, 1991b, 1995, 2012, 2013, 2014a, 2014b), além de autoras como Chishman (2000), Trindade (2006, 2012), entre outros. Na parte inicial, será apresentado o percurso que Pustejovsky percorreu, para cunhar a sua teoria. Nessa parte, serão apresentadas as estruturas semânticas conforme o LG, pois três delas serão utilizadas nas nossas análises. Além disso, traremos as teorizações acerca dos mecanismos

⁹ <https://www.english-corpora.org/glowbe/>

gerativos, direcionando o foco principalmente para o mecanismo da co-composicionalidade, de extrema importância para justificar o comportamento semântico dos nossos dados.

Selecionados os *corpora* e coletados os dados necessários para a nossa pesquisa, encaminhamo-nos para a construção do nosso quarto capítulo, que apresenta uma discussão estritamente ancorada nos dois capítulos teóricos desta Tese. Nesse capítulo, apresentamos as análises das estruturas semânticas das CVL formadas pelos quatro VL prototípicos citados no início desta introdução. Em nossas análises, são apresentadas as matrizes, conforme o LG, de construções tidas como as mais recorrentes nos *corpora* previamente citados. Estabelecemos como necessária uma comparação com as entradas lexicais de alguns dicionários (em português e em inglês), para que pudéssemos verificar o comportamento de cada verbo enquanto classificado na sua forma plena e quando classificado na sua forma leve. Também, nesse capítulo, apresentamos nossas justificativas para incluir os VL estudados em diferentes posições (ou espectros) do que decidimos denominar ‘gradação de leveza’. A título de organização, possibilitando uma seção independente para cada VL, ainda que conversem entre si, para orientar o leitor da Tese na comparação entre o comportamento semântico de um verbo e de outro. A segunda seção do capítulo traz as nossas reflexões acerca das construções que são formadas com o verbo ‘dar’ e com o *to give*. Na seção seguinte, surge a discussão sobre o VL ‘fazer’ e suas contrapartes bem particulares *to do/to make*. Na quarta seção, trouxemos uma interessante discussão sobre o ‘ter’ e o *to have*, quando se encontram em suas formas leves. Na última seção de nossas análises, apresentamos as nossas impressões e justificativas para aquele que consideramos o verbo mais leve dos quatro selecionados. É nesta seção que analisamos o VL ‘tomar’ e um de seus equivalentes na Língua Inglesa, o verbo *to take*.

Após esse mergulho teórico e analítico, chegamos ao capítulo em que relembramos alguns pontos principais percorridos até a conclusão desta pesquisa e apresentamos o que as análises nos revelaram. Na parte final, concluiremos que nem todos os verbos leves possuem o esvaziamento de sentido, pois um novo sentido pode ser atribuído aos verbos, tendo em vista que cada um deles pode estar em um espectro diferente da “gradação de leveza”, dependendo do argumento interno que se apresenta. Os resultados mostrarão que o modelo proposto para as análises é bastante positivo e pode responder aos questionamentos de pesquisa, além de deixar contribuições não apenas para os estudos da área da Semântica Lexical, mas também para a elaboração de compêndios gramaticais e dicionários de português e de inglês, tendo em vista que construções com os verbos leves são muito frequentes em ambas as línguas.

CAPÍTULO 2 – Contextualizando o objeto de pesquisa

Nosso primeiro capítulo teórico traz referências aos estudos do objeto de pesquisa: o verbo leve (ou simplesmente VL). Nos estudos linguísticos, um VL é um verbo que faz parte do que chamamos um predicado complexo (um composto verbo + complemento)¹⁰ e que “possui pouco conteúdo semântico próprio, porém fornece alguns detalhes sobre o evento semântico, geralmente informações aspectuais ou temporais” (SHOMOSSI; SHOMOSSI, 2012, p. 03, tradução nossa)¹¹. Essa classe verbal recebeu uma atenção considerável de linguistas de diferentes embasamentos teóricos (Cf. SHAHROKHY-PREHN; HÖCHE, 2011) e tornou-se um tópico bastante discutido e pesquisado nos últimos anos, sobretudo em Língua Inglesa e, especialmente, em consequência do desenvolvimento da linguística de *corpus* e da linguística computacional.

Buscaremos apresentar, da forma mais ampla possível, o estado da arte do que foi e o que ainda está sendo discutido sobre os VL, trazendo desde a gênese do termo *light verb*, apresentado em Língua Inglesa em meados dos anos 1950, até os estudos mais atuais, realizados em diversas línguas naturais.

Conforme Guňková (2011), se pensarmos na conjugação perifrástica da forma canônica, em inglês, *have a look*, por exemplo, teremos que esta é uma característica marcante do inglês moderno e que tem intrigado estudiosos da linguagem desde períodos anteriores à Escola de Praga até os dias de hoje. Stein (1991, p. 02) diz que alguns linguistas não perceberam o padrão subjacente de algumas estruturas com VL em virtude das idiossincrasias dessas expressões.

Os VL são interessantes para os linguistas de uma variedade de perspectivas, incluindo a linguística diacrônica e a linguística computacional. A partir de uma perspectiva diacrônica, diz-se que o VL é uma evolução do verbo pleno (ou “pesado”) por meio do *bleach* semântico, como veremos mais adiante. Nesse sentido, o VL é frequentemente visto como parte de um *cline*¹²: verbo (pleno) → verbo leve → verbo auxiliar → clítico → afixo → conjugação.

¹⁰ Podemos também utilizar o termo ‘construções com os verbos leves’ (CVL).

¹¹ [...] has little semantic content of its own, but provides some details on the event semantics, often aspect or temporal information.

¹² [...] No processo de gramaticalização, uma palavra lexical é transformada em uma palavra gramatical. O processo pelo qual a palavra deixa a sua classe original de palavras e entra em outra não é súbito, mas ocorre através de uma série gradual de deslocamentos individuais. Os estágios de sobreposição da gramaticalização formam uma cadeia, geralmente chamada de *cline*. [...] (ARAÚJO, 2013).

Antes de nos inserirmos propriamente na história dos VL, cabe aqui apresentar uma discussão muito recorrente quando se fala em VL: a questão da perda do seu conteúdo semântico, ou a dessemantização. Na seção que segue, apresentaremos uma síntese acerca desse assunto.

2.1 Uma breve discussão sobre a dessemantização¹³

A perda do conteúdo semântico dos verbos nas construções com os verbos leves (ou as CVL) é algo bem marcado no discurso dos autores, ao escreverem seus textos de pesquisas sobre o português do Brasil, ou sobre o português de Portugal, assim como sobre a Língua Inglesa (seja nos EUA, na Inglaterra ou em outros países) e sobre outras línguas naturais.

Conforme estudos funcionalistas, a dessemantização é um mecanismo que faz parte do conjunto de mudanças conhecido como gramaticalização. Baseando-nos em Heine (2003), podemos dizer que a dessemantização é compreendida como a redução semântica, o desbotamento¹⁴ ou a perda (parcial) do conteúdo semântico de um item lexical.

A origem do conceito de ‘desbotamento’ surgiu em 1891, a partir dos estudos do linguista alemão Georg von der Gabelentz (cf. HUMEZ et al., 2010, p. 59), ao relatar que, quando novas palavras são criadas, a partir de outras mais antigas, “cores novas e mais frescas cobrem as antigas e desbotadas” (tradução nossa, p. 60)¹⁵. Curiosamente, Humez et al. (2010) dizem que há duas possibilidades: ou a palavra antiga desaparece sem deixar vestígios, ou ela continua de forma mais ou menos como uma estrutura vestigial¹⁶ – “...se aposenta da vida pública” (tradução nossa, p. 60)¹⁷.

Mesmo que alguns dos autores, ao estudarem esse mecanismo de dessemantização, afirmem que, em certas mudanças semânticas, algo fica perdido, Hopper e Traugott (1993, p. 84), citados por Enfield (2003, p. 37), apontam para o fato de que, que em alguns casos típicos de gramaticalização, há uma certa redistribuição ou uma leve mudança de significado, e não uma perda, ou desbotamento. Para Enfield (2003, p. 37),

¹³ O termo original em língua inglesa é “*delexicalization*”. Optamos pelo termo, em português, “dessemantização”, em virtude de ser o termo mais utilizado pelas pesquisas relativas aos Verbos Leves no Brasil.

¹⁴ Consultar Sweetser (1988) sobre o “*semantic bleaching*”.

¹⁵ [...] fresher new colors cover the bleached old ones [...]

¹⁶ Os autores se apropriam do termo da Biologia que faz referência aos órgãos que podem perder ou modificar a sua funcionalidade não exercendo mais a sua principal função anterior.

¹⁷ [...] retires from public life [...]

para determinar se a mudança semântica envolveu a perda, devem-se medir as diferenças entre as especificações positivas dos significados putativos ‘antes’ e ‘depois’, tornando assim a alegação de ‘perda semântica’ uma expressão falsificável. As necessárias formulações explícitas de significados envolvidos raramente são publicadas na literatura existente. (tradução nossa)¹⁸

A classe morfológica dos verbos, de uma forma geral, pode ser inserida em várias estruturas que se diferenciam não pela forma, mas pela carga semântica. Vejamos o que acontece com alguns exemplos do verbo *have* (ter):

- Na sua forma plena¹⁹, em que os complementos direcionam o sentido do verbo:

(1) *have a car* – o verbo *have* com o sentido de possuir um objeto físico;

(2) *have a child* – o verbo *have* com o sentido de ser ou se tornar pai/mãe - relacionamento familiar;

(3) *have a cold* – o verbo *have* com o sentido de estar acometido de doenças;

- Na sua forma leve, em que o sentido é dado a partir da construção como um todo:

(4) *have a smoke* – a construção tem o sentido de fumar um cigarro;

(5) *have a shower* – a construção tem o sentido de banhar-se;

Com estes registros, temos uma rápida demonstração da abrangência das diferenças semânticas que o *have* possui em diferentes combinações lexicais. Os exemplos nos sugerem, portanto, que a participação semântica deste verbo na sua forma leve é uma questão de verificar até que ponto ele mantém o seu significado pleno ou não.

Sinclair (1991) observa muito bem que a dessemantização se apresenta como uma tendência para palavras frequentes: “[...] com palavras muito frequentes, nós estamos reduzidos a falar sobre usos ao invés de sentidos. A tendência pode ser vista como uma progressiva (des)semantização [...]” (p. 113, tradução nossa)²⁰. Biber et al. (2002) alegam que os VL na Língua Inglesa possuem um certo caráter de idiomaticidade em algumas situações (*have a look*), enquanto, em outras, possuem o significado pleno (*have a sandwich*).

É interessante mencionar que o termo dessemantização, para alguns autores, não está restrito apenas à classe dos verbos. Lewis (1993, p. 143), por exemplo, ao utilizar o termo “*de-lexicalised words*”, apresenta dois grupos, os verbos (*have, make, do, get, put, take*) e as

¹⁸ [...] To determine whether a semantic change has involved 'loss', one must measure the differences between positive specifications of the putative 'before' and 'after' meanings, thus making the claim of 'semantic loss' a falsifiable one. The necessary explicit formulations of meanings involved are seldom forthcoming in existing literature. [...]

¹⁹ Nas subseções que seguem, entenderemos melhor o que seria a forma plena e a forma leve de um verbo.

²⁰ [...] with the very frequent words, we are reduced to talking about uses rather than meanings. The tendency can be seen as a progressive delexicalization [...]

“*function words*” (*with, by, of, in, out of*), que nada mais são que itens lexicais em inglês que nos ajudam a conectar as informações importantes, ou seja, que deixam nossas sentenças gramaticalmente corretas.

Posto o debate, seguiremos com a história dos VL.

2.2 A criação do termo *light verb* em meados dos anos 1950

Há inúmeros registros, em artigos e teses na Linguística, de que Otto Jespersen (1954. Vol VI, p. 117), em sua *Modern English Grammar*, cunhou o termo *Light Verbs* na Língua Inglesa, quando se referiu àquelas combinações que estão “de acordo com uma tendência geral do inglês moderno de posicionar um verbo insignificante, com marcas de tempo e pessoa, antes da informação que realmente importa” (tradução nossa)²¹.

Jerpersen aplicou essa afirmação às construções em inglês V + SN (*have a rest, take a walk e give a sigh*, por exemplo) onde o significado dessas combinações é determinado principalmente por seu complemento nominal (ou seja, ‘um descanso’, ‘uma caminhada’ ou ‘um suspiro’). Estas combinações ou construções a que o autor se referiu eram formadas por verbos ditos governantes (ou principais), e os complementos que, juntos, formam um predicado complexo com um conteúdo temático na posição de argumento, que aparenta ser determinado pelo nome que o acompanha.

2.3 As décadas de 1960 e 1970

No final dos anos 1960, um estudo um pouco mais sistemático sobre essa classe verbal foi realizado por Nickel (1968), conforme posto por Allan (1998, p. 02). Nickel (1968), ao concordar com a teoria da perspectiva da sentença funcional, desenvolvida por Mathesius (1913 apud ALLAN, 1998) e outros da Escola de Praga, sugerem o termo *function verb*, com o intuito de enfatizar o papel tematizador desempenhado pelo verbo dentro dessa perspectiva.

Live (1973), ao enxergar esse tipo de verbo como “quase desprovido de significado lexical”, prefere os termos *light* (leves) ou *lexically empty* (lexicamente vazios). A autora ainda enfatiza a forte semelhança com o verbo auxiliar, observando que ambos se originam no inglês

²¹ [...] in accordance with the general tendency of Modern English to place an insignificant [sic] verb, to which the marks of person and tense are attached, before the really important idea. [...]

antigo, e aponta que são tipicamente enfraquecidos, contribuindo para que o "o significado lexical característico seja erodido" (LIVE, 1973, apud ALLAN, 1998, p. 02, tradução nossa)²².

2.4 A década de 1980

No final dos anos 1980, Akimoto (1989) realizou um estudo relevante sobre esta classe verbal, entretanto, a maior parte dos artigos apresentados pelo autor neste estudo, conforme Guňková (2011), não é baseada em *corpora*, diferentemente da maioria das pesquisas mais atuais, que realizam a comparação entre algumas línguas naturais.

Para a nossa pesquisa de Tese, optamos por buscar os exemplos em *corpora online*, em Língua Portuguesa e em Língua Inglesa, pois acreditamos que sejam compostos por textos autênticos e com uma linguagem natural, o que dará mais veracidade às análises empreendidas. Essa necessidade de conduzir as pesquisas baseadas em um *corpus* reflete as tentativas de, a longo prazo, classificar os VL tanto sob o enfoque sintático (WIERZBICKA, 1982) quanto sob o enfoque semântico (Cf. KEARNS, 2002 [1988],).

Em busca do que foi dito por Wierzbicka (1982), percebemos que a autora, ao se preocupar com a explicação semântica de frases com uma estrutura tipo “*have a V*”²³, não sugere um termo específico, para tratar estas e outras estruturas semelhantes. Ela explicita, no entanto, sua suposição de que “o verbo na construção *have a V* refere-se a uma ação intencional ou semi-intencional, ao invés de um evento involuntário.” (p. 796, tradução nossa)²⁴. Considerando que, em nenhum ponto da sua discussão, Wierzbicka se refere a conceitos como ‘funcionalidade’, ‘leveza’ ou ‘deslexicalização’, podemos pensar que a autora percebe este tipo de verbo como algo lexicalmente importante.

Ainda no final desta mesma década, Kearns (2002 [1988])²⁵ trouxe a público a sua investigação, seguindo um viés semântico sobre os VL, estabelecendo o comportamento de dois subtipos de CVL: as construções com os verbos leves verdadeiros (*true light verbs*) e as construções com os verbos de ação vaga (*vague action verbs*), ou seja, aquelas dos predicados leves verdadeiros e as dos predicados de ação vaga respectivamente.

²² [...] characteristic lexical meaning is eroded [...]

²³ have a + Verb

²⁴ [...] the verb in the have a V construction refers to an intentional or semi-intentional action, rather than to an involuntary event [...]

²⁵ O texto original foi publicado em 1988 com uma reedição em 2002.

Com isso, a autora sugere a divisão em duas categorias distintas: uma categoria para as construções como *give the floor a sweep* (dar uma varrida no chão), *give a groan* (dar um gemido) e *have a lick of this ice cream* (dar uma lambida neste sorvete) e outra categoria para as construções tais como *make an inspection* (fazer uma inspeção), *give a demonstration* (dar uma demonstração) e *do the ironing* (passar roupa). Na concepção desta autora, embora os verbos leves verdadeiros e os verbos de ação vaga caiam dentro da classe tradicional dos VL, conforme cunhado por Jespersen e discutido por Cattell (1984) e os autores já mencionados, eles diferem nas propriedades que apresentaremos a seguir.

É relevante registrar que a pesquisa realizada por Kearns abordou principalmente os exemplos com o VL *give* (dar), omitindo, na maioria das vezes, os exemplos com o VL *have* (ter), pois, segundo a autora (2002 [1988], p. 02, tradução nossa)²⁶,

[...] Parece que a variação interdialetoal é maior para a construção leve do HAVE, que é mais robusta no inglês australiano, comum no inglês neozelandês e no inglês britânico, mas limitada no inglês americano. Embora as expressões transitivas como o verbo leve GIVE também sejam restritas ou ausentes para muitos falantes americanos, elas estão mais disponíveis do que as expressões com o verbo leve HAVE e, por isso, apresentam uma comparação mais útil no contexto atual.

Inicialmente, Kearns, em seu trabalho de pesquisa, realizou alguns testes para a diferenciação dos verbos leves verdadeiros com relação aos verbos de ação vaga. No primeiro teste, a pesquisadora afirma que, nas construções com um verbo leve verdadeiro em inglês, há a ocorrência de um predicado complexo, o que não admite²⁷, nessa língua, que o complemento seja transformado no sujeito de uma passiva, vejamos:

(6) *Someone **gave a sweep** to the living room floor this afternoon.*

Alguém deu uma varrida no chão da sala de estar hoje à tarde.

**A sweep was given to the living room floor this afternoon.*

Uma varrida no chão da sala de estar foi dada hoje à tarde.

(7) *That woman **had a lick** of this ice cream.*

Aquela mulher deu uma lambida neste sorvete.

**A lick of this ice cream was had by that woman.*

Uma lambida neste sorvete foi dada por aquela mulher.

²⁶ It appears that interdialectal variation is greater for the light HAVE construction, which is most robust in Australian English, common in New Zealand and British English, but limited in American English. Although transitive light GIVE expressions are also restricted or absent for many American speakers they are more available than light HAVE expressions, and so provide a more useful comparison in the present context.

²⁷ Os exemplos não admitidos pela língua inglesa estão marcados com “*”.

(8) *Someone gave a pull on the rope.*

Alguém deu uma puxada na corda.

**A pull was given on the rope.*

Uma puxada foi dada na corda.

A mesma restrição não acontece com as construções com os verbos de ação vaga, pois há a possibilidade de transformar os argumentos dos VL em sujeitos da passiva:

(9) *Someone made an inspection sometime last week.*

Alguém realizou uma inspeção em algum momento na semana passada.

An inspection was made sometime last week.

Uma inspeção foi realizada em algum momento na semana passada.

(10) *Someone will give a demonstration of the new equipment on Monday.*

Alguém fará uma demonstração do novo equipamento na segunda-feira.

A demonstration of the new equipment will be given on Monday.

Uma demonstração do novo equipamento será feita na segunda-feira.

O segundo teste apresentado pela pesquisadora tem relação com o movimento WH (na Língua Inglesa, relacionado aos pronomes *which, what, when, why, who, whose* etc.), que afirma que o complemento de um verbo leve verdadeiro não pode ser o foco da pergunta realizada a partir desses pronomes assim como não pode ser modificado por um pronome relativo:

(11) **Which pull did he give on the rope?*

Que puxada ele deu na corda?

**The pull which he gave on the rope.*

A puxada que ele deu na corda.

Ao aplicar este mesmo teste nas construções com os verbos leves de ação vaga, na Língua Inglesa, a pesquisadora constatou que não acontece o mesmo impedimento:

(12) *Which inspection did he make last week?*

Que inspeção ele realizou na semana passada?

The inspection (which) he made last week was successful.

A inspeção que ele realizou na semana passada obteve êxito.

(13) *Which explanation did the jury give?*

Que explicação deu o júri?

The explanation (which) the jury gave sounded interesting.

A explicação que o júri deu foi interessante.

O terceiro teste aplicado por Kearns (2002 [1988]) diz respeito à não pronominalização do complemento do verbo leve verdadeiro e possível pronominalização do complemento do verbo leve de ação vaga. Vejamos:

(14) * *My mom has given the leftovers a heat and then I have given it one too.*

Minha mãe deu uma esquentada nas sobras e depois eu dei uma também.

Chamamos a atenção para o fato de que, apesar do fenômeno da anáfora não ocorrer em CVL verdadeiros na Língua Inglesa, pode-se perceber, pela tradução que fizemos, que, em Língua Portuguesa essa referenciação é passível de registro. Igualmente, é relevante registrar que Kearns (2002 [1988]) não faz menção acerca de ocorrências de retomadas de complementos de CVL de ação vaga.

Sendo assim, por este tipo de categorização, evidencia-se que nem tudo o que acontece na Língua Inglesa irá acontecer em Língua Portuguesa. O que queremos dizer é que as categorias trazidas por Kearns (2002 [1988]) nos parecem imprimir um caráter muito hermético à classe dos VL, algo que acreditamos que não seja o ideal.

É importante registrar que, no caso de (6), (7), (8), (11) e (14), os exemplos traduzidos para a Língua Portuguesa são todos admissíveis para o uso entre os falantes desta língua, o que poderia nos direcionar para uma esperada diferença existente entre o português e o inglês, ou seja, se seguimos os testes de Kearns, teremos ‘dar uma varrida’ como uma construção feita a partir de um verbo leve de ação vaga, divergindo de *give a sweep*, que é uma construção com um verbo leve verdadeiro.

Além disso, Kearns (2002 [1998]) afirma que os verbos leves verdadeiros apresentam diferenças semânticas dos seus verbos plenos equivalentes. Segundo a autora, por exemplo, a sentença em (15a), a seguir, pode ser parafraseada tanto por (15c) quanto por (15d). Entretanto, (15b) só pode ser parafraseada por (15d). Kearns diz que os eventos denotados pelas construções com os verbos leves verdadeiros são sentidos “de certa forma, como breves, casuais e não limitados quando comparados às construções com os verbos plenos equivalentes” (2002 [1988], p. 05, tradução nossa)²⁸. Observemos:

(15) a. *Kate took five hours to wipe the desks*²⁹.

b. *Kate took five hours to give the desks a wipe.*

²⁸ [...] somewhat brief, casual and non-limited in contrast to their simple verb counterparts.

²⁹ Os exemplos (15a), (15b) e (15c) tem a mesma possível tradução para o português: Kate levou cinco horas para limpar as mesas. A tradução para (15d) pode ser: Kate decidiu passar/gastar cinco horas limpando as mesas.

c. *It took Kate five hours to wipe the desks.*

d. *Kate decided to spend five hours wiping the desks.*

Ainda conforme Kearns, contudo, as CVL compostas por verbos leves de ação vaga não revelam essas diferenças, pois as ações ou os eventos denotados pelos verbos dos exemplos (b) “não são mais casuais, triviais, intencionais ou delimitados” (p. 05, tradução nossa)³⁰ do que as ações descritas pelos verbos dos exemplos (a), a seguir:

(16) a. *Kate inspected the company.*

Kate inspecionou a empresa.

b. *Kate made an inspection of the company.*

Kate realizou uma inspeção na empresa.

(17) a. *Kate offered them food.*

Kate lhes ofereceu comida.

b. *Kate made them an offer of food.*

Kate fez uma oferta de comida para eles.

(18) a. *Kate demonstrated the device to the officers.*

Kate demonstrou o dispositivo para os diretores.

b. *Kate gave the officers a demonstration of the device.*

Kate fez uma demonstração do dispositivo para os diretores.

Se analisarmos as diferenças apresentadas por Kearns de forma mais profunda, cremos que seria possível encontrar uma generalização interessante - pelo menos na Língua Inglesa - de que o complemento do verbo leve verdadeiro é um sintagma nominal que ortograficamente é semelhante a um verbo – por exemplo, *a sweep* (um varrida) / *to sweep* (varrer) ou *a look* (uma olhada) / *to look* (olhar) -, enquanto o complemento do verbo de ação vaga não tem essa mesma característica, pois o complemento é um sintagma nominal que não é igual a um verbo – *demonstration* (demonstração) / *to demonstrate* (demonstrar). Cabe aqui mencionar que, mesmo não estando em um momento de análise dos nossos dados, podemos, ao menos inicialmente, dizer que, em Língua Portuguesa, há uma certa chance de encontrarmos características semelhantes. Veremos, no capítulo de análises, como e se isso pode acontecer.

Conforme os seus testes, Kearns (2002 [1988]) nos revela algo, digamos, dicotômico, pois os complementos dos verbos leves de ação vaga, não os dos verbos leves verdadeiros: (i)

³⁰ [...] sentences are no more casual, trivial, nonpurposive or nondelimited [...]

podem ser tornar sujeitos da passiva, (ii) podem se submeter ao movimento WH, (iii) podem ser modificados por pronomes relativos e (iv) podem ser pronominalizados.

Kearns desenvolve ainda, afirmando que os complementos dos verbos de ação vaga podem receber artigos livremente, uma das características dos nomes. Os complementos dos verbos leves verdadeiros que não possuem características nominais inclinadas a características verbais, entretanto, não podem receber artigos tão livremente quanto os substantivos, embora a complementariedade sintática torne possível o uso limitado do artigo indefinido. Assim, os complementos das construções com os verbos leves verdadeiros podem ter um artigo indefinido, mas suas características verbais exigidas limitam o uso de seus artigos.

Continuamos a reforçar a percepção de que alguns dos comportamentos testados por Kearns (2002 [1988]), com relação às CVL na Língua Inglesa, podem não ocorrer com as CVL existentes na Língua Portuguesa ou vice-versa. Podemos citar os exemplos de ‘dar um discurso’ e a sua contraparte em Língua Inglesa, *give a speech*. Se formos seguir as orientações de Kearns, esta construção em português, em linhas gerais, é tida como uma CVL, pois pode ser substituída pelo verbo ‘discursar’, conforme aceita por muitos autores. Por outro lado, a construção em inglês é tida como ‘verbo + complemento’, na qual o item lexical *speech* é que dá o sentido para o verbo pleno *give*.

Acreditamos que esses critérios de caracterização dos verbos leves, além da divisão da classe em subclasses (verbos leves verdadeiros e de ação vaga), sejam extremamente relevantes no auxílio das pesquisas sintáticas e semânticas, a fim de que possibilite a identificação das características que subjazem a classe dos Verbos Leves (VL). Entendemos, porém, que não devam ser utilizados como critérios estanques para uma análise semântica e que, por isso, as categorias de análise desta pesquisa não os tomarão como base para o desenrolar das argumentações que apresentaremos no capítulo 4.

Para finalizar esta seção, é importante mencionar que os VL são um fenômeno interlinguístico, pois, desde que o termo foi cunhado por Jespersen (1954), conforme Butt (2003), vem sendo adotado, em inúmeras análises, em diversas línguas ao redor do mundo³¹. Para se ter uma ideia da diversidade de estudos a respeito desta classe verbal, autores como Allan (1998) e Gradečak-Erdeljić (2004) apresentam os VL como uma classe semanticamente vazia (*delexicalized* ou *desemanticized*). cremos, no entanto, que essa posição de que esse

³¹ Consultar Grimshaw; Mester (1988), Rosen (1989), Mohanan (1994), Butt (1995), Butt e Ramchand (2005), Yokota (2005) entre outros.

esvaziamento de sentido dos VL seja discutível, como pretendemos defender mais à frente, nas nossas análises.

2.5 Da década de 1990 em diante

Apesar da atenção que se tem dado às CVL por uma gama de linguistas proeminentes e dos diferentes focos escolhidos em cada estudo, não há, de uma certa forma, um termo dito genérico que tenha sido selecionado como o mais adequado, com uma notável exceção para a literatura direcionada ao ensino de Língua Inglesa, em que tais estruturas são denominadas de *delexical structures*³², conforme visto em Willis (1990) e Thornbury (2002). Butt (1995), ao realizar um extenso estudo sobre os predicados complexos na Língua Urdu, trata os VL como predicados incompletos e afirma que essas construções variam em um número impressionante de expressões diferentes em línguas diferentes.

A dificuldade na terminologia, ao que nos parece, subjaz na descrição do conteúdo semântico dito enfraquecido desta classe de verbos. Além disso, muitos estudiosos da Língua Inglesa preferem os termos *delexicalised* (LEWIS, 1993; HILL, 2000), verbos suporte (DURA; GAWRONSKA, 2005) e, em Língua Portuguesa, verbos acessórios (NEVES, 2000), entre outros. A *Collins Cobuild Grammar* (SINCLAIR, 1990, p. 137) diz que um “*delexical verb* é um verbo que tem muito pouco significado e é utilizado com um objeto que carrega o significado principal da estrutura” (tradução nossa)³³. Ao realizar a leitura da gramática, percebe-se que a abordagem escolhida pelo autor reconhece, pelo menos, um traço de significado no verbo, mas considera mais útil para os alunos se concentrarem em extrair a maior parte do significado do substantivo deverbal.

Até o presente momento de escrita deste capítulo, não foram encontrados registros de trabalhos de pesquisa escritos em Língua Portuguesa, no Brasil, em que o termo *delexical verbs* seja mencionado. Em uma breve busca por artigos e pesquisas em ambas as línguas, tem-se que os termos utilizados com mais frequência são, em Língua Portuguesa, *verbos leves*, e em Língua Inglesa, *light verbs*.

Há registros de algumas pesquisas atuais sobre as CVL as quais propõem que os VL não contribuem ao inventário temático de papéis dos predicados complexos, porque eles são

³² Em seção subsequente falaremos mais sobre isso.

³³ [...] *delexical verb* is a verb which has very little meaning in itself and is used with an object that carries the main meaning of the structure [...]

assumidos como itens sem conteúdo semântico lexical. A relação semântica entre o VL e seu equivalente na forma plena, portanto, é geralmente considerada irrelevante ou não problemática. Essa ideia, porém, é desafiada por Brugman (2001), que examina a relação entre a estrutura polissêmica dos verbos plenos e suas contrapartes leves.

A autora sugere que os VL são sistematicamente relacionados às contrapartes ditas “pesadas” na retenção das propriedades de “força dinâmica” do sentido pleno, mas dentro daquele domínio conceitual em que essa estrutura de “força dinâmica” aplica mudanças do domínio físico para o psicológico. A análise de Brugman (2001) indica que, apesar de as CVL não possuírem uma carga semântica previsível, a contribuição semântica do VL é “sistemática e transparente”.

Butt (2003, p. 01), assertivamente, diz que há uma intuição por trás do termo *light* de que, embora as CVL, em Língua Inglesa, respeitem o esquema do complemento do verbo padrão, verbos como *take* e *give*, por exemplo, não podem ser considerados como sendo totalmente predicativos, isto é, o que Butt deseja explicar é que, quando um indivíduo ‘toma banho’, ele não ‘agarra’ ou ‘segura’ fisicamente um ‘banho’, ele, em tese, se ‘banha’, o que nos remete à sensação de que o verbo funciona mais como um licenciador verbal para o nome. Sabemos, entretanto, que os verbos não são claramente desprovidos de poder predicativo semântico, pois percebemos que há uma clara diferença entre “tomar um banho” e “dar um banho”.

Vê-se que os verbos parecem ser mais um licenciador verbal para o substantivo, ocorrendo algo como uma gradação do estado “leve” dos verbos. Temos que “tomar banho” não admite complemento indireto e “dar banho” implica a existência desse complemento: “dar banho em alguém”. O que de fato parece é que os verbos não estão em seus sentidos semânticos completos e muito menos com os sentidos completamente desgastados; eles estão, conforme Butt (idem), semanticamente leves, contribuindo com essa predicação complexa. Por estas razões que as CVL são relativamente difíceis de serem caracterizadas.

Existem, nas palavras de Butt (2003, p. 13), estudos sob uma perspectiva diacrônica os quais nos informam que a forma leve dos verbos se dá a partir dos verbos principais e que, ao longo do tempo, foram perdendo o conteúdo semântico, a exemplo da teoria da gramaticalização trazida por Hopper e Traugott (1993), que incluem os verbos vetores³⁴ ou verbos leves como um estágio opcional do cline da gramaticalização: verbo completo > (verbo

³⁴ Segundo Butt (2003), o termo ‘verbo vetor’ se deve aos estudos de Pray (1970) e tem sido utilizado para descrever os verbos leves nas línguas do sul da Ásia.

vetor) > auxiliar > clítico > afixo. Ainda diacronicamente falando, para os leitores que se interessam pelo conteúdo histórico desta classe verbal, há outros autores mencionados por Butt.

A autora, porém, assevera a existência de alguns problemas, se considerarmos os aspectos diacrônicos trazidos por esses autores, pois, os VL, em vez de constituírem uma subclasse dos auxiliares existentes, eles interagem com todos os outros auxiliares do paradigma verbal (Cf. BUTT; GEUDER, 2001 apud BUTT, 2003). Além disso, segundo ela, a contribuição semântica vai muito além do aspecto ou o do tempo verbal. Butt (2003, p. 13) ainda complementa que a gênese do aspecto dos VL é contrária a um fato diacrônico, digamos, observável, que diz que os VL sempre permanecem idênticos a verbos principais da língua a que eles pertencem.

Segundo Traugott (1999, p. 241), por exemplo, os predicados complexos V-SN em Língua Inglesa são nativos desta língua, pelo menos desde o inglês antigo. Segundo a autora, “os quatro verbos do inglês antigo, e a partir do inglês da idade média em diante, os cinco verbos [*do, give, have, make, take*] que aparentemente ocorrem na maioria dos tipos predicados complexos” (p. 241, tradução nossa)³⁵ permanecem os mesmos, modificando, de tempos em tempos, o *ranking* do uso. E, embora a Idade Média tenha presenciado um aumento acentuado do seu uso, nenhum outro sinal concomitante de gramaticalização pode ser identificado, pois os VL não se apagam na forma e não desenvolvem categorias funcionais (cf. TRAUGOTT, 1999, p. 257). Isso caracteriza os VL como uma classe estável, pois a quantidade e o tipo de VL existentes nas línguas permanecem constantes, podendo ocorrer, conforme dito anteriormente, uma modificação nas classificações em termos de frequência de uso, a depender da língua em estudo.

Duarte et al. (2009) afirmam que, nos estudos sobre as CVL, ou predicados complexos, há pesquisadores que assumem a formação ‘verbo leve + nome deverbal’ como um subtipo dessas construções, o que, conseqüentemente, leva-nos a crer que a definição formal que os autores passam a dar às CVL sofre influência da maneira como estas são entendidas. Duarte et. al. (2009, p. 1858) ainda relatam que autores como Gross (1981), Grimshaw e Mester (1988) têm os VL como elementos funcionais, “semanticamente deficitários”, que agem como “hospedeiros dos traços de tempo e de concordância”. Ainda segundo Duarte et. al. (2009), as abordagens apresentadas por Hook (1974) e Abeillé et. al. (1998) trazem os VL como verbos auxiliares, tendo em vista que “não têm propriedades de selecção (sic) semântica”.

³⁵ The four OE verbs, and, from ME on, the five *do, give, have, make take* are the verbs that appear to have occurred in the greatest number of CP types [...]

Já Samek-Ludovici (2003) vão de encontro às definições anteriormente apresentadas e afirmam que as CVL são formadas por verbos com uma estrutura plenamente especificada para o argumento externo, fazendo com que o argumento interno corresponda a uma variável não especificada.

Van Gelderen (2010), na sua gramática de Língua Inglesa, chama os verbos leves de opcionais e diz apenas que este é um grupo interessante de verbos na Língua Inglesa os quais se combinam principalmente com nomes indefinidos e, algumas vezes, preposições. A autora complementa que o VL e o nome juntos possuem o significado de um verbo pleno, como por exemplo: *have/take a look* é similar a ao verbo *look*; *give advice* é similar ao verbo *advise*; *make a decision*, ao verbo *decide*, entre outros exemplos.

Na contemporaneidade, temos Perini (2017) afirmando que, nas construções com esses verbos, a especificação do evento não é realizada pelo verbo, mas por um complemento, o que, consequentemente, nas palavras do autor, faz com que o verbo (no caso o leve) tenha “menor carga semântica” (PERINI, 2017, posição 3523). Para Perini, “‘ser leve’ é uma função; **poder** ser leve é que define uma classe de verbos” (PERINI, 2017, posição 3541, grifos do autor), pois essa diátese³⁶ leve dos verbos, ao que parece, ocorre quando duas condições são atendidas: (1) o evento sempre expresso por um complemento (objeto) e (2) o papel temático do sujeito (que pode ser agente, paciente ou “outras coisas, dependendo do verbo”) (PERINI, 2017, posição 3541) é sempre definido pelo verbo. Ou seja, um verbo leve coexiste com um sujeito e um objeto e é definido, nas palavras do autor, como “aquele que não sinaliza o evento (ou estado) denotado pela sentença” (posição 3541). Para ilustrar o que o autor quis dizer, vejamos um primeiro exemplo do verbo ‘sofrer’ na sua forma leve:

(19) João sofreu uma cirurgia.

Neste exemplo, baseado em Perini (2017), o que temos não é um ‘sofrimento’ a que João, sujeito paciente, foi acometido, mas o evento representado pelo sintagma nominal (SN) ‘uma cirurgia’. Ainda sobre o VL ‘sofrer’, Perini marca como importante o fato de que não necessariamente o sujeito é prejudicado ou sofre algum tipo de desconforto, conforme é possível verificar no segundo exemplo com o ‘sofrer’ na sua forma leve:

(20) A lei irá sofrer alterações.

³⁶ [...] Diátese ou vozes do verbo, são as formas que o verbo assume para indicar a sua relação com o sujeito, encarado como agente, paciente ou apenas envolvido no processo. Chama-se processo ao conteúdo semântico do verbo, como ação, fenômeno, estado e várias outras significações que não se podem sistematizar. O termo vem do latim *processus* “aquilo que se passa” no tempo, e, consequentemente, possui as categorias presente, passado e futuro, expressas por meio de flexões gramaticais. O amar desenrola-se no tempo sob as formas *amei-amo-amarei* e várias outras formas temporais. [...] (MACANBIRA, 1978).

Esta constatação que temos no exemplo (20), com o VL ‘sofrer’, não acontece, segundo Perini (2017), com o verbo ‘levar’ em sua forma leve, pois o sujeito, além de ser paciente, “precisa ser prejudicado de alguma maneira”, por isso, dizemos que ‘levamos uma surra, um tapa’ e não ‘levamos uma cirurgia’ ou ‘levamos uma modificação’, o que nos mostra uma certa regularidade entre o VL e o seu sujeito.

Complementando sua explicação sobre essa classe verbal, Perini (2017, posição 3576) diz que prefere:

[...] afirmar que muitas vezes há um verbo simples [pleno] que corresponde à construção com verbo leve, mas que isso não é sistemático e obedece a acidentes do léxico. Aliás, é bom observar que esses pares não costumam ser realmente sinônimos: [Eu passeei] significa simplesmente que eu passeei, mas [Eu dei um passeio] dá a ideia de um passeio mais curto. A diferença fica bem clara em [Eu dei uma varrida na casa] e [Eu varri a casa] onde [Eu varri a casa] transmite a ideia de uma limpeza mais completa do que [Eu dei uma varrida na casa]

Sendo assim, tem-se que Perini (2017) acompanha o que muitos sintaticistas e semanticistas dizem sobre os VL: são aqueles que podem ser vistos como acessórios e que podem ter um complemento com um papel semântico especificador de evento ao menos em alguma de suas diáteses, ou seja, um verbo que tem um valor semântico menor do que o verbo na sua forma plena. Perini segue, em tese, a mesma concepção de Kearns (2002 [1988], p. 01), ao afirmar que a carga semântica desses predicados complexos não é fornecida por esses verbos, mas pelo complemento nominal que está posto na sentença. Entretanto, quando Perini discute o fato de que ‘varrer’ e ‘dar uma varrida’ não possuem o mesmo valor semântico, conforme a citação acima, há uma quebra de identidade de tratamento semântico proposto por ambos os autores.

É perceptível a diversidade de propostas e abordagens existentes sobre a classe dos VL e, por isso, decidimos buscar o máximo de referências sobre o assunto a fim de que pudéssemos apresentar a complexidade dessas construções no decorrer do tempo. O nosso capítulo buscou apresentar um panorama acerca da história do nosso objeto de pesquisa, desde a gênese do termo ‘verbos leves’ em Língua Inglesa (Cf. JESPERSEN, 1954) até os estudos mais atuais nas duas línguas, tratando de temas importantes sobre o assunto, como aspectos terminológicos e o fenômeno da dessemantização (ou desbotamento semântico), por exemplo.

Por isso, antes de finalizarmos o capítulo e seguir adiante com o embasamento teórico da pesquisa, acreditamos que seria interessante construir e apresentar uma breve linha do tempo

acerca dos VL, a fim de auxiliar na leitura do capítulo como um todo, conforme apresentado na próxima página.

LINHA DO TEMPO DOS ESTUDOS SOBRE OS VERBOS LEVES

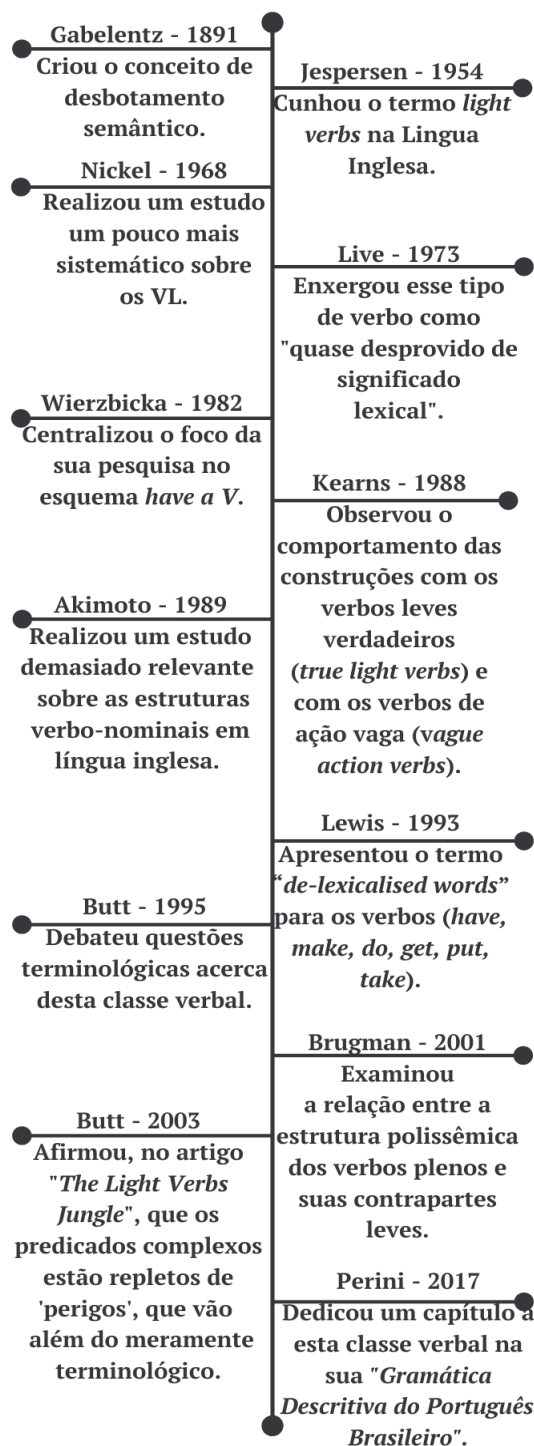


Figura 4 – (Fonte: próprio autor, 2020)

A linha do tempo apresentada poderia ser acrescida de várias outras pesquisas relevantes sobre os VL, porém, acreditamos que, com essas, já é possível resumir a ampla discussão que há sobre o tema. Sendo assim, passemos ao capítulo seguinte.

CAPÍTULO 3 – Contextualizando o modelo teórico para as análises

Neste terceiro capítulo, apresentaremos aspectos relevantes do modelo teórico que funcionará como base para a análise do *corpus* coletado. Conforme dissemos nas Considerações Iniciais, nossa pesquisa, acerca do comportamento das CVL tanto em Língua Portuguesa quanto em Língua Inglesa, está inserida nos estudos da Semântica Lexical, dos quais recortamos a teoria apresentada no modelo de Léxico Gerativo (LG) de Pustejovsky (1995).

Versaremos, inicialmente, sobre os pontos basilares deste modelo, dando sequência com a apresentação das estruturas semânticas segundo esta perspectiva teórica, finalizando com a explicação sobre os mecanismos gerativos.

3.1 O modelo léxico-gerativo de James Pustejovsky

Nas décadas de 1970 e 1980, discutia-se bastante a respeito do rápido crescimento das pesquisas interessadas no aspecto criativo do léxico. A ideia de que o léxico deveria ser modelado como uma faculdade criativa em sintonia com a sintaxe já estava presente no início da década de 1970, anterior à expansão rápida e muito abrangente da linguística cognitiva e do aumento da orientação semântico-lexical das pesquisas sintáticas nos anos de 1980.

O linguista holandês Jan G. Kooij (1971) criticou a teoria da sintaxe gerativa daquela época, chamando a atenção de que era estranho que uma teoria que sempre deu muita atenção à criatividade, salientando a capacidade dos falantes de não apenas repetir enunciados de entrada (*input*), mas de construir um número infinito de novas sentenças, tenha sido complementada por uma teoria semântica estática que “enxerga a formação do conteúdo de uma sentença como um processo em que sentidos prontos com restrições seletivas prontas são selecionados e combinados em quadros gramaticais prontos” (p. 140, tradução nossa)³⁷.

As mudanças nos estudos linguísticos foram ocorrendo, e, então, a ideia de que o léxico era um mero repositório de idiossincrasias foi sendo considerada equivocada. A partir dos estudos de Nunberg (1978, 1979) e Lakoff e Johnson (1980), foi surgindo uma enorme quantidade de propostas de pesquisas de base pragmática e cognitiva. Nesse sentido, e com o aumento de pesquisas teóricas, houve uma crescente demanda por uma avaliação teórica e por

³⁷ [...] views the formation of the content of a sentence as a process in which ready-made senses with ready-made selectional restrictions are selected and combined in ready-made grammatical frameworks [...] (KOOIJ, 1971, p. 140)

um esclarecimento metodológico que pudesse responder aos seguintes questionamentos: (i) qual a possibilidade de definir adequadamente o alcance fenomenológico de variações sistemáticas de sentido mostrando semelhanças básicas?; (ii) quais as diferenças cruciais entre os casos superficialmente similares de polissemia sistemática que devem ser levados em conta representativamente?; (iii) quais as vantagens e as desvantagens das propostas concorrentes?; (iv) qual a possibilidade de preenchimento da lacuna entre as abordagens que discutem, por um lado, sob a perspectiva de alternância de sentido a partir da representação lógica das sentenças, e, por outro lado, aquelas que têm por objetivo a sistematização de entradas léxicas no formato dos dicionários?; (v) qual é a chance de reconciliação entre as abordagens interessadas apenas nas polissemias sistemáticas e seus correlatos sintáticos, e as abordagens que lidam com as diferenças semânticas sutis, mas que abordam não de forma explícita a questão da correlação sintática?

No que concerne a esta discussão, o estadunidense James Pustejovsky é, provavelmente, o grande expoente no campo da polissemia sistemática, gozando de grande reputação tanto na Linguística teórica quanto na computacional. Há anos, o pesquisador tem procurado respostas às questões anteriormente mencionadas, buscando uma generalização metodológica adequada e que abordasse questões fundamentais da Linguística, como a composicionalidade, além da interação entre variação semântica e sintática em diferentes níveis composicionais. Conforme argumentado por Pustejovsky (2014b), tradicionalmente, tanto na Linguística teórica quanto nos sistemas de processamento das línguas naturais, a organização dos léxicos supõe que os significados das palavras podem ser exaustivamente definidos por um conjunto de sentidos de cada palavra. E, ao que parece, os léxicos, até hoje, geralmente tendem a seguir essa organização. Como resultado, sempre que as tarefas de interpretação das línguas naturais enfrentam o problema da ambiguidade lexical, uma abordagem específica para a desambiguação é necessária. Com isso, o sistema tenta selecionar, por meio da associação de sentidos aos fatores contextuais correspondentes, a "definição" mais apropriada que esteja disponível na entrada lexical de uma determinada palavra. Uma desvantagem de tal projeto, segundo Pustejovsky (2014b), decorre da necessidade de especificar, antecipadamente, os contextos em que há a possibilidade de uma determinada palavra aparecer, pois, não fazendo isso, pode resultar em uma cobertura incompleta. Além disso, o autor complementa que dicionários e léxicos atualmente são de natureza distintamente estática: a divisão em sentidos separados de palavras não apenas impede a permeabilidade, mas também não leva em conta o uso criativo das palavras em novos contextos.

O Léxico Gerativo (*Generative Lexicon*, ou GL), de agora em diante LG, busca superar esses problemas, tanto em termos da expressividade da notação quanto dos tipos de operações interpretativas que a teoria é capaz de suportar. Metaforicamente, Pustejovsky diz que, ao invés de fotografar a língua em um momento específico no tempo e congelar este momento em listas de especificações de sentidos das palavras, o modelo proposto por sua teoria não impede a extensibilidade.

O LG é uma perspectiva semântica que se concentra na natureza distributiva da composicionalidade das línguas naturais. Este modelo de léxico, composto por várias teorias, foi preconizado no artigo *The Generative Lexicon* do linguista norte-americano, James Pustejovsky (1991a). A partir deste trabalho, foram sendo desenvolvidos estudos subsequentes e muito relevantes apresentados em Pustejovsky e Boguraev (1993), mas, apenas em meados dos anos 1990, houve-se o primeiro tratamento unificado acerca da teoria, conforme apresentado no livro *The Generative Lexicon* (PUSTEJOVSKY, 1995).

Previamente ao detalhamento dos aspectos importantes deste modelo de léxico, vimos a necessidade de, inicialmente, tratar de conceitos basilares que auxiliaram na moldagem do LG. O Princípio da Composicionalidade é um deles, pois é uma das ideias mais importantes da semântica formal:

[...] também chamado de [princípio de] Frege, por ter sido quem primeiro o enunciou, diz que o significado de uma expressão complexa é em função do significado das suas partes constituintes e da forma como estão associadas. (PORTAL DA LÍNGUA PORTUGUESA)

<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=2787>

Na visão de Pustejovsky (1995), o princípio da composicionalidade pode ser visto de duas maneiras, a que ele se refere como: a composicionalidade fraca e a composicionalidade forte. Para o autor, esta concepção Fregeana de composicionalidade não é o suficiente para um modelo cognitivo ou computacional da semântica das línguas naturais. O ideal, segundo ele, é um modelo que esteja preocupado com as considerações de espaço – e muito provavelmente de tempo – de uma determinada língua, o que significa que dois importantes parâmetros são relevantes para que os dispositivos semânticos sejam caracterizados. Primeiramente, o grau de composição de uma sentença, ou seja, o quanto é aplicado das funções unilateral ou bilateral dentro da sentença. E segundo, quantos sentidos explícitos definidos são necessários para atingir uma interpretação única de uma determinada sentença.

Quanto ao primeiro ponto, James Pustejovsky (1995, p. 60) explica que este grau de composição refere-se a como os elementos na frase são funcionalmente tratados, em relação à

interpretação resultante. Na maioria das abordagens tradicionais, apenas um elemento de cada frase é funcionalmente tratado. O que o autor vem constantemente discutindo em seus trabalhos é que as línguas naturais possuem um alto grau de co-composição, que deve ser formalmente levado em consideração.

Com relação ao segundo ponto, o autor assevera que se refere à tradição lógica e linguística, em que simplesmente os vários sentidos exigem novos contextos, a fim de que sejam criados novos sentidos para a palavra, isto é, a composicionalidade é alcançada a partir da especificação dos sentidos da palavra, promovendo um sistema em que a quantidade de sentidos lexicais distintos necessários aumenta proporcionalmente ao número de interpretações na língua. Esta é a chamada, para James Pustejovsky, a composicionalidade fraca. Para o autor, esta ainda pode ser composicional, mas ela resulta em um sistema que captura a expressividade gerativa apenas em virtude da infinita quantidade de sentidos, algo não muito adequado para um sistema computacional.

Mas, a postura teórica assumida por Pustejovsky (1995) foi aquela em que o número de sentidos lexicais permanece, em tese, constante em relação ao espaço das possíveis interpretações na língua. Conforme o autor, “no topo de um tipo simples de sistema estão os mecanismos gerativos, os quais, através da composição, produzem os verdadeiros ‘sentidos no contexto’ não lexicalmente na parte superior da árvore, por assim dizer.” (p. 60, tradução nossa)³⁸. Esta é a composicionalidade forte, um modelo que ele considera muito mais adequado para os estudos cognitivos bem como computacionais e que ainda preserva o princípio da composicionalidade.

Pode-se dizer, portanto, que Pustejovsky pensou a sua perspectiva de léxico tendo como base as seguintes hipóteses: (1) o significado na língua é composicional; (2) a composicionalidade é uma propriedade desejada em um modelo semântico; (3) o Léxico Gerativo explora representações e regras mais ricas e com o objetivo de melhorar os mecanismos de composição; (4) as representações mais ricas envolvem decomposição lexical; (5) as regras mais ricas envolvem coerção, sub-seleção e co-composição. Ao contrário das abordagens puramente verbais da composicionalidade, o LG tenta espalhar a carga semântica em todos os constituintes do enunciado:

O que eu gostaria de fazer é propor um novo modo de enxergar a decomposição, olhando mais para os aspectos gerativos e composicionais da

³⁸ On top of a simple type system are generative mechanisms, which through composition, produce the actual “senses in context” non-lexically up the tree, as it were. (PUSTEJOVSKY, 1995, p. 60)

semântica lexical, do que para a decomposição em número específico de primitivos. (PUSTEJOVSKY, 1995, p. 58, tradução nossa)³⁹

Diante disso, as investigações de Pustejovsky buscaram respostas para as perguntas que seguem:

- Como as palavras se combinam para formar os significados?
- Como os significados das palavras se modificam na composição?
- Como explicar o uso criativo das palavras?
- Quais as condições impostas por um predicado sob seus argumentos e como estas condições são percebidas?
- Quantos significados são necessários, para que uma palavra apareça em múltiplos contextos sintáticos (polissemia)?
- Quais são as fontes de polissemia? Os significados subjacentes?
- De onde vêm as interpretações para os constituintes não articulados?
- Como podemos manter uma semântica composicional?

O LG foi, a princípio, desenvolvido como um arcabouço teórico, a fim de codificar o conhecimento de seleção nas línguas naturais, e, para que isso acontecesse, eram necessárias algumas mudanças nas regras formais de representação e de composição. O próprio Pustejovsky disse que o método adotado no LG para definir o significado das palavras é invertido, ou seja, ao invés de se concentrar em como um significado de uma palavra pode ser decomposto, seu modelo examina como um significado pode se compor com outros significados e como ele se modifica em diferentes contextos.

Conforme Trindade (2006) ressaltou em sua tese, um dos grandes objetivos do autor era “estabelecer regras que [explicassem] a sistematicidade dos casos de polissemia.” (p.47), ou seja, Pustejovsky criou um modelo de léxico que introduz um quadro de representação do conhecimento que oferece um vocabulário rico e expressivo para as informações lexicais. Em linhas gerais, o Léxico Gerativo é centrado na explicação do fenômeno da polissemia em contexto e no uso criativo das palavras.

Em Pustejovsky (1995), tem-se a explicação da distinção feita por Weinreich (1964) entre ambiguidade contrastiva e polissemia complementar. Começamos pela ambiguidade contrastiva, que ocorre quando um item lexical carrega dois sentidos distintos e não relacionados. Este fenômeno é também conhecido como homonímia. Vejamos exemplos:

³⁹ What I would like to do is to propose a new way of viewing decomposition, looking more at the generative or compositional aspects of lexical semantics, rather than decomposition into a specified number of primitives.

- (1) O jogador não está recuperado da contusão e ficará no **banco** durante a partida.
- (2) Pedro foi cliente deste **banco** durante anos.

Nos exemplos acima, vemos que o item lexical banco possui mais de um sentido lexical e que são provenientes de bases diferentes. Em (1) e (2), os sentidos de ‘assento’ e ‘instituição financeira’, respectivamente, são acionados, o que caracteriza a ambiguidade contrastiva.

Já nos exemplos que seguem, ocorre o fenômeno chamado de ambiguidade complementar, pois são apresentados dois sentidos para os itens lexicais ‘banco’ e ‘porta’, os quais, na verdade, são manifestações dos mesmos significados. Vejam que, em (3), temos a ‘instituição’ e, em (4), o ‘prédio’:

- (3) O banco oferece a seus clientes 10 dias de cheque especial sem cobrar juros.
- (4) Construíram o banco no início da década 1980.

Já em (5), temos a ‘abertura/passagem’ e, em (6), o ‘objeto físico’:

- (5) Os funcionários entraram pela porta.
- (6) O funcionário consertou a porta.

O fenômeno apresentado nos exemplos de (3) a (6) é o objeto de estudo do LG de Pustejovsky. O autor (1995, p. 28) chama esse tipo de fenômeno de polissemia lógica, a qual ele mesmo diz que é uma “ambiguidade complementar sem alteração no item lexical, mas com sentidos superpostos, dependentes ou compartilhados” (p.28, tradução nossa)⁴⁰. Pustejovsky ainda justifica que prefere o termo polissemia complementar, pois este é um pouco mais abrangente do que o termo polissemia lógica⁴¹, pois a complementariedade também descreve, segundo o autor, como os sentidos com categorias cruzadas estão relacionados, por exemplo, ao utilizarmos o item lexical ‘exame’ nas frases a seguir:

- (7) O exame será realizado às 8:00. (o ato de examinar)
- (8) Entregue o seu exame ao médico. (o produto concreto)

Esses sentidos são parte de um conjunto de alternâncias chamado Processo/Resultado, o qual inclui outros exemplos como ‘avaliação’, ‘prova’, ‘teste’. E esta é apenas uma das várias alternâncias nominais que são descritas, em Pustejovsky (1995, p. 31), como polissemias complementares, nas quais os substantivos parecem ter sentidos sistematicamente relacionados.

⁴⁰ [...] a complementary ambiguity where there is no change in lexical category, and the multiple senses of the word have overlapping, dependent, or shared meanings.

⁴¹ Faremos a opção de uso do termo ‘polissemia complementar’, seguindo a concepção de Pustejovsky.

Segundo Pustejovsky, podem ser descritas como casos de polissemia complementar as várias alternâncias que sistematicamente ocorrem em nomes, tais como:

- Contáveis / não contáveis:

(9) O **frango** está solto na fazenda / Tem **frango** na salada;

- Recipiente / conteúdo:

(10) Iremos querer uma **água** e dois **sucos** / Sofia bebeu **água** e **suco**;

- Objeto físico/abertura:

(11) A **janela** está quebrada / A borboleta passou pela **janela**;

- Produto/Produtor

(12) Meu pai comprou um **Volkswagen** / A **Volkswagen** demitiu muitos funcionários;

- Planta / alimento:

(13) Este ano, o **abacaxi** (plantação) teve a ajuda das altas temperaturas. / Sr. José come **abacaxi** (fruta) no café da manhã aos domingos.

- Lugar / pessoa

(14) **João Pessoa** (território) tem avenidas apertadas. / **João Pessoa** (eleitores) não vota em Cássio Cunha Lima.

É válido dizer que, para cada grupo que apresentamos anteriormente, seria possível acrescentar inúmeras ocorrências na língua. Como exemplo, a alternância Objeto físico/Abertura é encontrada em itens lexicais como ‘porta’, ‘portão’ e ‘portal’.

O que distingue os sentidos em uma polissemia complementar dos sentidos nos casos da ambiguidade contrastiva é a forma pela qual os sentidos estão relacionados. É importante dizer que a grande diferença é que, enquanto a preparação contextual e a configuração do discurso auxiliam na desambiguação dos sentidos contrastivos, parecer ser irrelevante a determinação do sentido de um substantivo polissêmico. Ou seja, segundo Pustejovsky (1995, p. 32, tradução nossa)⁴², “enquanto os sentidos contrastivos são contraditórios por natureza”, o que faz com que um sentido só seja disponibilizado, se o(s) outro(s) sentido(s) não for(em) ativado(s), os sentidos complementares ou lógicos são importantes para a interpretação do nome no contexto apresentado. Em virtude dessa produtividade de exibir essa relação lógica na língua, é criada uma tipologia lexical, em que se prevê a ocorrência de regras sistematizadas que acarretam a polissemia.

⁴² [...] while contrastive senses are contradictory in nature [...]

Pustejovsky (2014b) afirma que o LG extrai percepções sobre o significado de uma palavra, olhando para a gama de interpretações contextuais e examinando como essas interpretações podem ser previsivelmente derivadas dos significados subjacentes. Por exemplo, adjetivos como ‘bom’ possuem múltiplos sentidos, a depender do que estão modificando:

(15) Um carro **bom** / Um **bom** carro.

(16) Uma **boa** refeição.

(17) Uma faca **boa**.

O que se percebe é que, de certa forma, o adjetivo ‘bom’ é uma mera avaliação positiva dos sujeitos (carro, refeição, faca) os quais ele está modificando, o que nos mostra uma dependência do adjetivo em relação ao nome que está sendo modificado, embora não seja clara a relação entre esses sentidos além da positividade já apresentada. O sentido de ‘bom’, associado a ‘carro’, não é o mesmo sentido de ‘bom’ que está associado à ‘comida’ ou ‘alimentos’, por exemplo, pois quando um falante utiliza este adjetivo associado ao primeiro, traz os sentidos de ‘eficiência’ ou de ‘marca de qualidade’. Já este mesmo adjetivo associado ao sintagma ‘refeição’, pode nos trazer o sentido de uma ‘refeição saborosa’. Pustejovsky explica esse fenômeno ao falar dos mecanismos gerativos, que serão apresentados em subseções futuras aqui nesta Tese.

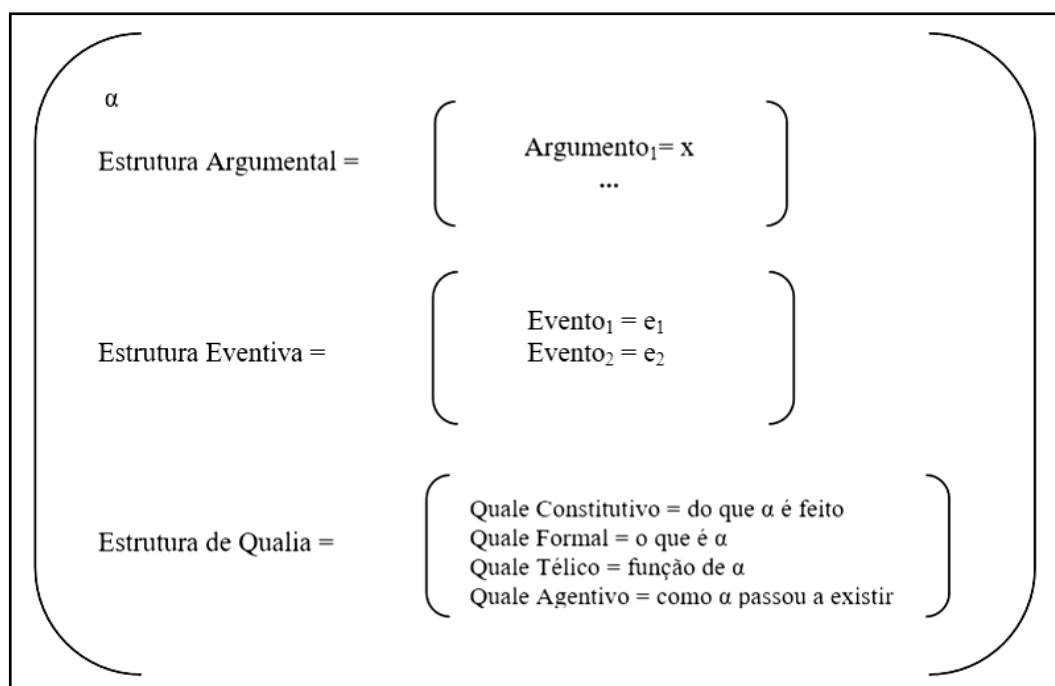
Além disso, é de grande importância complementar nosso capítulo, trazendo a asseveração de Pustejovsky (2013) de que a sua Teoria do Léxico Gerativo intenciona fornecer uma semântica de composição para as modulações contextuais que ocorrem na linguagem em dois aspectos. Primeiramente, segundo o autor (2013, p. 02), o Léxico Gerativo enriquece as estruturas de dados associadas à codificação lexical da informação semântica e, em segundo lugar, aprimora os meios pelos quais essa informação é explorada na composição. Conforme a reflexão apresentada por Pustejovsky, estas duas mudanças resultam em uma teoria semântica com uma visão distribuída sobre o que as unidades são responsáveis, determinando o significado e a seleção. Pustejovsky (2013) relata que, em trabalhos mais recentes, essa distinção é constantemente “identificada como **polissemia inerente** [ou complementar] [ou regular] **versus polissemia seletiva**”⁴³ (2013, p.02, tradução nossa, grifos nossos). De acordo com Pustejovsky e Jezek (2016a, 2016b), a polissemia inerente é aquela em que múltiplas interpretações de uma palavra (ou sentença) estão disponíveis por causa da semântica inerente à própria palavra. É o que podemos perceber no uso do item lexical ‘livro’ na sentença: *João não concorda com o novo livro do FHC*, pois a interpretação de ‘livro’, nesta frase, feita pelo

⁴³ [...] identified as inherent versus selectional polysemy. [...]

interlocutor tem relação com o conteúdo que é apresentado/discutido e não com o objeto físico em si, o que aconteceria se a sentença proferida fosse *João comprou o novo livro do FHC*. Já a polissemia seletiva ocorre quando qualquer nova interpretação de uma palavra (ou sentença) está disponível devido às influências contextuais, ou seja, o tipo de sentença selecionada. É o que ocorre com ‘cigarro’ em: *Joana saiu após seu cigarro*, pois ocorre uma conversão de argumentos (‘fumar seu cigarro’) em virtude da informação existente na estrutura de qualia do item lexical ‘cigarro’. Conforme Pustejovsky (2013, p. 02), de fato, se os vários mecanismos de composição disponíveis para a linguagem não forem enriquecidos, o fenômeno da polissemia não pode ser verdadeiramente modelado.

Para conseguir alcançar o seu objetivo e responder às perguntas apresentadas em parágrafos anteriores, pressupondo que “o que ocorre no âmbito da sentença está regulado pelo léxico” (TRINDADE, 2012), Pustejovsky propõe uma estrutura semântica com quatro níveis de representação para um item lexical: Estrutura de Herança Lexical, Estrutura Argumental, Estrutura Eventiva e Estrutura de Qualia. Entretanto, como o próprio autor disse no seu *The Generative Lexicon* (1995), o foco da sua teoria, até então, está apenas em três destas estruturas, não estudando detalhadamente as restrições da Estrutura de Herança Lexical, a não ser que surjam necessidades de estudar as restrições que estejam relacionadas a dados linguísticos e às questões de geratividade.

Logo, apresentaremos a seguir, com o objetivo de ilustrar, como os três níveis de um item lexical, descritos nas próximas subseções, se estruturam no LG:



Quadro 1 – (C.f. PUSTEJOVSKY, 2014b)

Mesmo que haja controvérsias com relação a esta representação, não apresentaremos nenhum ponto de vista contrário a isto, até mesmo porque o próprio Pustejovsky (1995, p. 82, tradução nossa)⁴⁴ assume que “há diversas consequências em decorrência desta representação”, mas que não serão explorados. Diante disso, vejamos, nas próximas subseções, as nossas aceções sobre as estruturas representadas no Quadro 1.

3.2 A estruturas semânticas conforme o LG

Iremos, nas próximas três subseções, apresentar as estruturas semânticas formalizadas no modelo teórico do LG. Fazemos o destaque aqui para o fato de que a estrutura que determina de que forma uma palavra é relacionada a outras palavras dentro de um sistema (a língua), fornecendo informações sobre a organização de uma base de conhecimento lexical bem como uma conexão explícita com o conhecimento geral acerca de uma determinada palavra (o senso comum), a Estrutura de Herança Lexical (PUSTEJOVSKY, 1991a; 1995; 2013) ou de Tipologia Lexical (PUSTEJOVSKY, 2013), é apenas citada, pois não será utilizada na análise dos nossos dados. Sendo assim, dividiremos as subseções entre as estruturas semânticas que serão retomadas nas análises: Estrutura Argumental, Estrutura Eventiva e Estrutura de Qualia.

3.2.1 A estrutura argumental

A Estrutura Argumental (PUSTEJOVSKY, 1991a; 1995, 2013) é aquela que especifica o número e a natureza dos argumentos de um predicado. Conforme Pustejovsky (2014a), a estrutura argumental codifica o mapeamento tradicional de uma palavra a uma função, além de relacionar a realização sintática de uma palavra ao número e ao tipo de argumentos que são identificados no nível sintático e que são utilizados no nível semântico (GRIMSHAW, 1990). A Estrutura Argumental é composta dos seguintes argumentos:

- (a) Argumentos verdadeiros (ARG): argumentos sintaticamente realizados e obrigatórios do item lexical.

(18) **Pedro** chegou tarde.

⁴⁴ There are several consequences of this representation [...]

(b) Argumentos padrão (*default*) (D-ARG): argumentos que participam das estruturas lógicas, mas não necessariamente expressos sintaticamente.

(19) Pedro construiu o muro **com tijolos aparentes**.

(c) Argumentos sombreados (ou apagados) (S-ARG): argumentos lógicos participantes no sentido do item lexical. Podem ser expressos apenas através das operações de subtipo (especificação do discurso).

(20) Pedro deu uma cotovelada em Sofia **com o seu cotovelo machucado**.

(d) Argumentos opcionais ou acessórios: argumentos que modificam a expressão lógica, mas são parte da interpretação situacional ou proposicional, não pertencem à representação semântica de um item lexical em particular. Estes incluem as expressões temporais, modais e locativas.

(21) Sofia dirigiu até São Paulo **na sexta-feira**.

3.2.2 A estrutura eventiva

A Estrutura Eventiva (PUSTEJOVSKY, 1991a; 1991b; 1995; 2013) é aquela que define o tipo de evento (ou o subevento) (baseado em VENDLER, 1967 cf. PUSTEJOVSKY, 1991a) de uma sentença e de qualquer estrutura subeventiva que possa haver. Pustejovsky diz que os tipos de eventos são:

- De estado:

(22) Pedro ama sua mãe;

- De processo:

(23) Sofia brincou na pracinha por uma hora;

- De transição:

- *accomplishment*:

(24) Sofia escreveu um romance;

- *achievement*:

(25) Pedro encontrou um Real no chão às 17h00;

Com relação ao comportamento dos eventos de estado, temos, conforme o nosso exemplo ‘Pedro ama sua mãe’, que não há mudanças bem como nenhuma referenciação a

períodos inicial ou final. De fato, é esta homogeneidade dos estados que os distingue dos outros tipos aspectuais. Pustejovsky (1991b), baseando-se em Dowty (1979), assertivamente diz que, de uma forma geral, os eventos de estado são diagnosticados, primeiro, por permitirem modificação através de advérbios que denotam duração e, segundo, não aparecerem como imperativos:

(26) Sofia esteve doente por dois meses. ✓

(27) Fique doente! ✗

Ao nos basearmos nos estudos de Pustejovsky (1991b), podemos dizer que o verbo ‘brincar’, em alguns casos, denota uma atividade sem uma duração específica. Mas em algumas sentenças (é o caso do nosso exemplo) podem transmitir uma informação considerando a extensão temporal da atividade (‘por uma hora’), onde encontramos um processo determinado ou pontual (*bounded process*, cf. PUSTEJOVSKY, 1991b). Em outras palavras, temos que quando o verbo ‘brincar’ aparece estruturalmente sozinho, ele assume uma interpretação processual (é lexicalmente um verbo do tipo ‘processo’), enquanto que a presença de frases preposicionais e/ou adverbiais pode causar mudança na classe aspectual da sentença.

Nos casos de eventos de transição, temos, primeiramente, o exemplo ‘Sofia terminou de escrever um romance’. Neste não há nenhuma referência explícita à duração da atividade, entretanto, afirmamos que o processo tem uma duração ou culminação lógica tal qual que a atividade termina quando Sofia finaliza o romance. Este tipo de sentença é dita, nas palavras de Pustejovsky, um *accomplishment*.

Outro aspecto mencionado por Pustejovsky (1991a) é o *achievement*. Conforme o autor, este é um evento que resulta “numa certa mudança, da mesma forma que o *accomplishment* promove, porém a mudança é vista como aquela que ocorre instantaneamente” (p.35 grifo nosso; tradução nossa)⁴⁵. Em sentenças como ‘Pedro encontrou um Real no chão às 17h00’, verifica-se que a mudança não é gradual, mas pontual, o que confirma que, de fato, os advérbios pontuais como ‘no chão’ e ‘às 17h00’ são um sinal de que a sentença remonta um *achievement*.

Em resumo, Pustejovsky (1995, p. 16) apresenta alguns exemplos de verbos categorizados conforme o LG:

- a. Estados: saber, conhecer, amar, assemelhar-se, pensar, ser/estar.
- b. Processos: caminhar, correr, nadar, beber.

⁴⁵ [...] in a change of some sort, just as an accomplishment does, but where the change is thought of as occurring instantaneously. (PUSTEJOVSKY, 1991, p. 35)

c. *Accomplishments*: terminar, construir, destruir, quebrar, cozinhar.

d. *Achievements*: encontrar/achar, morrer, sair, chegar.

Portanto, vimos que na perspectiva teórica do LG de Pustejovsky, na Estrutura Eventiva, a categoria de transição engloba o *accomplishment* e o *achievement*, modificando o esquema temporal já apresentado em Vendler (1967). A diferença da estrutura do LG para o esquema de Vendler é o fato de que este levou em consideração principalmente o fator temporal inerente a verbos, enquanto Pustejovsky parece ter chegado a seus tipos de eventos a partir das relações de causa, permanência e mudança de estados que os eventos expressam.

3.2.3 A estrutura de qualia

A Estrutura de Qualia (PUSTEJOVSKY, 1991a; 1995; 2013) é aquela que especifica a força predicativa de um item lexical. Ao que parece, é a estrutura mais importante para os estudos do LG, pois, em Pustejovsky (1995), há um capítulo inteiro dedicado a esta estrutura. Conforme o próprio Pustejovsky (2013, p. 26) afirmou, a Estrutura de Qualia foi inspirada na interpretação de Moravcsik (1975) sobre a teoria das causas (*aitia*) de Aristóteles⁴⁶. Um quale (a forma singular para qualia) é um “termo que o LG empresta da filosofia para indicar um único aspecto do significado de uma palavra, definido na base da relação entre o conceito expresso pela palavra e outro conceito que a palavra evoca” (PUSTEJOVSKY; JEZEK 2016a, p.03, tradução nossa)⁴⁷. Dentre as relações conceituais que podem ser ativadas por uma palavra, as relações de qualia, conforme definidas por este modelo de léxico, são aquelas que são relevantes para a forma como a palavra é utilizada na língua.

No LG, para se identificar o significado das palavras, é necessário que haja um sistema de representação lexical que permita que as palavras modifiquem seus significados em diferentes contextos. O que a estrutura de qualia busca alcançar é a distinção entre o significado

⁴⁶ Aristóteles define as quatro causas das coisas, como (i) Causa formal — é a forma da coisa (um objeto define sua essência pela sua forma); (ii) Causa material — é a matéria de que uma coisa é feita (a matéria na qual consiste o objeto); (iii) Causa eficiente — é a origem da coisa (aquilo ou aquele que tornou possível o objeto); (iv) Causa final — é a razão de algo existir (a finalidade do objeto). (C.f. ARISTÓTELES. Metafísica. Tradução do grego, textos adicionais e notas de Edson BINI. São Paulo: Edipro, 2012)

⁴⁷ [...] a term GL borrows from philosophy to indicate a single aspect of a word's meaning, defined on the basis of the relation between the concept expressed by the word and another concept that the word evokes. (PUSTEJOVSKY; JEZEK, 2016, p.03)

das palavras (*word meaning*) e o conhecimento de mundo⁴⁸ (*world knowledge*) acerca das palavras.

Para uma melhor compreensão, vejamos o caso dado por Pustejovsky e Jezek (2016a) do item lexical ‘pão’. Conforme os autores, o nosso conhecimento de que ‘pão’ é algo que só passa a existir se for assado, é considerado um *quale* da palavra ‘pão’. Para eles, este conhecimento é explorado na nossa compreensão das expressões linguísticas, tais como “pão fresco”, que significa “pão que foi assado recentemente”. No LG, a motivação para as relações de *qualia* advém da ideia de que há um evento escondido na representação lexical associada aos substantivos que denotam objetos que são feitos para um propósito específico, por exemplo: uma porta é feita para que passemos por ela; uma janela é feita para que possamos ver através dela; um livro é feito para se ler; uma cerveja é feita para se beber; um carro é feito para dirigir etc.

Por este motivo, diz-se que as relações de *qualia* também são chamadas de modos ou papéis *qualia*, que representam (ou explicam) os atributos do referente de um item lexical, ou seja, os *qualia*, no LG, capturam diferentes propriedades dos objetos (itens lexicais), à medida em que eles são refletidos na língua. Os quatro papéis *qualia* são: (a) o *quale* constitutivo, (b) o *quale* formal, (c) o *quale* télico e o (c) *quale* agentivo. Conforme Pustejovsky (1995, 2013, 2014b), é importante destacar que nem todos os itens lexicais carregam um valor para cada papel *quale*, ou seja, enquanto alguns não são especificados, outros são preenchidos com mais de um valor. Para ilustrar a nossa explicação, temos que objetos naturais (pedra, peixe, ar, mar etc.) tipicamente não possuem um valor para o *quale* agentivo, tendo em vista que os objetos a que estes itens lexicais fazem referência não são produtos da criação humana.

Passemos as descrições dos papéis *qualia*:

- (a) O *quale* constitutivo é aquele que especifica a informação relativa ao todo ou às partes que compõem o objeto em questão: material, peso, parte e elementos componentes;

Ex.: (28) Tranque a casa quando você sair. (parte da casa - porta (*quale* constitutivo)).

- (b) O *quale* formal oferece a informação sobre o que distingue o objeto designado em um domínio mais amplo; informação sobre sua categoria básica conceitual – algo sobre a sua forma, orientação, dimensão, cor, posição, taxonomia etc.;

Ex.: (29) Ele tem uma casa de primeiro andar. (casa como artefato (*quale* formal)).

⁴⁸ Este conhecimento de mundo tem relação com o conhecimento relevante para a compreensão das expressões linguísticas.

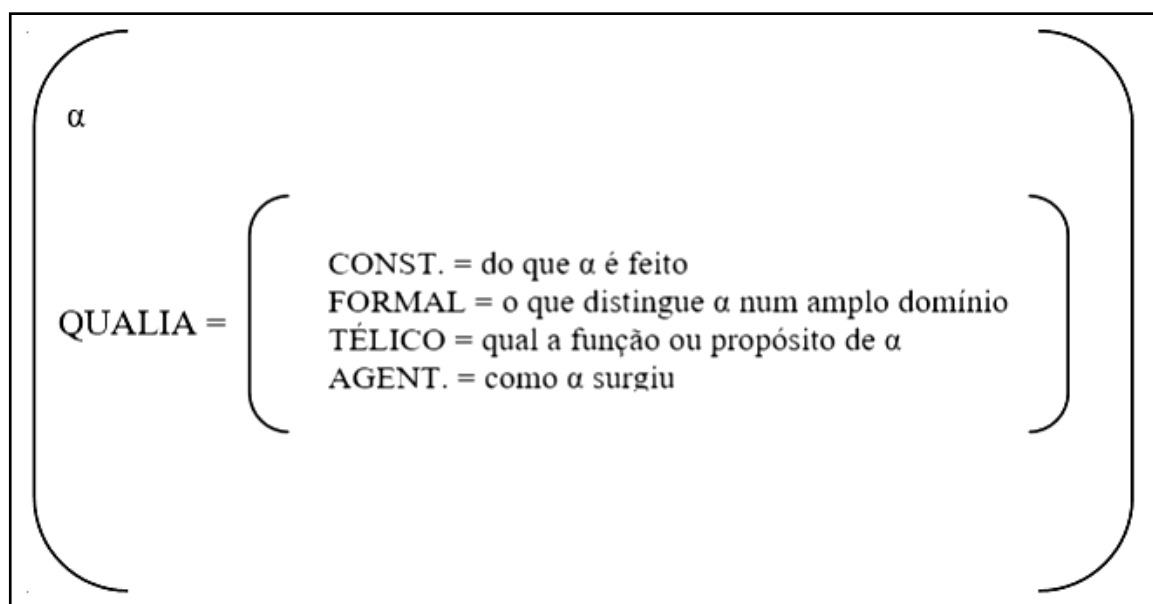
(c) O quale télico⁴⁹ é a representação dos eventos associados ao objeto denotado e as suas funções;

Ex.: (30) Nós compramos uma casa confortável. (propósito da casa (quale télico)).

(d) O quale agentivo é aquele especifica o processo que originou o objeto (“*bringing it about*”, PUSTEJOVSKY, 1995).

Ex.: (31) A casa está finalmente terminada. (a origem da casa (quale agentivo)).

Portanto, se quisermos representar um item lexical α por meio de sua estrutura qualia, baseados em Pustejovsky (1995; 2014a) teremos o seguinte:

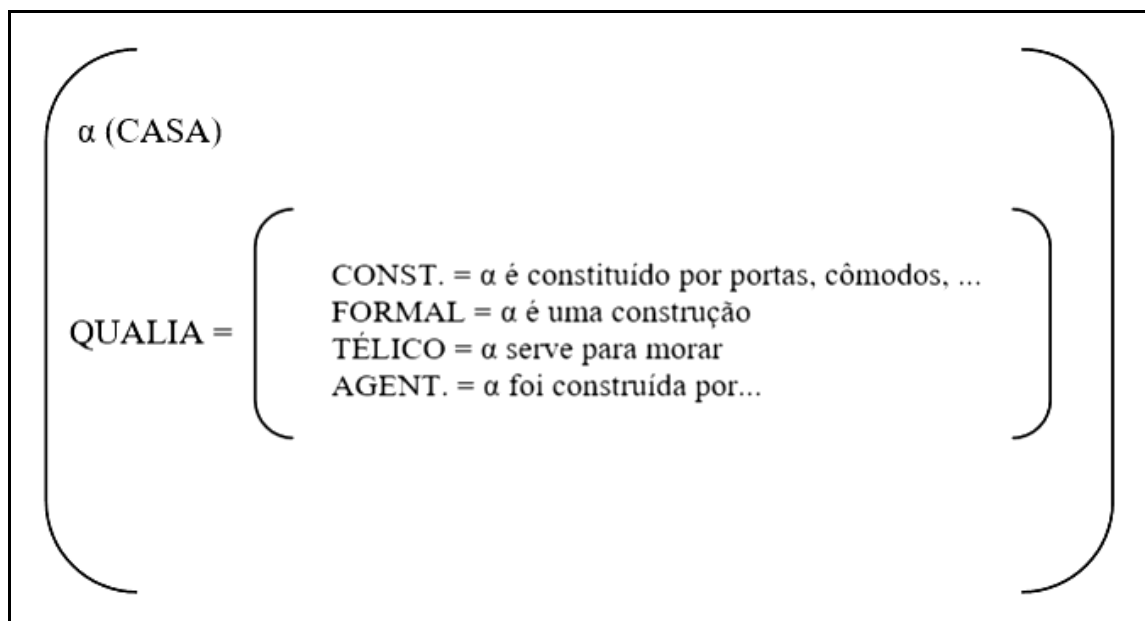


Quadro 2– (Cf. PUSTEJOVSKY, 1995; 2014b)

Vê-se que os papéis qualia estruturam o conhecimento e sugerem interpretações em diferentes contextos. Por exemplo, Pustejovsky fala que os artefatos são criados por humanos e para algum propósito. Nesse pensamento, e fazendo a relação com os exemplos apresentados, vejamos a estrutura de qualia para um dos sentindo do item lexical ‘casa’:⁵⁰

⁴⁹ Para mais detalhes sobre os dois tipos de télico (*direct telic* e *purpose telic*), recomendamos a leitura de Pustejovsky (1995, p. 99-101).

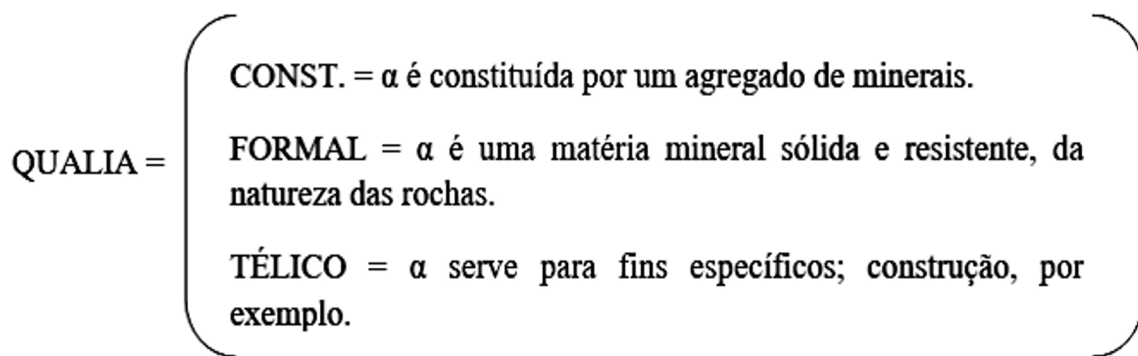
⁵⁰ Gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que a estrutura de qualia apresentada em Pustejovsky (2014b) refere-se à *house* e não à *home*.



Quadro 3 – (Cf. PUSTEJOVSKY, 2014a)

Pustejovsky (1995) assevera que todo item lexical expressa uma estrutura de qualia, porém nem todos carregam um valor para cada quale. Os itens lexicais ‘pedra’, ‘ar’, ‘mar’, por exemplo, conforme Pustejovsky (2014a), de forma geral, não possuem um valor para o quale agentivo, tendo em vista que os objetos a que eles se referenciam não são produtos da criação humana. Vejamos uma a estrutura de qualia da palavra ‘pedra’:

α (PEDRA)



Quadro 4 – (Fonte: próprio autor, 2020)

Esta estrutura pode ser interpretada como um conjunto de propriedades ou eventos que estão associados ao item lexical e buscam explicar o que a palavra significa. Pustejovsky (2014a) afirma que a estrutura qualia de um substantivo determina seu significado praticamente da mesma forma que a tipologia dos argumentos de um verbo determina o seu significado. Os

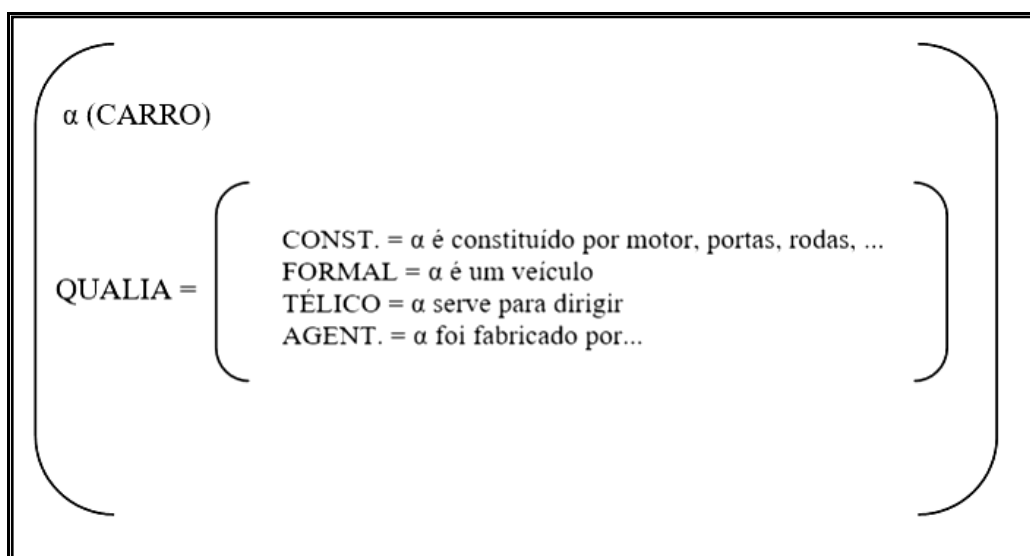
elementos que compõem uma estrutura qualia incluem noções já conhecidas como contêiner, espaço, superfície, figura ou artefato. O semanticista diz que uma maneira de representar a estrutura de qualia é como um conjunto de restrições em tipos (cf. COPESTAKE; BRISCOE, 1992; PUSTEJOVSKY; BOGURAEV, 1993). Ainda segundo Pustejovsky (2014a), “a estrutura qualia juntamente com os outros dispositivos representacionais (estrutura eventiva e estrutura argumental) pode ser vista como aquela que fornece os blocos de construção para possíveis tipos de objetos” (p. 09, tradução nossa)⁵¹.

Seguindo Pustejovsky (2001; 2005, apud PUSTEJOVSKY, 2014a), no que se refere à interpretação do qualia formal, podemos distinguir o domínio dos itens lexicais em três níveis:

a. TIPOS NATURAIS: conceitos mais simples que consistem apenas em referência aos papéis qualia formal e constitutivo;

b. TIPOS FUNCIONAIS: conceitos que integram a referência ao propósito/função.

Vejamos a representação para o item lexical ‘carro’:



Quadro 5 – (Cf. PUSTEJOVSKY, 2014a)

Pustejovsky (2014b) diz que, quando a língua acessa as partes que compõem o significado de uma palavra como uma regularidade sistemática, tais partes são codificadas na semântica lexical para aquela palavra. O item lexical ‘carro’, por exemplo, quando aparece na posição de sujeito, ocorre com verbos que denotam ações humanas:

(32) O carro está esperando na calçada.

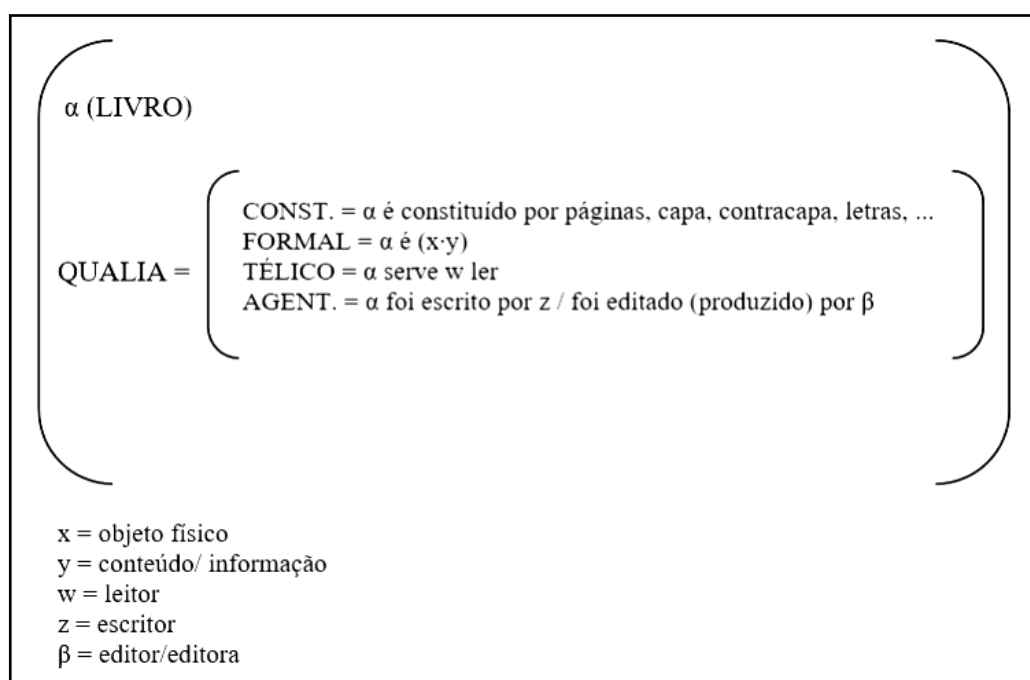
(33) Um carro buzinou lá atrás.

⁵¹ The qualia structure along with the other representational devices (event structure and argument structure) can be seen as providing the building blocks for possible object types.

A extensão de sentido de ‘carro’ para ‘motorista’ sugere que esta informação não é apenas parte do nosso conhecimento de mundo, mas é, de fato, codificada na entrada lexical (como um argumento para o quale tético [o carro serve para (o humano) dirigir]) e está disponível para a seleção sintática.

c. TIPOS COMPLEXOS: Conceitos que integram a referência a uma relação entre os tipos. Para um nome que denota um tipo complexo, o quale formal define de que forma os argumentos são relacionados uns aos outros. É representado por (x·y)

Conforme Pustejovsky (1995), um exemplo deste último tipo, é o item lexical ‘livro’ e o verbo a ele relacionado ‘ler’. Nas palavras do autor, o ato de ler requer não apenas que o complemento seja a informação, mas que seja uma manifestação física, algo concreto. Além disso, possuir apenas as propriedades físicas não é o suficiente para que um livro seja “legível” na concepção de Pustejovsky. É necessário que o leitor possa de fato ler o livro, ou seja, é preciso que haja informação nele. O quadro 6 ilustra esta codificação de informações da estrutura de qualia da palavra ‘livro’:



Quadro 6 – (Fonte: próprio autor, 2020)

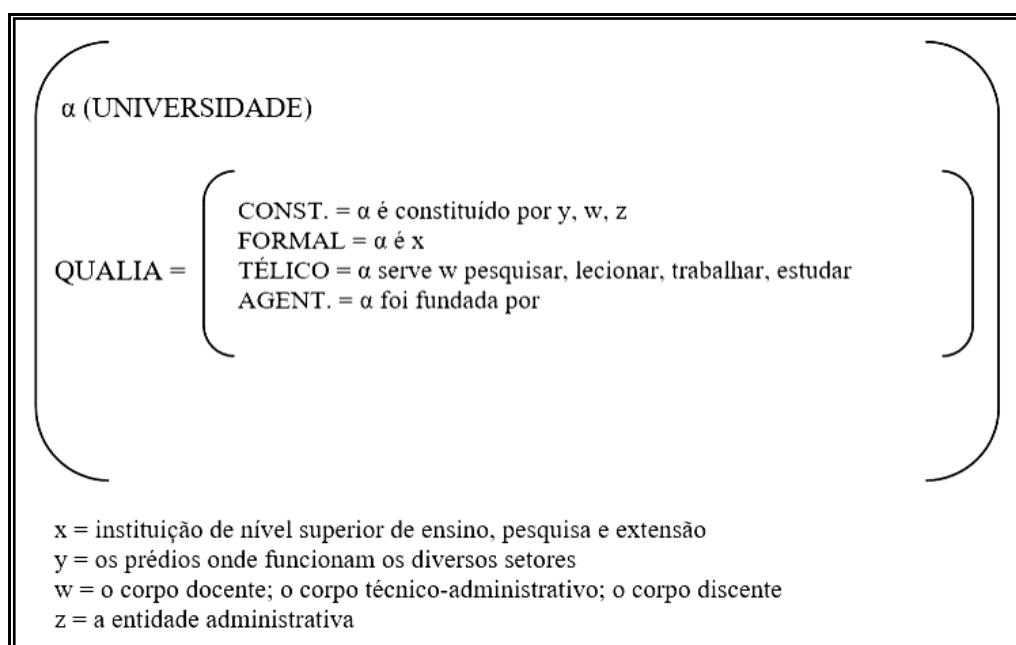
A partir dessa estruturação da qualia de ‘livro’, é possível perceber que não se trata de uma simples apresentação de papéis associados ao item lexical. É notável que o que se apresenta é muito mais do que isso, visto que esta descrição semântica proposta por Pustejovsky revela as coerções semânticas⁵², através das quais compreendemos um item lexical de uma

⁵² Trataremos mais a frente sobre o mecanismo gerativo da coerção semântica.

determinada língua natural. Comparando com os quadros anteriores, claramente vemos que estamos diante de um item lexical complexo, pois ‘livro’, conforme seu quale formal, é um objeto físico e que possui informação. Por este motivo, tem-se a representação (x·y).

Além disso, a estrutura de qualia deste item lexical expressa o conhecimento factual dele, como se pode perceber no quale agentivo que diz que α foi escrito por z (um humano; um escritor) e, possivelmente, editado por β (uma instituição; uma editora). Também, esta estrutura expressa o uso de ‘livro’ no quale télico que diz que função do item é ser lido por w (um leitor).

Seguindo essa concepção de que a “qualia não é apenas a organização do nosso conhecimento sobre as palavras, mas também a sugestão de interpretações delas no contexto” (PUSTEJOVSKY, 1995, p. 87, tradução nossa)⁵³, apresentaremos mais uma representação da qualia para outro item lexical: ‘universidade’:



Quadro 7 – (Fonte: próprio autor, 2020)

Com esta apresentação, é possível comprovar que os papeis da estrutura de qualia do item lexical ‘universidade’ não são apenas listas de predicados, mas expressões com tipos definidos e estruturas relacionadas. Este tipo de representação é utilizado por Pustejovsky a fim de apresentar um tratamento semântico mais polimórfico, além de permitir diferentes interpretações do item lexical em contextos específicos.

Recompondo o que apresentamos em parágrafos anteriores, temos que o quale constitutivo codifica as informações sobre as partes que compõem o item lexical; temos a relação “parte de” ou “feito de”. O quale formal codifica a informação que define ‘universidade’

⁵³ Qualia not only structure our knowledge of words, but also ‘suggest’ interpretations of words in context.

com base em características comuns a instituições de ensino superior; temos a relação “é uma”. O quale télico codifica as informações acerca do propósito ou da função de uma ‘universidade’; temos a relação “serve para” ou “tem como função o/a”. E, finalmente, o quale agentivo que codifica as informações sobre a origem do item lexical; temos a relação “criada por” ou “fundada por”.

Pustejovsky atribui aos fatores gerativos a habilidade de conectar os quatro papéis da estrutura de qualia de ‘universidade’ a fim de suprir a interpretação composicional. Isto é, ao mostrar a constituição de ‘universidade’, ao dizer o que é uma ‘universidade’, qual é o seu objetivo e por quem ela foi fundada, estamos auxiliando na elucidação dos significados do item lexical na língua portuguesa. Por isso, reforçamos a tese de que o procedimento adotado pela TLG, ao apresentar a estrutura de qualia para identificar o significado das palavras, tem por objetivo a criação de um sistema de representação lexical que permita a modificação das palavras em diferentes contextos, enquanto mantem-se a distinção entre o significado do dicionário e o conhecimento (real uso) da palavra. Enfim, Trindade (2012) diz que, para Pustejovsky, “não é o papel de uma teoria semântica lexical dizer qual é a leitura preferida, mas quais são as leituras possíveis para um determinado enunciado. A semântica lexical, deve, portanto, mostrar os possíveis sentidos e explicitá-los, mas a decisão de acionar um ou outro sentido depende do contexto pragmático.

Visto todas estas estruturas (de herança lexical, argumental, eventiva e de qualia), cabe a nós trazer a discussão, obviamente na concepção de Pustejovsky, acerca dos mecanismos que possibilitam a representação do comportamento polimórfico da linguagem. Tais mecanismos fazem a conexão desses diferentes níveis de descrição semântica lexical e direcionam a interpretação composicional dos itens no contexto. Na próxima seção, identificaremos estes mecanismos gerativos.

3.3 Os mecanismos gerativos

James Pustejovsky não propõe essas estruturas apresentadas anteriormente como suficientes por si mesmas. Pustejovsky (1995) propõe um conjunto de mecanismos (ou dispositivos) gerativos que relacionam estas estruturas, levando em consideração a interpretação composicional das palavras em contexto (contexto sentencial baseado em conhecimentos lexicais). O autor menciona (p. 105) que nestas operações gerativas incluem-se as seguintes transformações semânticas: coerção do tipo (subseção 3.2.1), ligação seletiva

(subseção 3.2.2) e a co-composicionalidade (subseção 3.2.3). E ainda complementa que “entre as operações de co-composicionalidade estão as transformações que fazem o uso de formas semanticamente subespecificadas” (p. 105, tradução nossa)⁵⁴, dentre elas a especificação dos verbos leves (*light verbs*).

3.3.1 Coerção de tipo

É uma operação semântica que converte um argumento para um tipo esperado, evitando um erro de tipo. Segundo Chishman (2000, p. 70, grifos nossos):

A operação de coerção compromete-se a capturar a relação semântica entre itens lexicais considerados por Pustejovsky como sistematicamente ambíguos e, conseqüentemente, reduzir a quantidade de ambigüidade lexical que a gramática exige.

A ideia não é totalmente nova. Inspirado no mecanismo de *type shifting*, delineado para permitir que um NP ou qualquer expressão mude o seu tipo em função do contexto, Pustejovsky acredita que a polissemia lógica pode ser capturada ao se permitir que um tipo semântico seja alterado ou coagido em contextos particulares.

Ou seja, é um mecanismo que converte o tipo dos argumentos, forçando a mudança do argumento que está explícito na estrutura sintática (chamaremos de tipo 2) em um argumento de forma canônica (chamaremos de tipo 1). Para ilustrar o que acabamos de dizer, vejamos um exemplo:

(34) Pedro começou o livro – tipo 2

(35) Pedro começou a ler o livro / a leitura do livro – tipo 1

No LG, a coerção do tipo é chamada de coerção de complemento verdadeiro, pois ocorre a troca de um tipo por outro. Tal situação acontece porque a estrutura do verbo ‘começar’ estabelece a exigência de um evento qualquer como complemento (tipo 1). Embora o complemento do primeiro exemplo seja um sintagma nominal (tipo 2) e não um evento, ele possui um evento implícito no papel télico de ‘livro’. Neste caso, tem-se a coerção de tipo que é a conversão realizada no momento da interpretação do tipo 2 no tipo 1, canonicamente esperado. Outra possibilidade é o acionamento da faceta disponibilizada pelo qual agente que poderia fornecer o argumento, também do tipo 1, ‘a escrita do livro’:

(36) Pedro começou a escrever o livro – tipo 1

⁵⁴ Among co-compositional operations are transformations making use of semantically underspecified form [...]

Outro exemplo para ilustrar o que acabamos de apresentar seria:

(38) Luísa gostou do filme

(39) Luísa gostou de assistir ao filme.

A estrutura do verbo ‘gostar’ exige como complemento um evento, no caso do exemplo (39), ‘assistir’ (tipo 1). No exemplo (38), o papel télico de ‘filme’ permite que o interlocutor faça a leitura da sentença como se houvesse um evento, corroborando a tese do LG da coerção de tipo. Vale salientar que em (38), quando dizemos que ‘Luísa gostou do filme’ não necessariamente seria ‘de assistir ao filme’ apenas. Há ambiguidades causadas justamente pelo télico do item lexical ‘filme’, pois é possível dizer que ‘Luísa gostou de atuar no filme’, ou que ‘Luísa gostou de dirigir o filme’.

Conforme Pustejovsky (1995, p. 115), a coerção do complemento verdadeiro envolve a mudança estrita de um tipo para outro tipo especificado, licenciado pelo léxico. Essa mudança não é algo arbitrário, porém introduz o tipo existente no tipo resultante através da operação de coerção adequada para cada caso. Segundo Pustejovsky (1995), o mecanismo de coerção do tipo funciona como uma reconstrução semântica do complemento (ou argumento), criando uma extensão do significado nominal do item lexical em discussão.

3.3.2 Ligação seletiva

Pustejovsky assevera que a ligação seletiva é um mecanismo que ocorre quando um item lexical opera especificamente sobre a estrutura da sentença, sem alterar o tipo geral na composição. Isto é, funciona como um mecanismo que permite captar a relação semântica estabelecida entre um modificador (adjetivo, por exemplo) e o núcleo nominal que ele modifica, permitindo que em um composto do tipo (NOME + ADJETIVO) seja aplicado diretamente a um papel qualia do nome.

Baseados em Pustejovsky (1995, p. 127), avaliemos os seguintes exemplos:

(40) O Boeing 737-300 é um avião rápido para este tipo de trajeto.

(41) José é um digitador rápido.

(42) Motociclistas rápidos serão facilmente multados.

Para o autor, tais exemplos são interessantes para que percebamos a aparente natureza não composicional da modificação assim como a produtividade destas construções. Tradicionalmente se estabelece que todos os sentidos do adjetivo ‘rápido’ devam ser

enumerados, o que requer que cada nuance de sentido do item lexical seja apresentada especificamente para a classe ou o tipo de substantivo que ele modifica. Porém, o que temos, segundo o LG, é a determinação do significado de ‘rápido’, na maioria dos casos, pela semântica do substantivo que se apresenta como o sujeito da construção sentencial. Percebemos que o item lexical ‘rápido’ não qualifica os itens ‘Boeing 737-300’, ‘digitador’ e ‘motociclistas’, mas a ação por eles efetuadas, ou seja, “avião que voa rápido e que chega ao seu destino final num prazo menor” e “digitador ágil na digitação”, “motociclistas que pilotam em altas velocidades”. Dessa forma, compreende-se que o item lexical ‘rápido’ comporta-se como um advérbio.

Vejamos uma outra situação. Pensemos em exemplos que relacionem o adjetivo ‘fácil’ e o substantivo ‘aula’:

(43) Pedro está ensinando uma aula fácil.

(44) João está assistindo a uma aula fácil.

Em enunciados como estes, podemos acionar os diferentes sentidos: (a) uma aula fácil de ensinar e (b) uma aula fácil de se assistir/de se aprender. Seguindo os pressupostos teóricos do LG, a polissemia não está no item lexical ‘fácil’, mas no item lexical ‘aula’ que traz, na sua estrutura qualia, as duas facetas que mostramos, pois o papel télico nos diz que uma ‘aula’ é para ser assistida, enquanto que o papel agentivo, que o conteúdo de uma ‘aula’ deve ser ministrado/ensinado por alguém (um professor, por exemplo). Conforme Trindade (2006, p. 63), a ligação seletiva é este “mecanismo que permite captar a relação semântica estabelecida” entre o item lexical modificador ‘fácil’ e o núcleo nominal que ele está modificando (‘aula’).

3.3.3 Co-composicionalidade

Seguindo a tradição Aristotélica, este mecanismo do LG é uma forma pouco convencional de composicionalidade, pois o tipo de predicado não restringe os tipos de argumentos. O que ocorre quando este mecanismo gerativo surge é uma aplicação funcional bilateral. Ou seja, nesta operação, tanto o predicado quanto o argumento agem funcionalmente na construção do sentido final.

Na língua inglesa, podemos usar o exemplo do verbo leve *take* para ilustrar o que acabamos de apresentar (C.f. PUSTEJOVSKY, 2014):

(45) *Take a tablet* (télico = *ingest*) [tomar um comprimido] [télico = ingerir].

(46) *Take a train* (téllico = *travel by*) [tomar um trem] [téllico = viajar de].

É possível perceber que, para que o(s) sentido(s) do verbo *to take* surja(m) no contexto, há uma bilateralidade entre o nome e o verbo, guiada pelo papel que nos orienta acerca da função desses nomes. Seguindo as concepções de Pustejovsky (2012, p. 07), temos que este mecanismo já foi conhecido como coespecificação, visto que o argumento selecionado pelo predicado aparenta possuir uma certa familiaridade com o predicado e, consequentemente, o especifica. No Léxico Gerativo, a co-composicionalidade⁵⁵ é vista como uma introdução à nova informação para uma expressão [ou item lexical] através do argumento, além de se contribuir para a funcionalidade do argumento no interior da frase.

No sentido de compreender esse mecanismo gerativo, vamos analisar a relação entre o sentido nuclear e os sentidos derivados do verbo ‘assar’ (*bake*), classicamente apresentado por Pustejovsky na maioria dos seus trabalhos. Pustejovsky (2012) relata que, em contextos com determinados objetos (ou artefatos), o verbo assume a interpretação de um predicado de ‘criação’, enquanto com outros objetos, ele mantém o significado subjacente de ‘mudança de estado’. Vejamos exemplos, baseados em Pustejovsky (1995):

(47) João assou a batata – mudança de estado

(48) João assou o bolo – criação

Ou seja, seguindo o raciocínio de Pustejovsky (2012), devemos explorar a semântica dos objetos para chegarmos à conclusão de que o verbo tem apenas um sentido, o de mudança de estado. A faceta de ‘criação’ surge em função da carga semântica que o item lexical ‘bolo’ possui, tendo em vista o seu quale agentivo que faz referência ao processo de ‘assar’. O que ocorre é a coespecificação do verbo pelo predicado. Isto é, a estrutura qualia para o objeto ‘bolo’ faz alusão ao predicado, selecionando-o como um argumento coespecificado, fazendo com que a atividade de ‘assar’ assumira uma interpretação final quando combinada a este tipo de argumento.

O próprio Pustejovsky (1995, p. 123) já havia afirmado que o sentido subjacente de ‘mudança de estado’ é o que prevalece: “Eu desejo reivindicar que há apenas um único sentido para assar, e que quaisquer outras leituras são derivadas através de mecanismos gerativos em

⁵⁵ Segundo Pustejovsky (2014b), há três tipos de co-composicionalidade: (i) a co-composicionalidade com a coerção do predicado: na qual o sujeito age funcionalmente sob o seu próprio predicado; (ii) a co-composicionalidade com a coespecificação do predicado: na qual o verbo e o objeto criam um novo significado; (iii) a co-composicionalidade com coespecificação do argumento: na qual dois argumentos do verbo são relacionados independentemente da seleção do predicado.

composição com os seus argumentos” (tradução nossa)⁵⁶. O que rebate a afirmação da francesa Gayral (1998), que afirma que a faceta ‘criação’ advém do conhecimento de mundo (ou pragmático), conforme explicação de Aragão Neto (2004).

Pustejovsky (2012) afirma que para melhor compreendermos o mecanismos envolvidos nas interpretações que resultam nessas construções, devemos examinar a relação entre o sentido nuclear e os variados no verbo ‘assar’, pois num contexto de objetos particulares, este verbo pode assumir a interpretação de um predicado de ‘criação’, enquanto com outros objetos, ele mantém o sentido subjacente de ‘mudança de estado’. Entretanto, mesmo que esta linha seja tênue, Pustejovsky já mostrou em diversos trabalhos que a análise da polissemia lógica feita pelo modelo do LG valida a sua metodologia de especificação dos sentidos.

No caso do SN ‘bolo’, ele coespecifica o verbo ‘assar’ através do seu quale agentivo, o que pode ser representado pela junção dos níveis de representação lexical de ‘assar’ e de ‘bolo’, formando a construção ‘assar um bolo’. Vejamos os quadros 08, 09, 10 e 11 (cf. PUSTEJOVSKY, 2012):

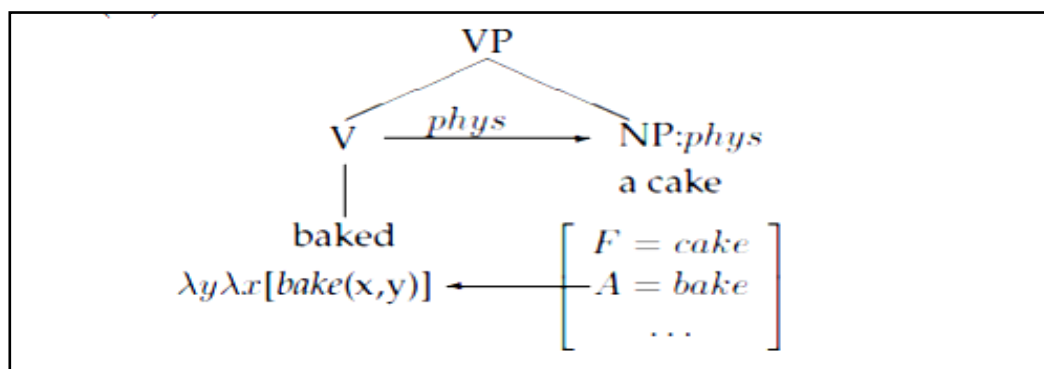
$$\lambda y \lambda x \lambda e \left[\begin{array}{l} \text{bake} \\ AS = \left[\begin{array}{l} A1 = x : \text{phys} \\ A2 = y : \text{phys} \end{array} \right] ES = \left[\begin{array}{l} E1 = e : \text{process} \end{array} \right] \\ QS = \left[\begin{array}{l} A = \text{bake_act}(e, x, y) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

Quadro 8 – (Fonte: PUSTEJOVSKY, 2012)

$$\lambda x \exists y \left[\begin{array}{l} \text{cake} \\ AS = \left[\begin{array}{l} \text{ARG1} = x : \text{phys} \\ \text{D-ARG1} = y : \text{mass} \end{array} \right] QS = \left[\begin{array}{l} F = \text{cake}(x) \\ C = \text{made_of}(x, y) \\ T = \lambda z, e[\text{eat}(e, z, x)] \\ A = \exists w, e[\text{bake}(e, w, y)] \end{array} \right] \end{array} \right]$$

Quadro 9 – (Fonte: PUSTEJOVSKY, 2012)

⁵⁶ I wish to claim that there is only one sense for bake, and that any other readings are derived through generative mechanisms in composition with its arguments.



Quadro 10 – (Fonte: PUSTEJOVSKY, 2012)

$$\left[\begin{array}{l} V \\ A = bake \end{array} \right] \sqcap \left[\begin{array}{l} NP \\ F = cake \\ A = bake \end{array} \right] = \left[\begin{array}{l} VP \\ F = cake \\ A = bake \end{array} \right]$$

Quadro 11 – (Fonte: PUSTEJOVSKY, 2012)

No Quadro 8, verifica-se que o valor do quale agentivo para o SN ‘bolo’ faz referência ao próprio processo ao qual ele está inserido na construção ‘assar um bolo’ e consequentemente, vê-se que a partir do processo subjacente no sentido de ‘mudança de estado’ do verbo *to bake* (‘assar’), o sentido de ‘criação’ emerge quando combinado com o SN ‘um bolo’, tido como acionador, resultando nessas formas lógicas apresentadas por Pustejovsky (2012) e representadas nos Quadros 10 e 11.

Para finalizar nossa apresentação sobre esse mecanismo gerativo, deixamos a reflexão do próprio Pustejovsky (2012, p. 02), que afirma que a co-composicionalidade não é o resultado de uma falha de composicionalidade e, portanto, deve ser vista como aquele mecanismo que envolve processos não composicionais, isto é, que envolve pelo menos mecanismos convencionais de composição para as expressões envolvidas, juntamente com os mecanismos interpretativos adicionais nem sempre explorados dentro de uma sentença.

Após a explanação sobre aspectos considerados relevantes para este trabalho de pesquisas, no contexto do modelo de léxico proposto por James Pustejovsky, nos encaminhamos para o capítulo que apresenta o caminho metodológico da pesquisa, a análise e a discussão dos nossos dados.

CAPÍTULO 4 – Analisando e discutindo os dados coletados

Este capítulo contém a discussão e a análise dos dados coletados nos *corpora* de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa. Na primeira seção, apresentaremos os critérios para a seleção dos dados. Na sequência, apresentaremos as discussões dos dados coletados, em seções específicas para cada VL, em Língua Portuguesa e em Língua Inglesa (‘dar’/to give, ‘fazer’/to do/to make, ‘ter’/to have e ‘tomar’/to take), com as CVL retiradas do *Corpus do Português: web/dialect*[®], paralelamente às discussões das CVL retiradas do *Corpus of Contemporary American English (COCA)*[®].

4.1. Os critérios utilizados para a coleta dos dados

Antes de apresentarmos os dados selecionados, os critérios adotados e, por consequência, as análises propriamente ditas, traremos, novamente, de forma breve, a discussão sobre o que caracteriza um verbo leve como tal.

É importante evidenciarmos que, em análises feitas por sintaticistas, o verbo ‘dar’ no português, por exemplo (assim como seu equivalente em inglês *to give*), pode funcionar não apenas como um VL, mas também como um verbo pleno, obviamente, e como uma parte integrante de uma expressão idiomática.

Para citarmos um exemplo do cânone da Sintaxe, podemos mencionar Borba (1979), que considera plenos aqueles verbos que têm significação lexical, semanticamente falando, e sintaticamente ocupam o núcleo do predicado num sintagma verbal (SV). O que Borba disse segue justamente o que se apresenta nas nove primeiras acepções de Bechara (2009, p. 256)⁵⁷ para o verbo ‘dar’, conforme seguem:

DAR v. td. tdi. 1 Pôr bens na posse de; doar. *Deu sua biblioteca a/para faculdade.* **tdi. 2** Oferecer (algo) como presente ou lembrança. *Dei-lhe uma camisa.* **td.tdi. 3** Colocar (algo) à disposição de alguém. *Dar ajuda ao amigo. (...)* **tdi. 7** Atribuir (valor, importância). *Dou muita importância aos estudos.* **td.tdi. 8** Promover, organizar (curso, evento). *Dar uma festa.* **tdi. 9** Atribuir,

⁵⁷ A escolha por este dicionário foi feita aleatoriamente, entretanto levamos em consideração e relevância dos trabalhos de Evanildo Bechara, autor de dicionários e gramáticas, além de membro da Comissão de Lexicologia e Lexicografia e da Comissão de Seleção da Biblioteca Rodolfo Garcia - Academia Brasileira de Letras (<http://www.academia.org.br/academicos/evanildo-bechara/biografia>) .

conceder (nome, título). *Dei o nome de meu avô ao meu filho.* (C.f. BECHARA, 2009, p. 256, grifos nossos)⁵⁸.

Esta concepção de verbo pleno é o que o acontece com ‘dar’ na construção ‘dar um celular ao filho’ ou ‘dar cestas básicas a famílias carentes’, por exemplo. Quando nos referimos aos VL, podemos voltar ao nosso capítulo 1, que trata dessa classe verbal, para retomar o que, de forma quase unânime, há em pesquisas anteriores na área da Sintaxe acerca das CVL.

Tais pesquisas mostram que o VL pode ser um elemento puramente funcional (C.f. GROSS, 1981; GRIMSHAW; MESTER, 1988), ou pode ser visto como um auxiliar (C.f. LIVE, 1973; HOOK, 1974; ABEILLÉ et. al., 1998). Por outro lado, há trabalhos (C.f. DUARTE et. al, 2010) que relatam que o VL e o nome deverbal, que faz parte do seu argumento interno, contribuem para a determinação das propriedades desse que chamamos de predicado complexo, sem esquecer que, conforme Grimshaw; Mester (1988), Butt (1995, 2003), Samek-Ludovici (2003) e Scher (2006), a formação da estrutura argumental tem uma participação ativa desses dois importantes elementos, que além disso, contribuem fortemente na atribuição dos papéis temáticos, através da combinação das suas estruturas temáticas.

Ainda segundo a Sintaxe, há algumas propriedades da sequência (VL + nome deverbal) que são consideradas características para a formação do chamado predicado complexo. Na tentativa de concretizar essa justificativa dos sintaticistas, iremos apresentar, nos parágrafos que seguem, alguns exemplos com os verbos ‘dar’, ‘fazer’ e ‘ter’, baseando-nos na pesquisa realizada por Duarte et al (2010) na qual os autores apresentam seus argumentos sobre a formação das CVL como esses verbos.

Duarte et al. (2010) observaram, em seus estudos sobre o português europeu, que o verbo ‘dar’ na sua forma leve se combina com nomes derivados de predicados que denotam situações pontuais (*points*), processos (*process*) e processos culminados (*culminated processes*), conforme os exemplos (1), (2) e (3). Por outro lado, o ‘dar’ leve não se combina (*) com nomes derivados de predicados que denotem estados (*state*) ou noções de culminância (*culminations*), conforme os exemplos (4) e (5). Vejamos⁵⁹:

- (1) O paciente deu um espirro forte. – predicado denotando uma situação pontual.
- (2) O paciente precisa dar um passeio. – predicado denotando um processo.

⁵⁸ Conforme Bechara (2009b, p. XII), as abreviações para as regências verbais são as seguintes: td. (transitivo direto), tdi. (transitivo direto e indireto), tr. (transitivo relativo), tdr. (transitivo direto e relativo) tdp. (transitivo direto e predicativo).

⁵⁹ Os exemplos apresentados de (1) a (16) são de nossa autoria, porém baseados no texto de Duarte et al (2010).

- (3) Nesta quarentena, eu dei uma grande limpada na casa. – predicado denotando um processo culminado.
- (4) *O paciente deu uma estada no hospital. – predicado denotando um estado.
- (5) *O imigrante deu uma travessia da fronteira. – predicado denotando uma noção de culminância.

No que concerne ao verbo ‘fazer’, outro VL prototípico, tem-se que, ainda conforme Duarte et al. (2010), este se combina aos nomes derivados de predicados que denotam processos ou noções de processos culminados (exemplos (6) e (7)). Porém, ‘fazer’ na sua forma leve não se combina (*) aos predicados que denotem situações pontuais ou que apresentem noções de estado (exemplos (8) e (9)):

- (6) A atleta faz uma corrida na pista de atletismo todos os dias. - predicado denotando um processo.
- (7) O imigrante fez a travessia da fronteira. - predicado denotando um processo culminado.
- (8) *O paciente fez um espirro. - predicado denotando uma situação pontual.
- (9) *Os médicos fizeram receio dos casos suspeitos de COVID-19. - predicado denotando um estado.

Além desses dois verbos, Duarte et al. (2010, p. 28) também discutem sobre o ‘ter’ que, na sua forma leve, pode ser combinado “com os nomes deverbais que denotem processos, processos culminados, noções de culminância, noções pontuais e estados”⁶⁰ (tradução nossa), conforme os exemplos a seguir:

- (10) Os turistas tiveram uma tensa viagem de volta para casa. - predicado denotando um processo.
- (11) O paciente teve uma boa resposta ao novo medicamento. - predicado denotando um processo culminado.
- (12) O piloto da Fórmula-1 teve uma chegada triunfal. - predicado denotando uma noção de culminância.
- (13) O paciente teve soluços por causa do excesso de comida. - predicado denotando uma situação pontual.
- (14) O chefe da UTI tem uma visão clara dos acontecimentos. - predicado denotando um estado.

⁶⁰ [...] with deverbal nouns denoting processes, culminated processes, culminations, points and states.

Outro critério bem presente nos estudos de muitos linguistas, que se tornou algo comum ao se discutir os VL, é a questão da possível substituição da sequência (VL + nome deverbal) por um verbo pleno, morfologicamente relacionado ao nome deverbal, conforme os exemplos que seguem:

- (15) a. O Ministro da Saúde **deu alguns conselhos** ao Presidente da República.
b. O Ministro da Saúde aconselhou o Presidente da República.
- (16) a. O Ministro da Saúde precisa **dar respostas** às dúvidas da população.
b. O Ministro da Saúde precisa responder às dúvidas a população.
- (17) a. O Ministro da saúde **dará um exemplo** para ser mais claro.
b. O Ministro da saúde exemplificará para ser mais claro

Estas hipóteses, apresentadas nos últimos parágrafos, encontram fundamentação, não apenas nos autores já mencionados no decorrer desta tese, mas em vários outros compêndios, sejam eles de estudos sintáticos ou semânticos, e que acabam apontando um certo número de propriedades das sequências que envolvem um VL e um nome deverbal, evidenciando a estreita interação dos dois constituintes na formação destas construções.

Entretanto, defendemos que as classificações de um VL em categorias estanques (ao exemplo daquelas mencionadas por Kearns, 2002 [1988]), não são condições suficientes para que este ou aquele verbo se apresente na sua forma leve. Dizemos isso, pois há ocorrências em que a CVL não encontra a sua contraparte verbal, como por exemplo o verbo ‘dar’ na construção ‘dar uma chegada’. Nesta ocorrência, não há como substituímos ‘uma chegada’ por ‘chegar’ porque a compreensão do significado de ‘dar uma chegada’ vai em direção de ‘comparecer a algum lugar por um breve período de tempo, e não significa que o usuário da língua quer dizer que irá chegar em algum lugar necessariamente. Da mesma forma, na língua inglesa, a ocorrência da CVL *have an idea (about something)* – ter uma ideia (sobre algo), bastante utilizada por falantes desta língua, no sentido de ‘ter conhecimento, noção (sobre algo)’ não tem o mesmo significado do verbo *idealize* (idealizar), que vai na direção do sentido de ‘imaginar, fantasiar’. Situações semelhantes ocorrem, em ambas as línguas, em construções como ‘dar um tempo’, ‘tomar um rumo’, ‘ter um efeito’, ter uma noção’, *give a speech* (dar um discurso), *take a picture* (tirar uma foto), *have an ice cream* (tomar um sorvete), *make a mistake* (cometer um erro), por exemplo.

Logo, considerando que todo item lexical tem o seu valor e importância numa sentença; considerando que somos favoráveis à tese de que os verbos constituintes das CVL

têm força semântica, contribuindo fortemente para o sentido da construção como um todo; considerando que os VL não devem pertencer a uma classe estática, pois há inúmeras possibilidades de combinações; considerando que verificamos, durante o processo de coleta de dados, a não correspondência de algumas CVL com um verbo pleno morfológicamente relacionado com o nome – algo que para a maioria dos estudos da Sintaxe é uma condição para o verbo ser considerado leve –, direcionamo-nos para a necessidade de uma discussão de cunho semântico sobre essa classe verbal, mais especificamente sob o viés do LG. Para a seleção dos dados e o estabelecimento de um critério de análise, restringimos as CVL a serem investigadas a partir de quatro VL prototípicos em ambas as línguas objetos do estudo (*dar/to give*, *fazer/to make (do)*, *ter/to have*, *tomar/to take*), considerando a maior quantidade de ocorrências registradas nos *corpora* analisados (vide anexos), conforme seguem:

- grupo (i) – CVL com ‘dar’ e com *to give*

<i>Corpus do Português: web/dialect</i>[®]	Número de ocorrências
dar um exemplo	2077
dar uma olhada	3343

<i>COCA</i>[®]	Número de ocorrências
<i>give an example</i> ⁶¹	164
<i>give a speech</i> ⁶²	333

- grupo (ii) – CVL com ‘fazer’ e com *to do* e *to make*

<i>Corpus do Português: web/dialect</i>[®]	Número de ocorrências
fazer um curso	2056
fazer uma viagem	1690

<i>COCA</i>[®]	Número de ocorrências
<i>make an effort</i> ⁶³	1057
<i>make a difference</i> ⁶⁴	8700
<i>do an interview</i> ⁶⁵	296

⁶¹ Dar um exemplo.

⁶² Dar um discurso.

⁶³ Fazer um esforço.

⁶⁴ Fazer a diferença.

⁶⁵ Fazer uma entrevista.

<i>do a job</i> ⁶⁶	616
-------------------------------	-----

- grupo (iii) – CVL com ‘ter’ e com *to have*

<i>Corpus do Português: web/dialect</i>[®]	Número de ocorrências
ter um efeito	1084
ter uma conversa	920

<i>COCA</i>[®]	Número de ocorrências
<i>have an abortion</i> ⁶⁷ :	1002
<i>have a conversation</i> ⁶⁸	1594

- grupo (iv) – CVL com ‘tomar’ e com *to take*

<i>Corpus do Português: web/dialect</i>[®]	Número de ocorrências
tomar um banho	1181
tomar uma decisão	3286

<i>COCA</i>[®]	Número de ocorrências
<i>take an aspirin</i> ⁶⁹	54
<i>take a shower</i> ⁷⁰	1622

Com esses dados em mãos, fomos em busca de atender nossos objetivos de pesquisa para (1) descrever, semanticamente, os dados recortados e analisar se e como ocorre a transmissão de sentido dos complementos para os VL, verificando se se trata de um fenômeno de esvaziamento de sentido do verbo ou de polissemia; (2) realizar uma análise do comportamento dessas estruturas entre a Língua Portuguesa e a Língua Inglesa e (3) demonstrar que, em algumas CVL, há informações interpretativas e algumas restrições ao se aplicar esse vazio semântico aos VL.

As próximas sessões apresentarão as análises das estruturas semânticas, conforme o LG, das CVL formadas pelos VL: ‘dar’, ‘fazer’, ‘ter’ e ‘tomar’, tanto em Língua Portuguesa

⁶⁶ Realizar um trabalho.

⁶⁷ Ter um aborto.

⁶⁸ Ter uma conversa.

⁶⁹ Tomar uma aspirina.

⁷⁰ Tomar um banho.

quanto em Língua Inglesa, conforme os grupos citados, tendo em vista a necessidade de ‘dar voz’ aos quatro verbos prototípicos. É importante salientar que optamos por apresentar a análise das estruturas daquelas CVL, com maiores ocorrências nos *corpora*, de ambas as línguas, os quais analisamos. Na seção 4.2, há as análises e as discussões das CVL do **grupo (i)**, no qual o verbo ‘dar’ é o VL estudado. Discutiremos sobre a CVL ‘dar um exemplo’ (2077 ocorrências), ‘dar uma olhada’ (3343 ocorrências), sendo estas as que apresentaram as maiores ocorrências nos *corpora* analisados. Em paralelo, faremos a análise das CVL contrapartes de cada língua. Por exemplo, ‘dar um exemplo’ x *give an example*, ‘dar uma olhada’ x *take a look* etc. Entretanto, pode acontecer de uma das CVL coincidentemente já ter sido referenciada na coleta, o que não ocorrerá de ter a sua análise repetida, como é o caso de ‘dar um exemplo’ e *give an example*, que aparecem no mesmo grupo e na ordem de maior frequência de cada *corpus*, sendo uma a contraparte da outra.

Na seção 4.3, apresentaremos a análise estrutural das CVL pertencentes ao **grupo (ii)**, no qual o VL estudado é o verbo ‘fazer’. Nesta análise, será discutida a matriz semântica da CVL ‘fazer um curso’ (com 2056 ocorrências) e suas particularidades. Também nesta seção, trataremos a diferença dos VL em língua inglesa *to do* e *to make*.

Na seção 4.4, será feita a discussão do VL prototípico ‘ter’ e as CVL do **grupo (iii)** ‘ter um efeito’ e *have a conversation*. Mostraremos a que se deve a variedade de sentidos que apresentam as construções de que este item lexical, em ambas as línguas, participa.

E por fim, porém, não menos importante, na seção 4.5, terminaremos com a discussão sobre o mais interessante dos VL prototípicos, o verbo ‘tomar’. Apresentaremos os casos das operações semânticas das CVL do **grupo (iv)** ‘tomar um banho’ e *take a shower*.

Vale ressaltar que, em todas as seções, iremos apresentar as gradações da chamada leveza verbal para cada situação, além de, atendendo um dos objetivos específicos desta pesquisa, verificar se há semelhanças ou diferenças entre as construções das línguas selecionadas para este estudo.

Sigamos com a análise e discussão dos dados.

4.2 Análise das CVL do grupo (i): com ‘dar’ e com *to give*

Pautando-nos no modelo teórico do LG, é importante ressaltar que podemos classificar o verbo ‘dar’ como complexo, em virtude da intrínseca polissemia que há neste verbo. Ou seja, ocorre a relação que associa um par de sentidos de uma forma bem definida, permitindo que,

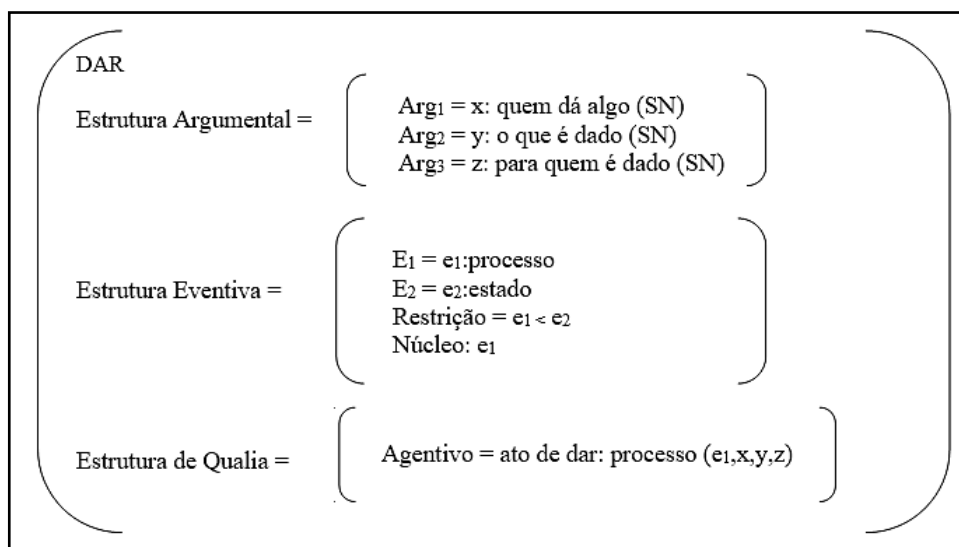
em dado contexto, um ou outro sentido seja usado na interpretação. Se voltarmos à seção 3.1, na parte onde apresentamos as acepções deste verbo em Bechara (2009), e se fizermos a comparação com a acepção do verbo *to give* no *Oxford Advanced Learner's Dictionary*:

GIVE /gɪv/ v (pt *gave*...; pp *given*...) **causing somebody or something to have or receive.** **1** ~ **sth to sb** to cause to sb to receive, hold have or own sth: *I gave each of the boys an apple. I gave an apple to each of the boys. Each of the boys was give an apple. An apple was given to each of the boys (...). **7** ~ **sth to sb** to cause sb to suffer the specified punishment, esp a period of time in prison: *Thw judge gave him a nine-month suspended sentence. (...)* **8** ~ **sth to sb** to infect sb with an illness. *You've given me your cold/given your cold to me.* **communicating.** **9** (used in the imperative) to offer sth to sb as an excuse or explanation: *Don't give me that rubbish about having a headache - I know you don't want to go to the party.* **10** to make a telephone call to sb: *I'll give you a ring tomorrow.* **11** to admit the truth of sth to sb; to grant sth: *The government has a good record on inflation, I give you that, but what is it doing about unemployment. (...)* (C.f. CROWTHER et al, 1995, p. 499-500, grifos dos autores),*

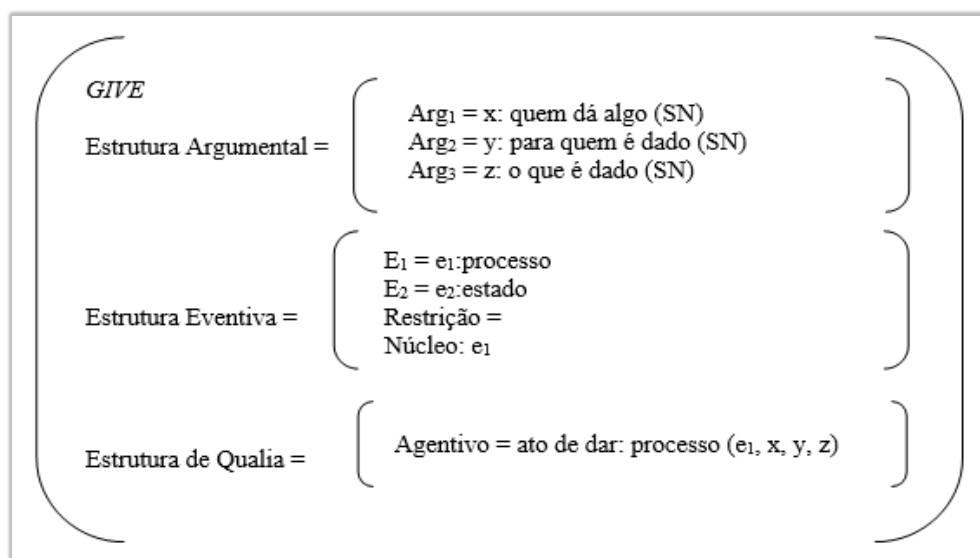
percebemos a multiplicidade de sentidos que os dicionaristas apresentam para os usos do verbo 'dar' e da sua contraparte na Língua Inglesa, o que nos faz retomar a nossa hipótese de acreditar que seria muito oneroso para a Semântica Lexical concordar com o pressuposto assumido pelas gramáticas tradicionais e por muitos dos Linguistas de que há um esvaziamento semântico total deste verbo quando configurado como verbo leve.

Uma tese que será levantada, no decorrer das análises das CVL em Língua Portuguesa, será o da gradação do esvaziamento do verbo leve a depender da construção em que ele se encontra. Por exemplo, quando há um complemento (SN) derivado de um verbo ('dar uma limpada', 'dar uma relaxada', 'dar uma estudada'), ocorre um esvaziamento maior da carga semântica do VL do que quando se tem um SN não deverbal ('dar um jeito', 'dar uma chance', 'dar uma volta'), o que aproxima, de certa forma, o VL do verbo pleno, acarretando uma certa carga semântica. Além disso, mostraremos que essa constatação pode não acontecer desta mesma forma nas CVL em Língua Inglesa. Uma outra tese que será apresentada é de que nem sempre haverá um verbo pleno que possa substituir a CVL correspondente, como já mencionado em parágrafos anteriores. Além dessas teses, indo ao encontro do que acabamos de dizer, tomando como base os aspectos teóricos apresentados no nosso capítulo sobre o LG, apresentaremos que mecanismo gerativo ocorre quando da junção entre o VL e o seu complemento.

Antes de apresentarmos as estruturas semânticas com as CVL formadas pelos VL 'dar' e *to give*, apresentaremos as estruturas semânticas da forma plena desses verbos, como em 'dar um lápis', 'dar um camisa', *give a bike, give money*.



Quadro 12 - (Fonte: próprio autor, 2020)



Quadro 13 - (Fonte: próprio autor, 2020)

Através da análise destas estruturas, pautando-nos no LG de Pustejovsky, há a confirmação de que o verbo ‘dar’ e o *to give*, em suas formas plenas, são tri-argumentais e que, na estrutura eventiva de ambos, há uma prevalência de eventos que representam processos, confirmando o que Duarte et al (2010) observaram. Além disso, o modelo teórico de James Pustejovsky nos diz que devemos explorar a semântica dos argumentos (complementos) para concluirmos que o verbo ‘dar’, assim como o *to give*, em seu qualia agente, apresenta o sentido mais genérico do verbo, o sentido de entregar ou oferecer algo a alguém. As outras facetas surgem em função da carga semântica que os outros itens lexicais usados como argumentos destes verbos possuem. É importante fazermos a observação de que, no caso do verbo em

Língua Inglesa, é possível encontrarmos frases como (a) *I give him money*⁷¹ ou (b) *I give money to him*. Ou seja, no que se refere à estrutura argumental, pode ocorrer uma inversão dos Arg₂ e Arg₃, porém sem nada alterar as outras estruturas e sem comprometer a explicação que acabamos de fazer.

No processo de coleta dos dados, a CVL ‘dar um exemplo’, conforme informamos na seção 3.1, apareceu em primeiro lugar na busca **dar um N** (verbo leve + artigo indefinido masculino + sintagma nominal) no *Corpus do Português: web/dialect*®, registrando duas mil e setenta e sete (2077) ocorrências. Direcionado o nosso objeto de pesquisa para a teoria com a qual nos propusemos a trabalhar nesta pesquisa, apresentaremos, mais adiante, a representação das estruturas semânticas, à luz do modelo do LG, para a CVL ‘dar um exemplo’. E para que possamos melhor visualizar as estruturas semânticas desta CVL, selecionamos, aleatoriamente, um exemplo do *Corpus do Português: web/dialect*® da construção com o VL no pretérito perfeito do indicativo: ‘deu um exemplo’:

(18) “O Senhor nos deu um exemplo de humildade e amor perfeito.”

The screenshot shows the 'Corpus do Português: Web/Dialects' interface. At the top, there is a navigation bar with icons for search, frequency, context, and other functions. Below this, there are tabs for 'SEARCH', 'FREQUENCY', 'CONTEXT', and 'CONTEXT +'. The 'SEARCH' tab is active, displaying 'Source information' and 'Expanded context'.

Source information:	
Country/genre	Brasil: General
Title	49- Jonas
Source	http://24.229.2.221/sermoes/49.html

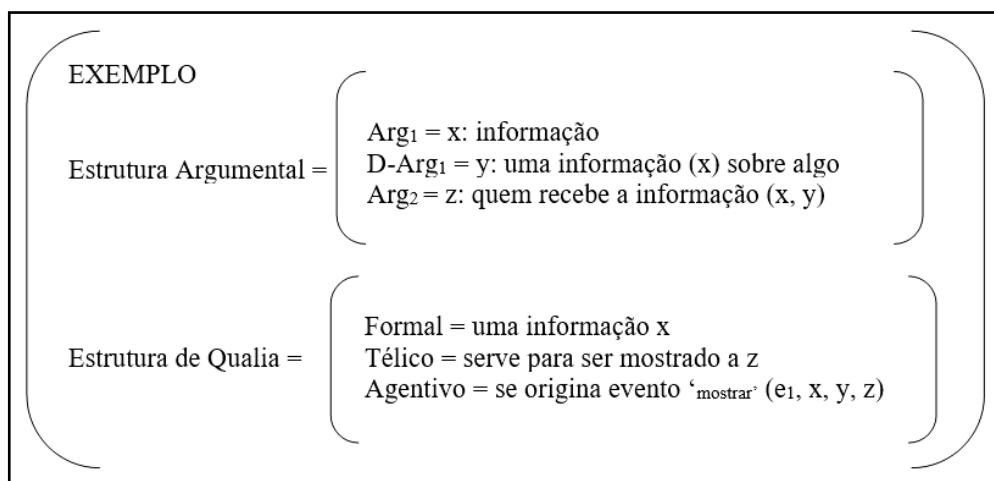
Expanded context:

20:25-28) Jonas transmitiu a mensagem de o Senhor a Ninive, ameaçando- os com destruição e, em o seu coração, ele queria que eles fossem destruídos. Ele pensava somente em sua importância com profeta de o Senhor. Quando estamos em este estado mental não podemos ficar contentes por muito tempo. Não entendemos os pensamentos e sentimentos de as outras pessoas e nos deixamos levar por nossa imaginação criando em nossa mente todo tipo de ameaça e ofensas que não existem. Este é um sentimento perigoso que nos ajuda a sentir superiores a os outros. O Senhor nos **deu um exemplo** de humildade e amor perfeito. Ele mesmo que é o maior de todos os seres, Se chamou servo. O Senhor não quer ver a ninguém destruído, e Ele criou a todos para o Céu. Pois Ele mesmo diz em Ezequiel: "« Mas se o ímpio se converter de todos os seus pecados que cometeu, guardar todos os Meus estatutos, e fizer juízo e justiça, certamente viverá; não morrerá "». (Ezequiel 18:21). AMÉM.

Figura 5- (Fonte: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>, acesso em 21/06/2020)

Começa-se a perceber que, em virtude da carga semântica que o SN ‘exemplo’ possui (representado a seguir via LG), surge uma faceta para o VL ‘dar’ o que o aproxima bastante da sua forma plena, descartando a noção de que nesta construção o verbo está esvaziado:

⁷¹ As duas frases têm a mesma tradução: Eu dou dinheiro a ele.



Quadro 14- (Fonte: próprio autor, 2020)

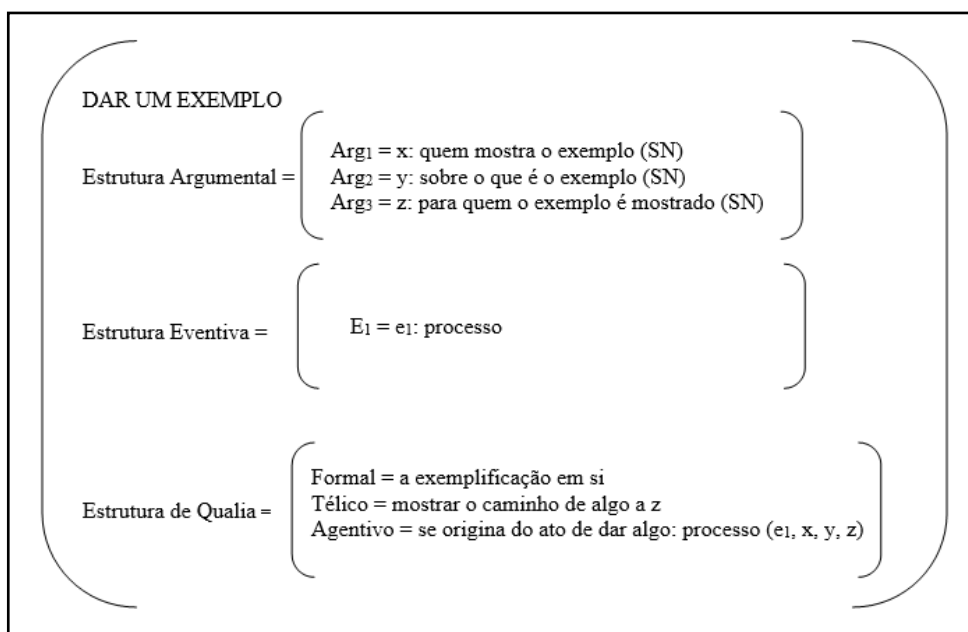
O que ocorre, de acordo com o modelo do LG, é uma coespecificação do verbo pelo predicado. Isto é, a estrutura de qualia para o objeto ‘exemplo’ faz alusão ao predicado, selecionando-o como um argumento coespecificado, fazendo com que a atividade de ‘dar’ assuma uma interpretação final quando combinada a este tipo de argumento. Essa leve carga semântica apontada pelo verbo nesta CVL não o classifica como um verbo semanticamente vazio, mesmo que esta CVL possa ser substituída pelo verbo ‘exemplificar’, pois os níveis de representação lexical da construção são associados às estruturas do ‘dar’ e do SN (argumento) ‘exemplo’.

A representação assumida neste trabalho de tese para o verbo ‘dar’ nos fornece um detalhamento de estruturas semânticas para este item lexical, tendo em vista que seguimos as bases epistemológicas do LG. Desse modo, verificaremos que a CVL ‘dar um exemplo’ não é apenas uma junção do verbo pleno ‘dar’ com o argumento ‘um exemplo’, pois os níveis de representação lexical da construção não são apenas a união das estruturas de um e de outro, mas uma interseção de estruturas. Ou seja, é algo como se fosse uma operação matemática na qual a interseção do quale agentivo do verbo ‘dar’ com os qualia formal e agentivo do SN ‘exemplo’ resultassem na seguinte fórmula:

$$\begin{aligned}
 & [\text{quale agentivo do verbo 'dar' = o ato de dar}] \\
 & \quad \cap \\
 & [\text{quale formal do SN 'exemplo' = uma informação: um exemplo}] \\
 & [\text{quale agentivo do SN 'exemplo' = ato de mostrar; dar um exemplo}] \\
 & \quad = \\
 & [\text{quale formal da CVL: a exemplificação em si}] \\
 & [\text{quale agentivo da CVL: dar algo; no caso, um exemplo}]
 \end{aligned}$$

Sendo assim, tem-se que o verbo governante ‘dar’ se aplica ao seu argumento ‘um exemplo’, ocorrendo, então, uma coespecificação do verbo pelo argumento, resultando num

sentido derivado do verbo ‘dar’. Sendo assim, a matriz contendo as estruturas semânticas para a CVL em análise resulta em:



Quadro 15 - (Fonte: próprio autor, 2020)

Veja que esta representação está muito próxima da estrutura tri-argumental do verbo ‘dar’ pleno e mantém a noção de transferência de algo (que é o traço principal do verbo pleno). A matriz nos direciona para o fortalecimento da tese de que a forma ‘dar um exemplo’, conforme o exemplo (18), que se diz constituída de um ‘dar’ leve, é interpretada como um verbo ‘dar’ não totalmente vazio de sentido, na expressão do argumento “z” de ‘dar’ no télico de “exemplo”, conseguimos entrelaçar uma informação semântica do verbo e mostrar que ele não está vazio, na verdade, ele tem contribuições nessa CVL e essa contribuição está na relação entre a estrutura argumental do verbo e o télico do nome. O verbo se apresenta como peça complementar na construção do sentido de expressão como um todo, prevalecendo, em sua estrutura eventiva, uma situação que denota um processo, além de fazer com que o falante retome um dos primeiros sentidos do verbo pleno ‘dar’ que é oferecer/apresentar algo a alguém, o que acaba confirmando uma polissemia deste verbo.

Da mesma forma, se fizermos a demonstração das estruturas semânticas da CVL em Língua Inglesa *give an example*, verificaremos que haverá uma repetição desse mesmo comportamento, em ambas as línguas, o que nos leva a defender que VL *to give* nessa construção é um verbo que também se aproxima da sua forma plena, fazendo com que ele não perca a sua carga semântica. É relevante ressaltar que, coincidentemente, na busca **give an N** no *Corpus of Contemporary American English (COCA)*[®], esta construção obteve o maior número de ocorrências (164). Isso nos faz defender a nossa primeira tese de que há alguns VL,

em ambas a línguas, que podem, na faixa de gradação de “leveza”, estar localizados mais próximos do sentido do verbo pleno:

Sentido esvaziado-----dar um exemplo/*give an example* >>> >>> **Sentido pleno**

Por outro lado, há referências de CVL, em Língua Portuguesa, em que o SN é derivado de um verbo, conforme o dado de maior frequência (3343 ocorrências) no *Corpus do Português: web/dialect*[®], na busca **dar uma N** (verbo leve + artigo indefinido feminino + sintagma nominal): ‘dar uma olhada’⁷². Esta construção é constituída de um SN resultante de uma ação, o que o caracteriza como um deverbal, ocorrendo aparentemente um esvaziamento maior da carga semântica do VL se comparada à CVL que acabamos de analisar (‘dar um exemplo’).

Da mesma forma que apresentamos a análise da CVL ‘dar um exemplo’ traremos um exemplo aleatório da CVL ‘dar uma olhada’ conjugada desta vez no futuro do presente do indicativo. Na busca por registros com a CVL na forma ‘darei uma olhada’, obtivemos 18 ocorrências. Ilustraremos nossa análise com uma destas ocorrências, conforme a seguir:

(19) “Virei fã de *Justified* e darei uma olhada [nas] demais também.”

The screenshot shows the 'Corpus do Português: Web/Dialects' interface. At the top, there are navigation tabs: SEARCH, FREQUENCY, CONTEXT, and CONTEXT +. Below the tabs, there is a section for 'Source information' with a table containing the following data:

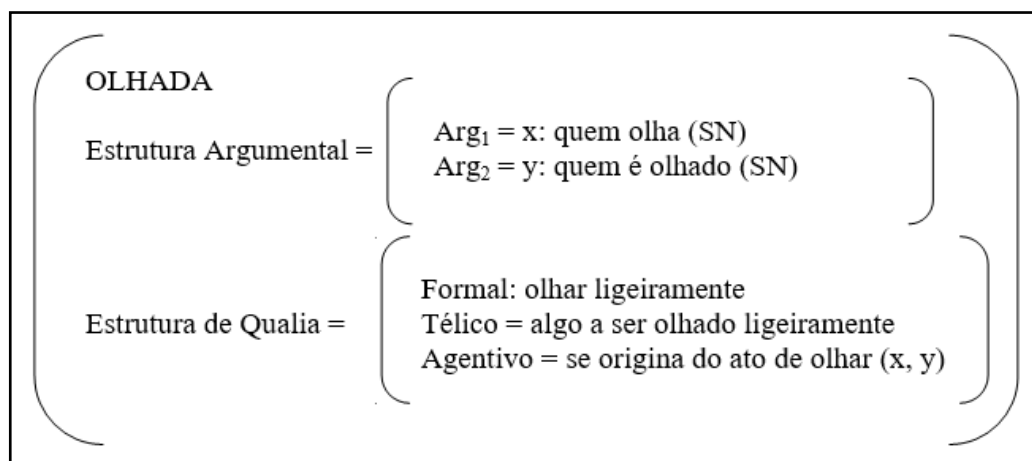
Country/genre	Brasil: Blog
Title	As 10 Melhores Séries de 2011 Temporadas - VEJA.com
Source	http://veja.abril.com.br/blog/temporadas/series-anos-2000-2009/as-10-melhores-series-de-2011/

Below the table, there is a section for 'Expanded context' which contains a paragraph of text from a blog post. The text mentions 'darei uma olhada' and discusses the author's opinion on the TV series 'Justified'.

Figura 6 - (Fonte: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>, acesso em 14/07/2019)

Seguindo o mesmo procedimento adotado na análise da CVL ‘dar um exemplo’, veremos que a estrutura semântica do item lexical ‘olhada’ ativa outra faceta do verbo ‘dar’. Este SN deverbal é um complemento que possui propriedades dinâmicas, processuais e não de resultado:

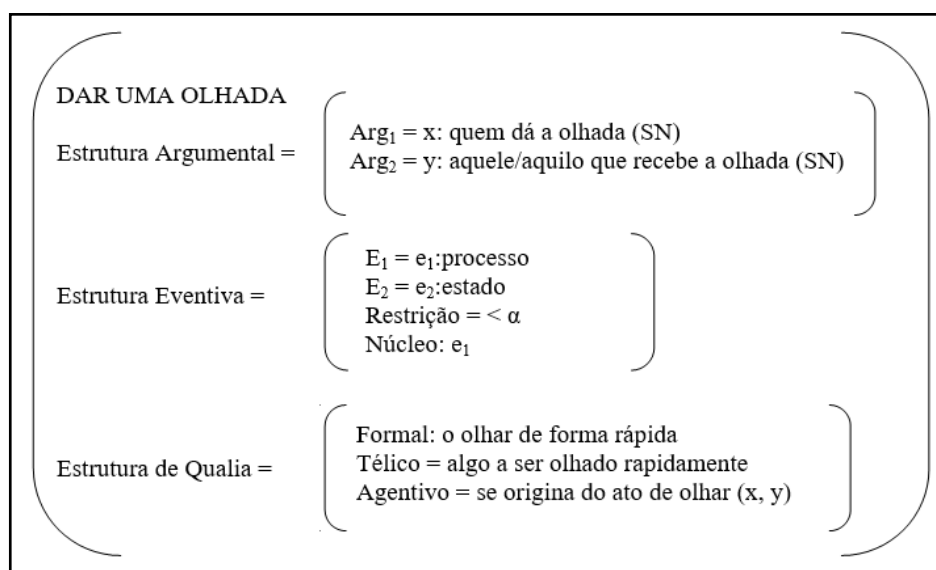
⁷² A CVL contraparte em Língua Inglesa mais adequada é *take a look* que faz parte do terceiro grupo.



Quadro 16 - (Fonte: próprio autor, 2020)

Igualmente à CVL ‘dar um exemplo’, veremos que ‘dar uma olhada’ também não é apenas a junção do verbo pleno ‘dar’ e o complemento ‘uma olhada’, mas sim a interseção de estruturas. Se trouxéssemos a estruturação semântica do verbo ‘olhar’, apenas a título de comparação, verificaríamos que o qualis agentivo deste verbo e do item lexical ‘olhada’ são semelhantes (se originam do ato de olhar), o que autoriza o falante da Língua Portuguesa a encaixar na construção com o verbo ‘dar’ um SN que derive do verbo ‘olhar’ e não do substantivo ‘olho’, resultando, ao invés de *‘darei um olho nas demais também’, em ‘...darei uma olhada [nas] demais também...’, conforme registrado em (19).

Entretanto, a partir do modelo do LG, que será apresentado adiante, foi possível perceber que a CVL ‘dar uma olhada’ nos mostra uma estrutura bi-argumental e não mais tri-argumental, conforme se apresenta a estrutura semântica do verbo pleno ‘dar’:



Quadro 17 - (Fonte: próprio autor, 2020)

A partir dessa representação semântica, também com o auxílio do LG, registramos ainda uma incidência maior do mecanismo gerativo da co-composicionalidade, se comparada à

CVL ‘dar um exemplo’. Já foi possível perceber que a polissemia lógica presente no ‘dar’ faz com que o complemento ‘uma olhada’, ao ser combinado com este verbo, derive um sentido que está intrínseco na estrutura qualia deste complemento. Porém, há uma diferença que vale destacar: a especificação pelo sintagma ‘uma olhada’ parece ser muito mais forte do que a especificação pelo complemento ‘um exemplo’, resultando num verbo semanticamente mais leve numa construção do que na outra. Na CVL ‘dar um exemplo’, a relação entre a estrutura argumental e o qualisficação é de adição semântica, enquanto, em ‘dar uma olhada’, essa relação é de identidade, ocorrendo um maior esvaziamento semântico. Sendo assim, somos orientados, a partir dessa distinção, a seguinte representação de gradação de leveza:

Sentido esvaziado ≡ ≡ ≡ dar uma olhada-----**Sentido pleno**

Por isso, além da CVL estar sendo especificada pelo sintagma ‘uma olhada’, conforme aconteceu em ‘dar um exemplo’, percebemos que o argumento que possivelmente ocorreria seria um SN ‘um olho’, mas a criatividade existente na língua imediatamente traz um SN derivado de um SV, resultando em ‘uma olhada’. Ao analisarmos as construções com os verbos leves ‘dar’ e *give*, vê-se que, em sua grande maioria, são formadas por complementos que podem ser chamados de “*action-nouns*” (SWAN, 1998, p. 224) ou substantivos-ação, pois muitos deles representam eventos processuais que apresentam ações realizadas pelos falantes ou até mesmo alguns sons como ‘grito’, ‘riso’, ‘tosse’ etc. A impressão que temos é que essas construções parecem dar um tom mais natural ao discurso falado em ambas as línguas, como por exemplo:

(20) Eu gosto muito do Machado de Assis, posso dar uma olhada nesta edição do Dom Casmurro? (mais natural do que “...**posso olhar esta edição do Dom Casmurro?**”)

(21) *I gave him a ring/a call, but he didn’t answer.* (mais usual do que “***I called him (on the phone)...***”)⁷³

O que podemos perceber que, tanto em Língua Portuguesa quanto em Língua Inglesa, as estruturas semânticas das construções com ‘dar’ e *give* na forma leve podem apresentar funcionamento semelhante, verificando-se que há, de forma semelhante ao seu equivalente em Língua Portuguesa, uma multiplicidade de sentidos do verbo *give*. Pautando-nos na teoria de James Pustejovsky (1995), é possível perceber que este verbo também apresenta, em seu qualisficação

⁷³ *I gave him a ring* e *I called him* têm a mesma tradução: ‘eu liguei para ele’.

agentivo, o sentido mais genérico do verbo, o sentido de entregar ou oferecer algo a alguém. Os outros sentidos emergem a partir da semântica de sintagmas nominais como *example* ou *speech*, que podem ser utilizados como argumentos deste verbo.

Se observarmos atentamente a CVL *give an example*, veremos que ela pode ser substituída por um verbo. Porém este verbo não é **to example*, mas *to exemplify*⁷⁴, similarmente ao ocorrido em português na CVL ‘dar um exemplo’ (exemplificar). Entretanto, o mesmo não acontece com o par *give a speech* e ‘dar um discurso’. Em Língua Inglesa, a construção, mesmo sendo considerada com um verbo leve, não possui um verbo substituto como **to speech*, diferentemente da nossa língua, na qual podemos substituir a CVL pelo verbo ‘discursar’.

Feito isso, passemos ao segundo grupo com os dados coletados nos nossos *corpora*.

4.3 Análise das CVL do grupo (ii): com ‘fazer’ e com *to do/to make*

Daremos sequência ao processo de discussão dos nossos dados, trazendo as análises de CVL que fazem parte do segundo grupo: (a) as construções, em Língua Portuguesa, com o verbo ‘fazer’ leve, coletadas do *Corpus do Português: web/dialect*[®] e (b) as construções, em Língua Inglesa, com os verbos *to do* e *to make*, em suas formas leves, coletadas no *Corpus of Contemporary American English (COCA)*[®].

Se checarmos a entrada lexical do verbo ‘fazer’ em Bechara (2009), perceberemos a multiplicidade de sentidos que este verbo possui, o que corrobora para a defesa de estarmos diante de um verbo fortemente polissêmico em virtude dos complementos que a ele são acrescentados. Vejamos:

FAZER v. td. tdi. 1 Criar; dar forma a; produzir. “E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo” (Toquinho e Vinícius de Moraes, “Aquarela”). **tdi. 2** Construir, erguer (casa, prédio, ponte etc). *Fez uma casa de praia.* (...) **td. 4** Levar a efeito. Pôr em prática, executar. *Fez um bom negócio.* (...) **td. 8** Ter (algo) como ofício, objeto de estudo ou como esporte; dedicar-se à. *Você faz Medicina?* (...) **td.tdi. 10** Ser a causa de; ocasionar, provocar. *A leitura fez bem às crianças.* (...) **td. 19** Organizar com o que é necessário ou de forma correta, arrumada. *Fazer as malas.* (...). (C.f. BECHARA, 2009, p. 402, grifos nossos)

A partir desta referência de Bechara (2009), vimos que o verbo ‘fazer’ apresenta inúmeras possibilidades a depender da expressão nominal que é apresentada. Temos que a ideia

⁷⁴ Origem do verbo *exemplify*: 1375–1425; do inglês na Idade Média *exemplifien* < do francês da Idade Média *exemplifier* < do latim medieval *exemplificāre* (copiar). (<https://www.dictionary.com/browse/exemplify>)

base de ‘fazer’ é aquela representada em sentenças como ‘fazer um bolo’, ‘fazer um castelo de areia’ ou ‘fazer exercícios na praia’. Ainda, percebe-se que, de forma semelhante ao que vimos na seção anterior com o verbo ‘dar’ na sua forma leve, o verbo ‘fazer’ quando na forma leve, em Língua Portuguesa, não combina com complementos que indicam estado, conforme o exemplo já mencionado (9) *Os médicos fizeram receio dos casos suspeitos de COVID-19. Além disso, o VL ‘fazer’ não combina com complementos que denotem situações pontuais, como em (8) *O paciente fez um espirro, também já mencionado anteriormente.

Se buscarmos referências do ‘fazer’ em dicionários de Língua Inglesa, é bem possível que encontremos as entradas lexicais para dois verbos: *to do* e *to make*. Vejamos:

DO - verb (past tense did, past participle done, third person singular does) - **1 ACTION/ACTIVITY** [transitive] to perform an action or activity: *Have you done your homework yet?* [...] **2 SUCCEED** [intransitive] used to ask or talk about how successful someone is at something do well/badly: *Students are under considerable pressure to do well.* [...] **3 HAVE AN EFFECT** [transitive] to have a particular effect on something or someone: *The scandal will do serious damage to his reputation.* [...] **9 SPEND TIME** [transitive] informal to spend a period of time doing something: *She did a year backpacking around the world.* [...] **14 PERFORM A PLAY** [transitive] to perform a particular play, show etc: *We did ‘Guys and Dolls’ last year.* [...] **20 DRUGS** [transitive] informal to use an illegal drug: *He says he’s never done hard drugs in his life.* **21 VISIT** [transitive] to visit a particular place, especially as a tourist: *Let’s do the Eiffel Tower today.* [...] (ADAPTADO DE LONGMAN DICTIONARY OF CONTEMPORARY ENGLISH ONLINE, 2020)⁷⁵

MAKE –verb (past tense and past participle made /meɪd/) - **1 PRODUCE** [transitive] to produce something, for example by putting the different parts of it together: *I’m going to show you how to make a box for your tools; A family of mice had made their nest in the roof.* [...] **2 DO** [transitive] used with some nouns to say that someone does something: *Anyone can make a mistake; I can’t make a decision just yet; I need to make a quick phone call; You could have made more effort to talk to him; He made no attempt to apologize; Could I make a suggestion?* [...] **9 ACHIEVE SOMETHING** [transitive] to succeed in achieving a particular position, rate etc: *He was never good enough to make the team; I don’t think we’ll make the deadline.* **10 GET MONEY** [transitive] to earn or get money: *The plan could cost you more than you would make.* [...] **16 CALCULATE** [transitive] used to say what you have calculated a number to be: *I make that \$150 altogether.* **17 SPORTS SCORE** [transitive] to achieve a particular score in a sports game: *Surrey had made 92 by lunchtime.* [...] (ADAPTADO DE LONGMAN DICTIONARY OF CONTEMPORARY ENGLISH ONLINE, 2020, grifos nossos)⁷⁶

Relevante apontar algumas particularidades do uso desses dois verbos na Língua Inglesa. De acordo com Swan (1998, p.162), o “verbo fazer [*to do*] de uso geral” (tradução

⁷⁵ <https://www.ldoceonline.com/dictionary/do> (Acesso em 23 de setembro de 2020).

⁷⁶ <https://www.ldoceonline.com/dictionary/make> (Acesso em 23 de setembro de 2020).

nossa)⁷⁷ possui vários usos e, em algumas situações, pode ser confundido com o verbo *to make*. Por exemplo, os falantes do inglês, de uma forma geral, usam o *to do* quando não querem informar a qual atividade exatamente estão se referindo. É bem comum encontrarmos as seguintes ocorrências na Língua Inglesa:

(22) *Do something!*⁷⁸

(23) *My brother did a very strange thing.*⁷⁹

Ainda conforme Swan (1998), uma segunda situação recorrente no inglês é o uso do *to do* para se referir a situações relacionadas a algum tipo de serviço, ou trabalho (conforme a primeira referência do dicionário):

(24) *My mom does the shopping every other week.*⁸⁰

(25) *Her husband likes to do the dishes every night.*⁸¹

(26) *Has Sarah done her homework?*⁸²

(27) *I wouldn't like to do my father's job.*⁸³

O autor ainda apresenta outra situação importante que deve ser mencionada: o uso do *to do* na estrutura informal *do...ing*, para tratar de atividades que levam um certo tempo para serem realizadas ou que possam ser repetitivas (por exemplo: um hobby, uma atividade física etc.). Geralmente, nesse tipo de construção, há um determinante antes da forma *-ing* (*the, my, some, much* etc):

(28) *During my vacation, I like to do some walking, some swimming and a lot of reading.*⁸⁴

(29) *I need to do plenty of thesis-writing every day or I won't finish it before the deadline.*⁸⁵

Por outro lado, segundo Swan (1998), os usuários da Língua Inglesa fazem uso do *to make* quando o sentido é direcionado para a construção ou criação de algo:

(30) *My friend has just made a cake for us.*⁸⁶

⁷⁷ [...] general purpose verb do [...]

⁷⁸ Faça algo!

⁷⁹ Meu irmão fez uma coisa muito estranha.

⁸⁰ Minha mãe faz compras uma semana sim e outra não.

⁸¹ O marido dela gosta de lavar os pratos todas as noites.

⁸² Sarah fez a tarefa de casa dela?

⁸³ Eu não gostaria de fazer o trabalho do meu pai.

⁸⁴ Durante as minhas férias, eu gosto de dar/fazer umas caminhadas, nadar um pouco e ler bastante.

⁸⁵ Eu preciso escrever um pouco da minha tese todos os dias, ou não terminarei dentro do prazo.

⁸⁶ Meu amigo/minha amiga acabou de preparar um bolo para gente.

(31) *The agents made a plan to catch the thief*⁸⁷.

Ainda, segundo o autor, há, em inglês, sem nenhuma justificativa ou critérios, algumas “expressões fixas” (p. 163, tradução nossa)⁸⁸ para ambos os verbos, vejamos⁸⁹:

(32) *Do: good, harm, business, one's best, as favor, sport, exercise, one's hair, one's teeth, one's duty, 50 mph.*

(33) *Make: a journey, an offer, arrangements, a suggestion, a decision, an attempt, an effort, an excuse, an exception, a mistake, a noise, a phone call, money, a profit, a fortune, love, peace, war, a bed, a fire, progress.*

Da mesma forma que o ‘dar’, na seção anterior, comprovamos que, em ambas as línguas, os dicionários apresentam as várias facetas para este verbo (‘fazer’, *to do, to make*). Além disso, Swan (1998) nos mostrou os vários sentidos dos verbos na Língua Inglesa, inclusive muitos desses usos são construções desses verbos (*to do* e *to make*) nas suas formas leves. Todo esse preâmbulo reforça o nosso prognóstico de quão caro seria para uma Semântica de estudo do léxico não argumentar de forma contrária sobre essa possibilidade de que, em todas as situações em que um CVL aparece, ocorre um esvaziamento semântico do verbo. É importante frisar que sentimos a necessidade de verificar a possibilidade de haver ou não uma gradação do esvaziamento deste verbo assim como ocorrido nas construções com o verbo ‘dar’ na sua forma leve.

Antes de apresentarmos as estruturas semânticas com as CVL coletadas nos *corpora*, serão apresentadas as estruturas semânticas da forma plena mais prototípica para esses verbos (o sentido de que algo foi criado, não existia e passou a existir por causa de um agente), como nas construção ‘eu fiz um bolo (para a minha família)’, *I did my homework*⁹⁰, *I made a cake (for my family)*⁹¹:

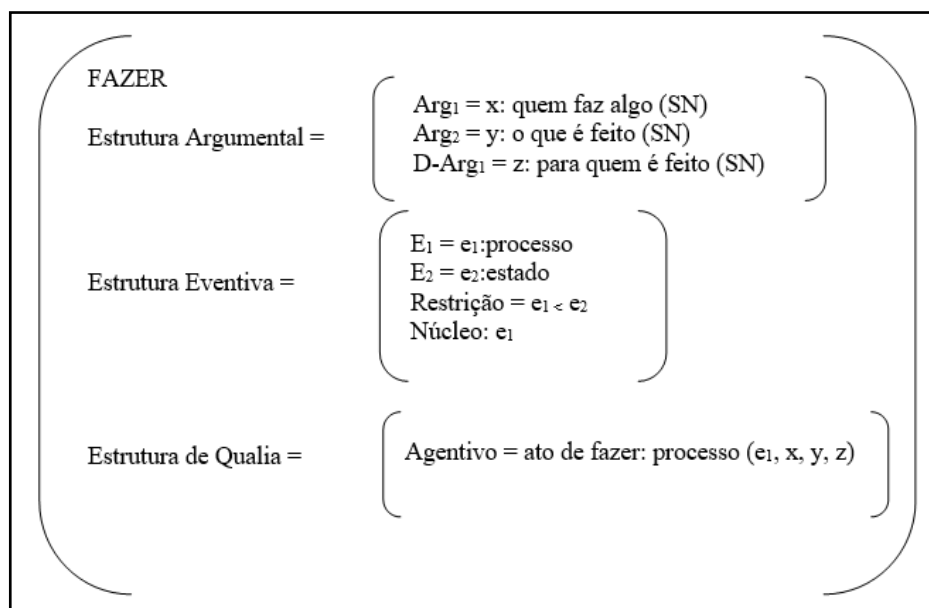
⁸⁷ Os agentes traçaram um plano para pegar o ladrão.

⁸⁸ [...] fixed expressions [...]

⁸⁹ Todos os exemplos foram retirados *ipsis litteris* de Swan (1998).

⁹⁰ Eu fiz minha tarefa de casa.

⁹¹ Eu fiz um bolo (para a minha família).



Quadro 18 - (Fonte: próprio autor, 2020)

Por esta estrutura, comprova-se a bi-partição do item lexical ‘fazer’ e a presença de um argumento *default*, a exemplo de ‘para minha família’. É importante registrar que, mesmo que estejam em língua diferentes, as estruturas semânticas das contrapartes *to do* e *to make* (com seus usos específicos) são exatamente as mesmas do ‘fazer’, podendo ocorrer uma inversão da posição do D-Arg₁: *I made cake (for my family) / I made (my family) a cake*. E isso acontece porque operações composicionais podem criar argumentos, transformar argumentos de um tipo em outro tipo e assim sucessivamente. Além disso, observa-se que, através da estrutura eventiva, há uma prevalência de um processo em desenvolvimento para que se possa resultar o estado de algo (*development process* → *resulting state*). A estrutura de eventos já mostra que existe uma grande possibilidade de especificação de sentido de uma construção a partir de um complemento que faz com que este verbo se modificando para o seu estado leve.

Na busca dos dados, no *Corpus do Português: web/dialect*® com a construção ‘**fazer um N**’, a primeira evidência caracterizada como uma CVL foi ‘fazer um curso’, com duas mil e cinquenta e seis (2056) ocorrências. À título de ilustração, coletamos um exemplo aleatório desse mesmo *corpus* para que possamos analisar a estruturas semânticas do complemento e depois da CVL em si:

The screenshot shows the 'Corpus do Português: Web/Dialects' interface. At the top, there are navigation tabs: SEARCH, FREQUENCY, and CONTEXT. The 'CONTEXT' tab is selected. Below the tabs, there is a 'Source information' section with a table containing the following data:

Country/genre	Brasil: General
Title	ENTREVISTA EXCLUSIVA: MARA MOURÃO ("QUEM SE IMPORTA
Source	http://2001video.empresarial.ws/blog/?p=6940

Below the table, there is an 'Expanded context' section with the following text:

pobreza "«... E por uma resposta de o governo "« que é o desaparecimento de pessoas, prisões e tortura. Isto representa mais ameaças do que oportunidades "». 586582 2001: Em o cinema, você já trabalhou como editora, roteirista, produtora e diretora. Fale um pouco sobre sua formação e principais interesses em a área audiovisual. Mara Mourão: Cursei Cinema em a FAAP e comecei a trabalhar em publicidade. Mas sentia falta de tocar em a câmera, sair filmando. Então decidi **fazer um curso** em a New York University, onde tive a oportunidade de fazer fotografia, som e de tudo um pouco. Depois voltei para o Brasil e continuei trabalhando em publicidade, primeiro como assistente de direção e depois como diretora. Quando parti para o longa, tive que fazer um pouco de tudo também, assinando a produção, além de o roteiro e a direção. 2001: E sua parceria com Wellington Nogueira? MM: Wellington, meu marido, é um empreendedor social, fundador de o Doutores da Alegria

Figura 7 - (Fonte: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>, acesso em 28/09/2020)

Há de se convir que a construção ‘fazer um curso’ é ambígua, pois podemos ter a situação na qual um agente pode produzir um curso literalmente (um professor, por exemplo):

- (34) O professor João fez um curso de Fundamentos em Semântica para os seus alunos novatos.

O exemplo anteriormente citado nos conduz para o sentido de ‘criar’ o ‘curso’, pois essa é uma nuance do verbo ‘fazer’ que resulta nessa possibilidade para os falantes da Língua Portuguesa. Já em Língua Inglesa, essa ambiguidade não existe, pois quando um usuário dessa língua se refere ao sentido de alguém estar montando ou criando um curso sobre determinado assunto, ele faz-se o uso de *build a course* ou *design a course*.

A outra possibilidade, para nós falantes de português, é a condução para o sentido daquele que frequenta o curso (ou participa do curso) na forma de uma atividade:

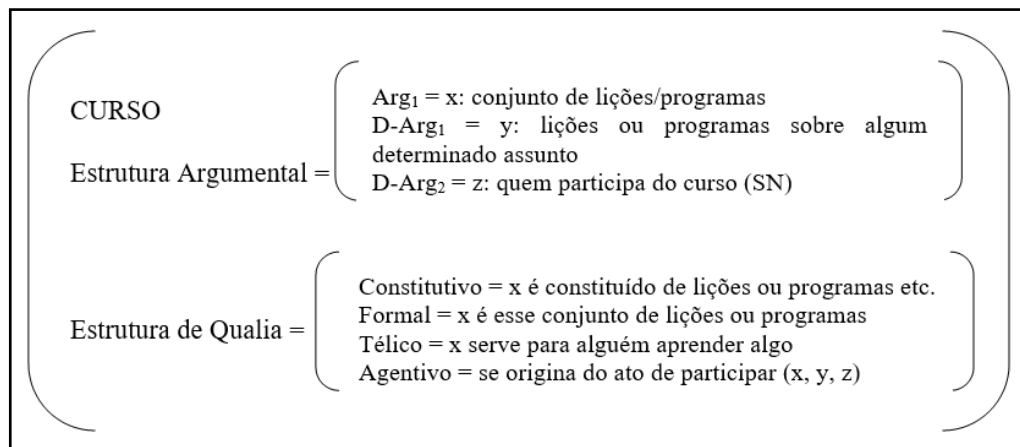
- (35) Os alunos novatos fizeram o curso de Fundamentos em Semântica do professor João.

Prestemos atenção que o exemplo (35) traz um argumento externo, sujeito da frase, que no exemplo (34) é um argumento *default*, que direciona o falante de português para uma busca de sentido do verbo ‘fazer’ como ‘cursar’. Temos a situação em que a ambiguidade é desfeita a partir da leitura/compreensão da sentença completa. Ainda a esse respeito, é importante ressaltar que, em inglês, esse sentido pode ser ativado pela CVL *do a course* ou, mais usualmente, pela CVL *take a course*. Com isso, observa-se que a ambiguidade indicada na construção ‘fazer um curso’, quando comparamos com o inglês, é uma situação bem particular da nossa língua materna.

Dito isso, informamos que a nossa análise aqui é dirigida para o sentido expresso no exemplo (35) e que está ilustrado no exemplo da Figura 7. Desse modo, através do modelo do LG, verificaremos que o item lexical ‘fazer’ pode se localizar em diferentes espectros quando

se trata da gradação de leveza. Em certos momentos, quando especificado pelo SN ‘curso’, o verbo ‘fazer’ se localiza um pouco mais distanciado da sua forma plena. Enquanto em outros, esse mesmo item lexical é interpretado como ‘criar’, fazendo com que ele se aproxime mais da sua forma plena.

Para começar, vejamos o esquema, via LG, do SN ‘curso’:



Quadro 19 - (Fonte: próprio autor, 2020)

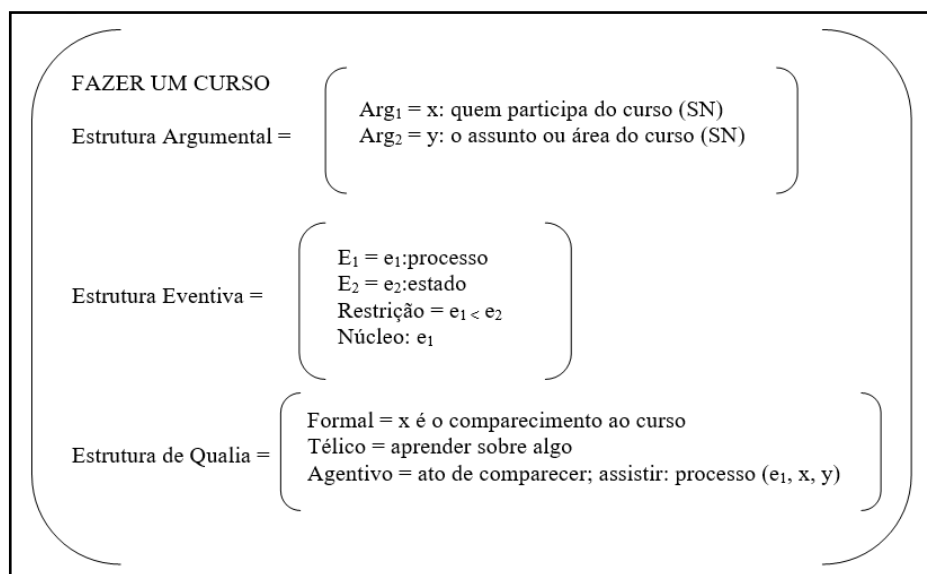
A partir do modelo do LG, analisamos as estruturas semânticas do complemento ‘curso’ e iremos perceber que naturalmente este coespecifica o verbo ‘fazer’ na CVL ‘fazer um curso’. Mais uma vez, direcionamos nossa atenção à estrutura de qualia deste item lexical, pois esta que vai nos dizer a que esse predicado faz alusão. No sentido com qual estamos trabalhando, o verbo ‘fazer’, quando aglutinado ao argumento ‘curso’, tem uma forma leve um tanto quanto distanciado de sua forma plena, pois o quale agentivo de ‘curso’ diz que sua origem vem do ato de ‘participar’ (ou até mesmo ‘comparecer’) e não de ‘criar’.

Sentido esvaziado <<< <<< <<< fazer um curso-----**Sentido pleno**

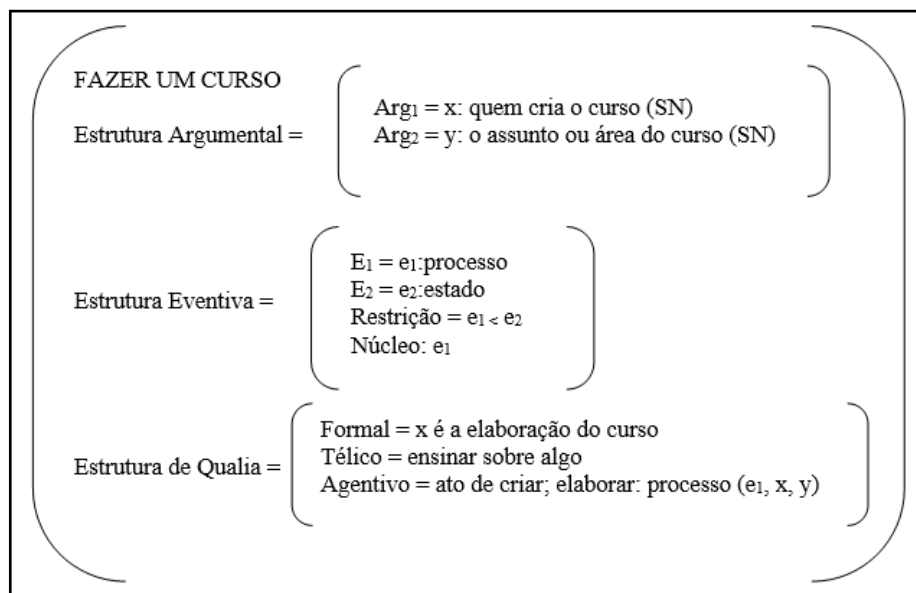
Por outro lado, se tratarmos a CVL ‘fazer um curso’ com o sentido de ‘elaborar um curso’, temos que o verbo tem sua gradação aproximada da forma plena, tendo em vista que o quale agentivo do complemento nos daria que este é originário do ato de ‘criar’, ‘elaborar’.

Sentido esvaziado-----fazer um curso >>> >>> >>> **Sentido pleno**

Portanto, nos orientando pela episteme do LG, percebemos a grande força polissêmica dessa CVL em Língua Portuguesa. Além disso, independente do sentido que escolhermos para esta construção, veremos que ela terá não apenas a sua estrutura argumental modificada, se comparada à forma plena do verbo, como também sua estrutura de qualia, que sofrerá enorme influência semântica do SN ‘curso’. Vejamos:



Quadro 20 - (Fonte: próprio autor, 2020)



Quadro 21 - (Fonte: próprio autor, 2020)

Primeiramente, se comparamos os Quadro (20) e (21), verificaremos não apenas uma mudança do argumento externo ‘quem participa do curso’ para ‘quem cria o curso’, mas também uma modificação dos qualia formal e agentivo. E é exatamente a estrutura de qualia que vai estabelecer essa mudança de gradação dessa CVL. Se focarmos a análise na representação semântica do Quadro (20), o primeiro sinal de diferença que temos, se compararmos com a representação do verbo pleno, é modificação do quale agentivo que na CVL é estabelecida pelo agentivo de ‘curso’. O quale télico da CVL também é especificado pelo quale télico deste complemento. E, conseqüentemente, o quale formal acaba sendo apresentado também por influência do SN ‘curso’, construindo a interpretação de comparecimento que a sentença pode ter.

Se voltarmos o nosso olhar para o Quadro (21), vê-se que os qualia formal e agentivo da CVL são influenciados não mais pelo SN ‘curso’, mas pelo próprio verbo ‘fazer’ que, em sua inerência semântica, tem um quale agentivo que faz com o sentido da CVL seja tido como o de ‘criar’ o curso.

Portanto, a intervenção de sentido imposta pelo sintagma ‘um curso’ acontece quando o falante aciona a estrutura de qualia apresentada no Quadro (20), resultando num verbo semanticamente tão leve quanto o ‘dar’ na CVL ‘dar uma olhada’, analisada em seção anterior:

Sentido esvaziado ≡ ≡ ≡ fazer um curso-----**Sentido pleno**

Essa mesma gradação ocorre em CVL como ‘fazer uma viagem’ (nosso segundo dado de maior ocorrência), ‘fazer uma caminhada’, ‘fazer uma visita’ ou ‘fazer uma pesquisa’, por exemplo. O que percebemos é que, conforme já dito por Duarte et al. (2010), as construções com o verbo leve ‘fazer’ são todas formadas por complementos que apontam para algo processual ou que indique uma atividade em geral. Isso aponta para uma comprovação de que essas CVL têm o seu léxico altamente estruturado com itens lexicais inter-relacionados por mecanismos que são capazes de gerar sentidos outros a partir de um número limitado de sentidos, permitindo, assim, que os usuários das línguas (no caso, português e inglês) involuntariamente especifiquem a estrutura qualia desse VL por meio das estruturas qualia de seus argumentos.

A discussão do ‘fazer’ leve, quando acrescido do SN ‘curso’, é muito parecida com a discussão, já feita por Pustejovsky (2012), acerca dos sentidos derivados de um dos verbos utilizados na língua inglesa para ‘assar’ (o verbo *to bake*⁹²). Como vimos no Capítulo 3 deste trabalho, em alguns contextos, pode parecer que o verbo ‘assar’ ora signifique uma mudança de estado (assar a batata), ora signifique criação (assar o bolo). Mas o que realmente acontece é apenas uma coespecificação do verbo pelo predicado ‘bolo’, que traz em seu quale agentivo a referência do processo assar. No fundo, o verbo ‘assar’ nunca perde a sua força semântica original. Com a CVL ‘fazer um curso’, ocorre um processo semelhante, pois ora o verbo está mais aproximado do seu sentido pleno de ‘criar’, ora prevalece o sentido de ‘participar’, a depender do quale agentivo que seja selecionado pelo falante. Fortalece, assim, a tese de que em momento algum ocorre esvaziamento de sentido desse verbo, mas apenas coespecificações com caminhos diferentes.

⁹² Achemos necessário informar que, Língua Inglesa, há outro verbo que tem o sentido de ‘assar’. O que vai modificar o verbo é o tipo de alimento que é assado: *bake a cake (cookies, bread)*, *roast a chicken (a beef)*.

Ressaltamos que as algumas CVL não são formadas pelos mesmos verbos em ambas as línguas. Por exemplo, ‘fazer um curso’ tem a CVL *take a course* apresentada como equivalente. Já a CVL ‘fazer uma viagem’ tem como sua contraparte em Língua Inglesa, a CVL *take a trip* (ou até mesmo *go on a trip*) e não *make a trip*. Segundo o *Longman Dictionary of Contemporary English Online*⁹³:

- *take a trip* (= ir a algum lugar por prazer)

(36) *She took a trip on the Serra do Mar railway*⁹⁴.

- *make a trip* (= ir a determinado lugar - loja, consultório médico, farmácia etc)

(37) *The milk ran out, so I needed to make a trip to the grocery store*⁹⁵.

O que concluímos acerca do verbo ‘fazer’ em sua forma leve é que, na maioria dos casos, tanto em Língua Portuguesa quanto em Língua Inglesa, há a tendência dos argumentos por ele exigidos delimitarem o cálculo da interpretação semântica, fazendo que haja uma gradação bem mais distanciada do sentido pleno do verbo, corroborando a tese do modelo de Pustejovsky da co-composicionalidade como o mecanismo gerativo frequente nesse tipo de construção. É relevante informar que não somos a favor da afirmação de que há um esvaziamento semântico desse item lexical, pois é nítida a sua contribuição para a matriz semântica apresentada no Quadro (20). Além disso, percebemos, mais uma vez, que há uma interseção das estruturas do verbo e dos sintagmas que a ele se associam.

Compreendido isso, passemos ao terceiro grupo dos nossos dados.

4.4 Análise das CVL do grupo (iii): com ‘ter’ e com *to have*

No terceiro grupo estabelecido para o nosso estudo, faremos a discussão das análises de CVL que fazem parte do grupo (iii): (a) as construções, em Língua Portuguesa, com o verbo ‘ter’ leve, coletadas do *Corpus do Português: web/dialect*[®] e (b) as construções, em Língua Inglesa, com o verbo *to have* leve (aquelas em que a tradução sejam semelhantes ao ‘ter’ em português), coletadas no *Corpus of Contemporary American English (COCA)*[®]. É relevante marcar esse sentido do verbo *to have*, pois este apresenta traduções que podem direcionar ao verbo ‘tomar’, ‘comer’, ‘beber’, ‘experimental’, por exemplo. Entretanto, não estamos

⁹³ <https://www.ldoceonline.com/dictionary/trip>

⁹⁴ Ele viajou pela estrada de ferro da Serra do Mar

⁹⁵ O leite acabou, então precisei ir ao mercado.

afirmando que não sejam construções importantes de serem analisadas sob o ponto de vista do estado leve de *to have*.

Viotti (1998), ao realizar um estudo diacrônico sobre este verbo em Língua Portuguesa, afirma que o verbo em latim *tenere* sofreu um processo de gramaticalização e teve o seu sentido, que se aproximava de algo como ‘manter’, ‘obter’, modificado e passou a ser utilizado em construções com o sentido de posse. A autora ainda diz que o verbo:

ter [...] entrou no português com sua estrutura argumental e temática enfraquecida, embora não tão enfraquecida quanto a de haver. Primeiro, porque ele ainda não entrava em construções existenciais, indicando que seu argumento externo ainda não podia ser detematizado. Segundo, porque apesar de ele ser também um verbo auxiliar, a perífrase em cuja formação ele entrava dependia de seu significado de posse. No que diz respeito ao contexto predicativo, ter podia ser empregado em contextos predicativos diversos, da mesma forma que haver, indicando seu valor predicativo genérico. (VIOTTI, 1998, p. 45-45).

Mais à frente, veremos que esta mesma autora já afirmou categoricamente que o ‘ter’ é um verbo leve e que não estabelece, “por si só, qualquer restrição seletiva quanto ao tipo de seus argumentos.” (VIOTTI, 2003, p. 233). Para termos uma noção da imensidão de sentidos do verbo ‘ter’, trouxemos o que o dicionário de Houaiss e Villar (2001, p. 2698-2699) apresenta como entrada lexical desse verbo:

Ter v. **1** t.d. entrar na posse de; receber; <tiveram então as escrituras daquelas terras> **2** t.d. estra na posse, ser proprietário ou estar no gozo de; possuir, usufruir <ele tem algumas terras no interior> (...) **3** t.d. ser de (alguém ou algo) <este terreno já tem dono> (...) **6** t.d.bit. manter em posição de desvantagem (...); conservar preso e seguro <lutou quanto pôde, mas agora o temos> <tinha nas mãos o assaltante> **10** t.d. incluir ou conter (como parte de um todo); possuir, apresentar <os carros da Fórmula 1 têm aerofólios> <fevereiro nunca tem mais de 29 dias> (...) **13** t.d. medir (em extensão, comprimento, altura etc.); apresentar <essa árvore tem uns 12 metros de circunferência> (...) **20** t.d. exercer (cargo, função etc.); desempenhar, ocupar <tinha a cátedra de química na universidade> (...) **35** t.d. adquirir conhecimento, dominar certa técnica, habilidade etc. em <t. aulas de francês> (...) **39** t.d. experimentar em seu organismo, sentir <t. uma hemorragia> <t. muita sede> (...) **43** bit. Dizer respeito a; interessar a; ter a ver com <uma coisa não tem nada a ver com a outra> (...) **48** t.d. dar demonstração de; usar de; exercitar <teve a gentileza de visitar a casa da vizinha> (...) **50** t.d. preferir (algo entre dois ou mais) (...) <politicamente, eles têm opiniões divergentes> (...) (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2698-2699).

É possível, a partir desta referência de Houaiss e Villar (2001), observarmos que o verbo ‘ter’ apresenta inúmeras possibilidades que vão além do sentido de posse inalienável como nas construções ‘João tem uma casa’ ou ‘o professor tem muitos livros’, nos direcionando para a comprovação de que este verbo tem a construção do seu sentido realizada a partir da co-composição de sentidos individuais de itens lexicais associados a ele. Ou seja, isso só nos

mostra que é ponto pacífico a discussão sobre a leveza desse verbo, cabendo a este trabalho de Tese verificar a gradação dessa leveza.

Viotti (2003, p. 238), ao apresentar a composicionalidade nas sentenças com o verbo ‘ter’, faz uma análise via LG e afirma que é possível

assumir-se que existe apenas uma entrada lexical para o verbo *ter*, e que a variedade de sentidos que apresentam as sentenças de que ele participa deve se: i. ao fato de o verbo *ter* ser um verbo leve, esvaziado de seu conteúdo semântico, de valor predicativo enfraquecido e, portanto, capaz de construir uma multiplicidade de sentenças de significados diferentes [e] ii. ao fato de a construção do sentido dos sintagmas e das sentenças na ser feita por um item lexical isoladamente, mas ser fruto de uma composição do sentido de vários itens lexicais que participam da predicação.

Ainda não fizemos a nossa demonstração, via modelo teórico do LG, mas adiantamos que vamos ao encontro do que estabelece Viotti. Entretanto, acreditamos que há também uma gradação na leveza do ‘ter’, não permitindo que a representação deste verbo seja em si totalmente vazia de conteúdo semântico.

Antes de seguirmos adiante, gostaríamos de abrir parênteses e apresentar alguns aspectos importantes sobre a contraparte do verbo ‘ter’ em Língua Inglesa: *to have*. Swan (1998, p. 229) assevera que os falantes de inglês geralmente, num discurso informal, utilizam *have* + SN para relatar ações ou experiências e continua sua afirmação dizendo que *to have*, em muitas construções, equivale ao *to eat* (comer), ao *to drink* (beber), *to enjoy* (aproveitar) ou *to experience* (experimentar; sentir, passar por). Como por exemplo:

(38) *I have breakfast at 7 a.m. everyday.*⁹⁶

(39) *Let's have a drink tomorrow afternoon.*⁹⁷

(40) *She wants to have a conversation with you today.*⁹⁸

(41) *They had a terrible accident.*⁹⁹

E isso pode ser comprovado a partir das várias acepções do verbo em inglês, conforme Crowther et al. (1995), registrando que este item lexical possui inúmeras possibilidades de uso:

HAVE2 / hæv / **Possessing. 1 (a)** to to possess or won sth: [Vn]: *He has a house in Boston and a beach house on the coast (b)* to possess or show mental quality or physical feature (...) *She has a good memory (...).* **Experiencing 4** to feel sth; to hold sth in the mind: [Vn] *I have no doubt that you're right. (...)* **Showing or displaying 7** to show or demonstrate a particular quality by one's actions: [Vn. to inf] *Surely she didn't have the nerve to say that to him. (...)* **Taking or accepting somebody 8 (...)** **(a)** to look after or to care for sb/sth, esp. for a limited period: *Are you having the children tomorrow afternoon.*

⁹⁶ Eu tomo café da manhã às 07h todos os dias.

⁹⁷ Vamos tomar uma bebida amanhã à tarde.

⁹⁸ Ela quer ter uma conversa com você hoje.

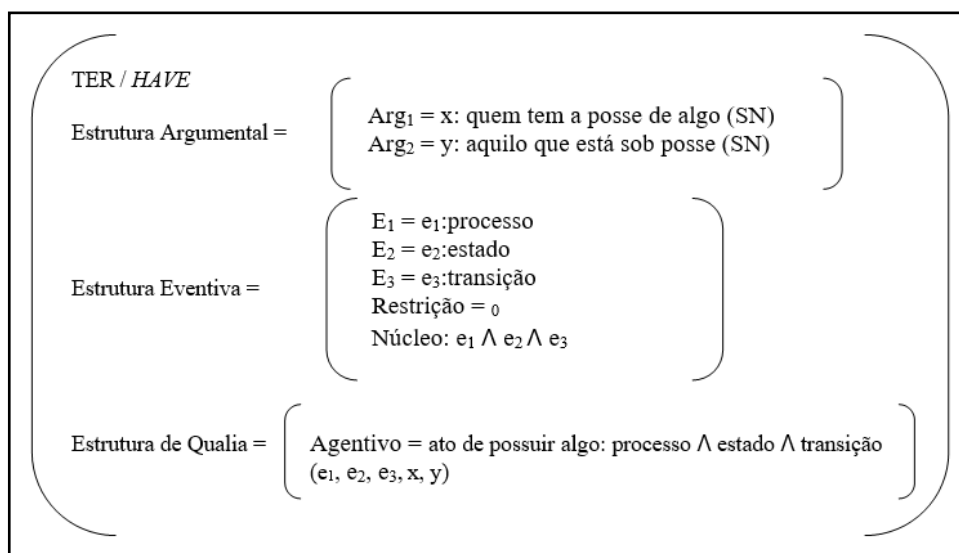
⁹⁹ Eles tiveram/sofreram um terrível acidente.

(...) *We usually have my mother (i.e. staying in our house) for a month in the summer.* (...) (C.f. CROWTHER et al, 1995, pp. 546-547, grifos dos autores).

HAVE3 (...) **Performing an action 1 (a)** to perform the action indicated by the following n for a limited period: [Vn]: *I had a swim to cool down; Shall we have a game of cards?* (...) **(b)** to eat, drink, smoke etc sth [Vn] *have breakfast/lunch/dinner; I usually have a sandwich for lunch* (...) *I had a cigarette while I was walking.* **Receiving or undergoing 2 (a)** (...) to receive sth from sb: [Vn] *I had a letter from my brother this morning; What did you have for your birthday?* (...) **3** to experience sth: [Vn] *We are having a wonderful time/holiday.* (...) **Producing 4 (a)** to give birth to sb/sth: [Vn] *My wife's having a baby* (...) **8 (a)** to cause sb to react in particular way: [Vn. in] *She had her audience listening attentively; The movie had us all sitting on the edges of our seats with excitement.* (...) (C.f. CROWTHER et al, 1995, p. 546-547, grifos dos autores).

Mesmo que Viotti (2003) tenha asseverado sobre o esvaziamento do ‘ter’ e que a sua variedade de sentidos seja “fruto da composição de sentidos” dos complementos, corroborando o que nos apresentaram as várias acepções dos dicionários das duas línguas, insistimos em afirmar que é muito caro para estudos do léxico assumir esse esvaziamento total deste verbo quando ele se configura no seu estado leve.

Para começarmos a nossa discussão, vamos à matriz do LG para o que poderia ser aceita como a forma plena do verbo ‘ter’/*to have*, conforme o quadro 22:



Quadro 22 - (Fonte: próprio autor, 2020)

Se nos basearmos nos primeiros sentidos apresentados nos dicionários, esta seria uma possível representação semântica do verbo em questão na sua forma plena, se comportando como um verbo transitivo, acompanhado de um argumento externo e um interno. Quanto a sua estrutura de eventos, é bem provável que os sub-eventos se apresentem desta maneira a depender do tipo de construção que se constituirá a partir da vinculação ao Arg2. Afirmamos isso, pois, como já mencionamos anteriormente, segundo Duarte et al (2010), o verbo ‘ter’,

quando em construções em que este se apresenta como leve, pode vir acompanhado de complementos que expressem processo, processos culminados, noções de culminância, noções pontuais ou estados.

Essa característica apenas comprova que há esse comportamento co-composicional, na Língua Portuguesa e na Língua Inglesa, pois os verbos ('ter' / *to have*) têm a sua estrutura de qualia especificada pelas estruturas de qualia de seus complementos, fazendo com o que o conteúdo semântico das construções seja definido. Para entendermos melhor esse comportamento e verificarmos a gradação da leveza desse verbo, vamos às CVL coletadas nos *corpora*.

No processo de coleta dos dados, a CVL 'ter um efeito', conforme informamos na seção 4.1, apareceu nas primeiras posições na busca **ter um N** (verbo leve + artigo indefinido masculino + sintagma nominal) no *Corpus do Português: web/dialect*[®], registrando mil e oitenta e quatro (1084) ocorrências. Vejamos um exemplo aleatório do *corpus*:

(42) "...ingerida com moderação, a substância pode ter um efeito benéfico."

The screenshot shows the 'Corpus do Português: Web/Dialects' interface. At the top, there's a navigation bar with tabs: SEARCH, FREQUENCY, CONTEXT, and CONTEXT +. The 'CONTEXT' tab is selected. Below the navigation bar, there's a table with source information:

Source information:	
Country/genre	Brasil: General
Title	arte moderna
Source	http://artemodernafavufg.blogspot.com/

Below the table, there's an 'Expanded context' section showing a paragraph of text from a source. The text discusses the use of lowercase letters and geometric forms in modern art, specifically mentioning Jan Tschichold and the Bauhaus movement. The phrase 'ter um efeito benéfico' is highlighted in the text.

Figura 8 - (Fonte: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>, acesso em 19/10/2020)

No *Corpus of Contemporary American English (COCA)*[®], fizemos a coleta por CVL que correspondessem ao sentido do verbo 'ter', resultando como primeira opção (na busca **have a N**) a CVL *have a conversation*, com um registro de mil, quinhentas e noventa e quatro (1594) ocorrências. O exemplo aleatório do *corpus* segue abaixo:

(43) "...My political philosophy is so far from Republicans that we can't even have a conversation on the role of government."¹⁰⁰

¹⁰⁰ Minha política é tão distante dos Republicanos que nós não conseguimos nem ter uma conversa sobre o papel do governo.

Corpus of Contemporary American English














SEARCH

FREQUENCY

CONTEXT

CONTEXT +

Source information:

Source

BLOG <http://sayanythingblog.com/entry/are-republicans-trying-to-create-a-third-party-problem-for-themselves/>

Date

2012

Title

Say Anything Are Republicans Trying To Create A Third Party

Expanded context:

on the local level and protecting themselves. You would be better off buying gold, ammo, or guns, than donating to a libertarian running as a Republican. # sbark # hmmm..... does " working within " mean moderation of the Libertarian stance on social issues such as drug legalization, gay marriage etc..... or do you mean working from within..... as in subversion? # http: **31:8651:TOOLONG Jamer Morrow # I mean as in trying to get libertarians elected as Republicans. My political philosophy is so far from Republicans that it we can't even **have a conversation** on the role of government. The Republican party is pushing conservatives into being libertarians which is dumbing down the libertarian party. The problem with libertarians, and it is my problem to, we are individualists and don't like compromise. # philgray # libertarian? hmm. do you support access to drugs? do you support homosexual marriage? do you support limited military intervention and anti-semitism of Paul? Do you support limited military interventions? Or better... isolationism like Paul? Some of us have

Figura 9 - (Fonte: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>, acesso em 19/10/2020)

Com os exemplos (42) e (43), comprovamos que o item lexical em estudo nesta seção, seja em português ou em inglês, está sendo visto como um item subespecificado, pois os dados coletados - ‘ter um efeito’ (ou sua contraparte *have an effect*) e *have a conversation* (ou sua contraparte ‘ter uma conversa’) - irão nos mostrar, através do modelo do LG, que os sentidos assumidos pelas construções das quais este verbo está participando são resultados da co-composição deste com os itens lexicais acrescentados. E mesmo que a maioria dos teóricos afirme que o ‘ter’ /*to have* esteja nesse processo de esvaziamento, nós assumimos a posição de que este verbo se apresenta, diferentemente do verbo ‘dar’ e um pouco semelhante ao verbo ‘fazer’, numa escala flutuante, pois ora está mais próximo do seu estado pleno, ora está mais próximo do seu estado leve.

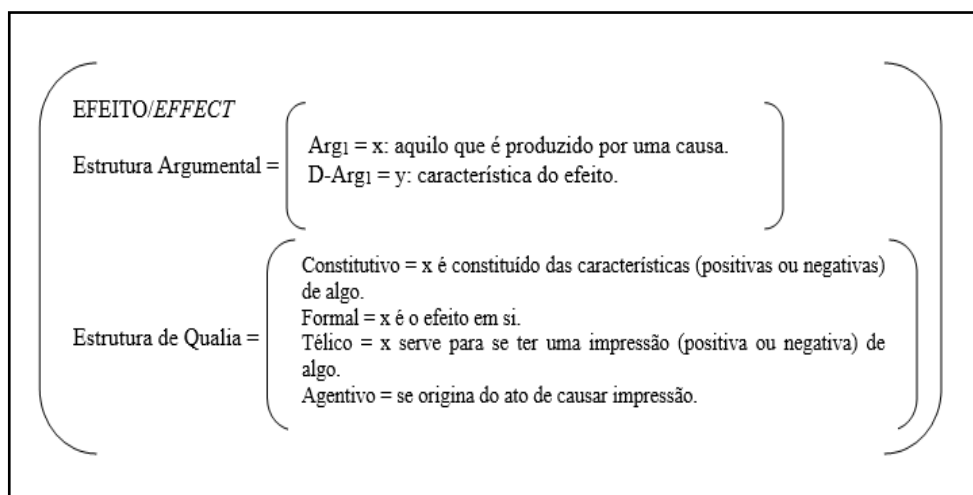
Na CVL ‘ter um efeito’, por exemplo, temos um ‘ter’ se aproximando muito mais fortemente do sentido pleno de ‘incluir’ ou de ‘apresentar algo’. Já na CVL *have a conversation*, percebe-se que há uma influência do SN *conversation*, direcionando o verbo para o sentido de ‘interagir’, ‘trocar ideias’¹⁰¹:

Sentido esvaziado ≡ ≡ ≡ ≡ ≡ ≡ ter um efeito-----Sentido pleno

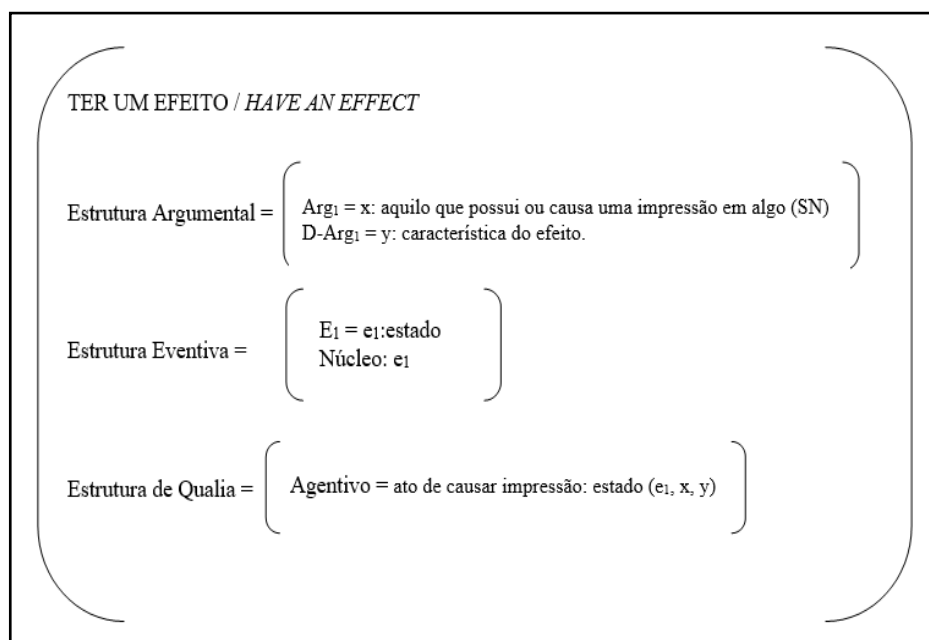
Sentido esvaziado ≡ ≡ ≡ ≡ ≡ ≡ *have a conversation*-----Sentido pleno

A partir das estruturas dos itens lexicais ‘efeito’ (ou *effect*, em inglês) e *conversation* (conversa, em português), e, logo em sequência, das respectivas estruturas das CVL ‘ter um efeito’ e *have a conversation*, veremos que estamos diante de situações em que o verbo possui essa diferença de nuance se comparado aos dois VL anteriormente analisados:

¹⁰¹ Em português essa leveza aumenta, pois há inclusive a possibilidade de se substituir a construção toda pelo verbo ‘conversar’.

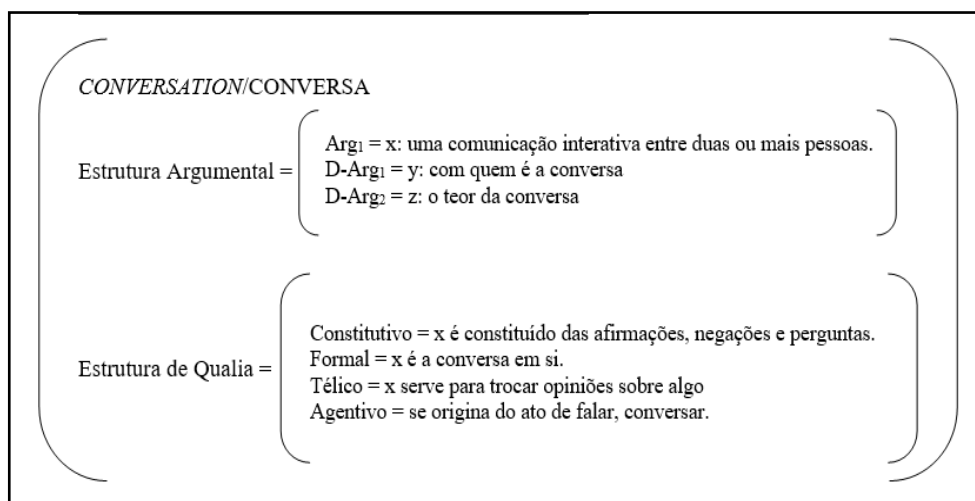


Quadro 23 - (Fonte: próprio autor, 2020)

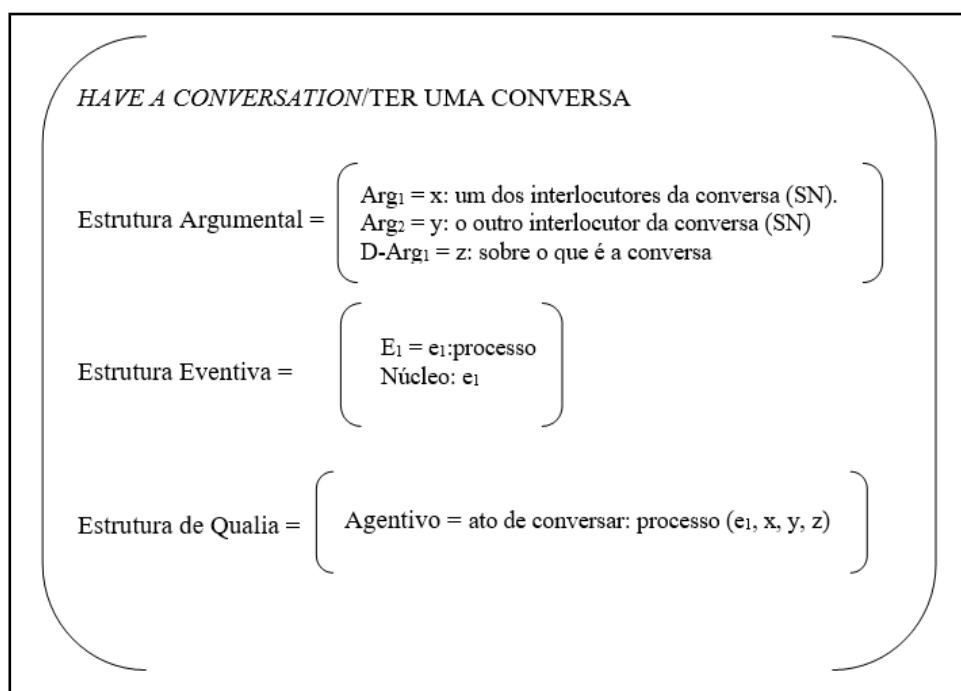


Quadro 24 - (Fonte: próprio autor, 2020)

Seguindo o modelo de Pustejovsky (1995), foi possível perceber que há uma mudança estrutural que acaba com a bi-partição argumental que o verbo ‘ter’ possui e apenas apresenta um argumento externo (a exemplo do item lexical ‘substância’ no exemplo (42)). Além disso, essa operação lexical nos remonta ao subevento que especifica estado em virtude da influência que o quale agentivo de ‘efeito’ exerce sobre toda a CVL. Nesse modelo do LG, a ideia de marcação do núcleo da estrutura de eventos se refere a que parte da eventualidade deve-se assumir e tem uma grande relação com a representação dos argumentos que o complemento apresenta na sua matriz semântica. E isso iremos perceber mais fortemente na estruturação semântica da CVL *have a conversation*:



Quadro 25 - (Fonte: próprio autor, 2020)



Quadro 26 - (Fonte: próprio autor, 2020)

Nesta representação do Quadro 26, é notório que o SN ‘conversa’ tem uma grande contribuição para o todo da representação lexical, pois o que nos parece é que o item lexical ‘ter’ tem um sentido mais esvaziado do que na CVL do Quadro 24. Em ambas as situações, ocorre uma especificação por composicionalidade, principalmente impulsionada pelas estruturas de qualia dos complementos ‘efeito’ e *conversation*. E comprova-se que o modelo proposto por James Pustejovsky pode dar conta de explicar, em ambas as línguas, a polissemia das construções não apenas com os verbos ‘dar’ e ‘fazer’, mas também o com o verbo ‘ter’.

4.5 Análise das CVL do grupo (iv): com ‘tomar’ e com *to take*

Nossa última, porém não menos importante, seção será composta pela discussão das análises de CVL que fazem parte do grupo (iv) compostas pelo VL ‘tomar’ e uma de suas contrapartes na Língua Inglesa, o verbo *to take*¹⁰².

Com relação à estrutura semântica do verbo ‘tomar’, é relevante mostrarmos como este item lexical se apresenta enquanto acepção no dicionário. É notória, pelas acepções apresentadas em Bechara (2009, p. 864), as várias facetas associadas ao verbo ‘tomar’:

Tomar v. t.d.tdr. **1** Apossar-se, apoderar-se de: “*tomaram o quartel.*” **t.d. 2** Ingerir “*tomar um café.*” **t.d. 3** Embarcar e viajar em: “*Tomou um táxi.*” (...) **t.d. tda. 5** Segurar, pegar: “*Tomou a garota nos braços e a beijou.*” **t.d. 8** Solicitar por empréstimo: “*Tomou dinheiro dos vizinhos.*” **t.d. 9** Considerar, interpretar: “*Tomei a missão como um desafio.*” **t.d. tdr. 10** Receber, levar: “*Tomará uma bronca (do professor).*” **t.d.11** Expor-se a: “*tomar chuva.*” **tdr. 12** Exigir: “*tomar satisfações (com alguém).*” (BECHARA, 2009, p. 864).

Se formos em busca de outro dicionário como o Houaiss e Villar (2001, p. 2731), por exemplo, veremos que são apresentadas quarenta e oito (48) acepções para este item lexical e ainda mais cinco expressões fraseológicas, que compravam a gama de possibilidades apresentadas para um falante da Língua Portuguesa ao utilizar esse verbo em seu discurso:

Tomar v. **1** t.d.bit. tirar (algo) de (alguém) e apossar-se desse algo; (...) <costumava t. nossos brinquedos> (...) **2** t.d. promover a conquista ou a invasão de (...) <piratas t. de assalto a nau> **3** t.d. realizar a apreensão ou a prisão de (...) <a polícia tomou o contrabando de cocaína> (...) **6** t.d. lançar mão de; fazer uso de, utilizar <tomou a montaria que lhe pareceu melhor> **7** t.d. receber (ser vivo) junto a si; (...) adotar (...) <tomaram um cachorro para alegrar os netos> (...) **9** t.d. ingerir (alimentos líquidos ou sólidos, medicamentos) <t. uma refeição> **10** t.d. atrair (o ar, algum pó) aos pulmões; aspirar (...) <t. rapé> (...) **15** t.d. preencher (espaço, local); (...) ocupar <a cama tomava quase todo o quarto> (...) **35** t.d.bit. receber (maus-tratos físicos ou morais); ser vítima de (pancada, surra); levar <t. uma bronca (da namorada)> <t. uma surra (da avó)> (...) **40** t.d. receber (ordem eclesiástica) <t. hábito de monge> (...) **45** t.d. receber (aula, instrução) <tomava aula de piano todas as tarde> (...) **48** bit. pedir emprestado <vive tomando dinheiro aos (dos) amigos> (...) (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2731).

Registra-se que o primeiro sentido em ambos os compêndios é o de ‘apossar-se de algo’, ‘tirar algo de alguém’, o que poderia levar os usuários da Língua Portuguesa a afirmar veementemente que o sentido primário do verbo ‘tomar’ seja esse. Porém, no decorrer dessa seção, iremos em busca de argumentos para apontar que o funcionamento semântico desse

¹⁰² Em algumas situações, em Língua Inglesa, o ‘tomar’ pode ser substituído pelos verbos *to drink*, *to get* ou *to have*.

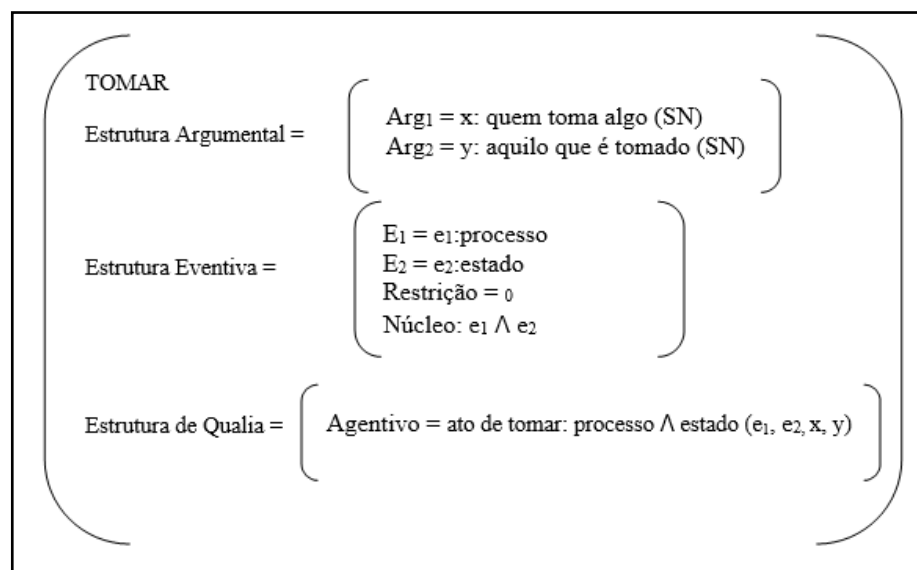
verbo não ocorre exatamente da maneira como os falantes acreditam que seja. Ao mesmo tempo, registra-se, também, a partir dos exemplos que os dicionários nos mostram, que o mecanismo gerativo da co-composicionalidade está presente em muitas situações nas quais este verbo é utilizado, pois é possível depreender que a interpretação do ‘tomar’ sofre influência dos elementos que fazem parte da construção da sentença. Percebemos que a modificação de sentido da primeira acepção, em Bechara (2009), (“tomaram o quartel”) em relação ao sentido apresentado na segunda acepção, do mesmo dicionário, (“tomar um café”) ocorre em virtude da organização de cada item lexical na construção oracional. Obviamente que essa modificação de sentido leva em conta as características das estruturas semânticas (principalmente da estrutura de qualia) dos complementos que são demandados pelo verbo ‘tomar’.

Levando em consideração os quatro verbos classificados como leves prototípicos, nota-se que, pelas acepções dos dicionários, o verbo ‘tomar’ é o que apresenta mais facetas, o que pode resultar numa mudança de estrutura semântica deste a depender do SN que está atrelado a ele. E isso é o que veremos, assim que tivermos apresentado as estruturas desse verbo, conforme o LG. Ainda, é importante observar que, mesmo que Duarte et al (2009) não tenham feito nenhuma referência ao ‘tomar’, os complementos que se apresentam ao ‘tomar’ podem indicar processos, processos culminados, noções de culminância, noções pontuais e estados, respectivamente:

- (44) Nós tomamos um táxi até ao aeroporto.
- (45) Meus pais irão tomar uma decisão que mudará minha vida.
- (46) Os bandidos tomaram de assalto a mansão.
- (47) Está tão calor! O que acha de tomarmos um sorvete?
- (48) As crianças tomaram um susto com esse palhaço.

O modelo do LG, intensivamente utilizado aqui nesta pesquisa de Tese, pode nos garantir que, assim como os verbos ‘dar’, ‘fazer’ e ‘ter’ (anteriormente analisados), o ‘tomar’ também é um tipo complexo, pois é tido como um item lexical de muitos sentidos a depender do argumento que esteja atrelado a ele.

Passemos à análise da estrutura do verbo ‘tomar’ na forma, digamos, plena. A estrutura semântica está a seguir:



Quadro 27 - (Fonte: próprio autor, 2020)

Com o auxílio do modelo do LG, o Quadro 27 nos traz, inicialmente, uma discussão que acreditamos que seja importante apresentarmos aqui em nossa análise: a estrutura argumental. Percebemos que o verbo em questão apresenta dois argumentos verdadeiros, como por exemplo:

(49) Laura tomou um café

Em linhas gerais, temos como argumentos obrigatórios e que auxiliam na interpretação do contexto oracional: Arg₁ (externo) ‘Laura’ e Arg₂ (interno) ‘um café’. E este é o comportamento padrão para este verbo. Já no exemplo (50), iremos observar que, além dos argumentos verdadeiros, é possível que seja introduzido um item lexical que pode complementar o sentido de um argumento verdadeiro:

(50) Laura tomou uma xícara de café

Aqui, o item lexical ‘café’ passa a ser um argumento especificador, complementando o sentido do argumento interno ‘xícara’, sendo denominado de argumento *default* (PUSTEJOVSKY, 1995). Mesmo que o autor tenha afirmado que esse é o argumento que participa da estrutura lógica, mas não necessariamente é expresso sintaticamente, percebemos, por este exemplo, que a situação enunciativa solicitou que fosse informado que se tratava de uma ‘xícara’ específica, aquela cujo seu conteúdo era ‘café’, e que foi consumida pelo SN ‘Laura’. A partir desse argumento, fica claro que o contexto da enunciação delimita que se trata daquela ‘xícara’ (que Laura tomou) cujo seu conteúdo era ‘café’.

Por fim, gostaríamos de chamar atenção acerca da importância semântica do argumento adjunto para interpretação da construção. Vejamos:

(51) Laura tomou uma xícara de café na cantina ontem à tarde.

Mesmo que numa concepção da Gramática Tradicional possa haver uma discussão de que os argumentos adjuntos ‘na cantina ontem à tarde’ não causem problema para o cálculo semântico da construção, ou que Pustejovsky afirme que eles são apenas parte da interpretação situacional, assumimos a posição de que estes são de indissociável importância semântica para a interpretação da sentença, pois, quando presentes, delimitam aspectos situacionais e espaciais. Outro aspecto relevante de se apontar a respeito da estrutura do verbo ‘tomar’ é o seu qualisignativo com características de processo e de estado, já presentes na sua estrutura de eventos, o que ratifica a polissemia que os dicionários tanto advogam.

Apresentadas algumas questões sobre ‘tomar’, vamos a algumas observações acerca de um dos seus equivalentes em Língua Inglesa, *to take*. Para começar, é relevante lembrarmos que: (a) ‘tomar’, em inglês, pode ser traduzido como *to take*, *to have* ou *to drink*: *to take a bus* (tomar um ônibus), *to have breakfast* (tomar café da manhã), *to drink beer* (tomar cerveja) e (b) *to take*, em português, pode apresentar, entre outros sentidos, o mesmo significado de ‘tomar’, ‘pegar’, ‘levar’, ‘dar’.

Comprovemos tal variedade de sentidos nas acepções que seguem:

TAKE - verb (past tense took /tʊk/, past participle taken /'teɪkən/) **1 MOVE** [transitive] to move or go with someone or something from one place to another [...]: *take somebody/something to/into etc something. Barney took us to the airport.* [...] **2 ACTION** [transitive] used with a noun instead of using a verb to describe an action. For example, *if you take a walk, you walk somewhere. Would you like to take a look? Mike's just taking a shower.* [...] *take a picture/photograph/photo: Would you mind taking a photo of us together?* [...] **7 TRAVEL** [transitive] to use a particular form of transport or a particular road in order to go somewhere: *Let's take a cab. I took the first plane out.* [...] **8 STUDY** [transitive] to study a particular subject in school or college for an examination: *Are you taking French next year?* [...] **12 CONSIDER** [intransitive, transitive always + adverb/preposition] to react to someone or something or consider them in a particular way; take somebody/something seriously/badly/personally etc: *I was joking, but he took me seriously.* [...] **14 CONTROL** [transitive] to get possession or control of something: *Enemy forces have taken the airport.* [...] *take control/charge/power: The communists took power in 1948.* [...] **15 MEDICINE/DRUGS** [transitive] to swallow, breathe in, inject etc a drug or medicine: *The doctor will ask whether you are taking any medication.* [...] *take drugs (=take illegal drugs): Most teenagers start taking drugs through boredom.* [...] **24 WRITE** [transitive] to write down information: *Let me take your email address. Sue offered to take notes.* [...] (ADAPTADO DE LONGMAN DICTIONARY OF CONTEMPORARY ENGLISH ONLINE, 2020, grifos nossos)¹⁰³

¹⁰³ <https://www.ldoceonline.com/dictionary/make> (Acesso em 07 de outubro de 2020).

A título de comparação, e nos baseando nessa entrada lexical de *to take*, registramos que os sentidos que mais se aproximam do nosso ‘tomar’ são os apresentados na acepção de número 7 (*travel* – viajar) e na de número 14 (*control* – ter o controle o a posse de algo). Isto não quer dizer que não consideramos que as outras facetas do verbo (*to take*) sejam menos importantes. Pelo contrário, só demonstra a multiplicidade de possibilidades contextuais que o verbo apresenta, indo muito além do sentido de ‘tomar algo’.

Além disso, já se percebe nos dois verbos, tanto em português quanto em inglês, que há muitas construções tidas como co-composicionais por natureza, pois os verbos ‘tomar’ e *to take* funcionam como “termos âncoras¹⁰⁴” (PUSTEJOVSKY, 2012, tradução nossa), permitindo muito facilmente a ocorrência desse mecanismo gerativo. Sendo assim, acreditamos que seja desnecessária a demonstração das estruturas semânticas do *to take*, pois seriam exatamente semelhantes às daquelas do Quadro 27.

Mesmo que tenhamos demonstrado uma possível estruturação semântica para o verbo ‘tomar’ (que poderíamos entender como sua forma plena), acreditamos que o verbo, em Língua Portuguesa, se apresenta num constante estado de leveza, como se a todo tempo os seus complementos fossem os responsáveis pelo gerenciamento do sentido da construção. Vale observar que, para o item lexical *to take*, o comportamento é bastante semelhante, pois, mesmo quando o sentido vai além de ‘tomar’, todas as vezes é necessário que o argumento interno ao verbo diga qual sentido a sentença deverá seguir (*take a shower*¹⁰⁵, *take a look*¹⁰⁶, *take a walk*¹⁰⁷, *take a break*¹⁰⁸, *take something seriously*¹⁰⁹ etc).

Para essa confirmação, vamos às análises de CVL encontradas nos nossos *corpora*. No processo de coleta dos dados, a CVL ‘tomar um banho’, conforme informamos na seção 4.1, apareceu em primeiro lugar na busca **tomar um N** (verbo leve + artigo indefinido masculino + sintagma nominal) no *Corpus do Português: web/dialect*®, registrando mil, cento e oitenta e uma (1181) ocorrências. No *Corpus of Contemporary American English (COCA)*®, fizemos a coleta por CVL que correspondessem ao verbo ‘tomar’, resultando como primeira opção (na busca **take a N**) a CVL *take a shower*, com um registro de mil, seiscentas e vinte e duas (1622) ocorrências.

¹⁰⁴ *Anchor functional term.*

¹⁰⁵ Tomar um banho.

¹⁰⁶ Dar uma olhada.

¹⁰⁷ Dar uma caminhada.

¹⁰⁸ Dar um tempo/Tirar um intervalo.

¹⁰⁹ Levar algo a sério.

Faremos, então, a representação das estruturas semânticas, à luz do modelo do LG, para estas CVL, e para que possamos melhor visualizar suas estruturas semânticas, selecionamos, aleatoriamente, um exemplo do *Corpus do Português: web/dialect*[®] e um do *Corpus of Contemporary American English (COCA)*[®]:

(52) “Se desejar, pode mesmo sair [da] sauna para tomar um banho frio, alternando entre altas e baixas temperaturas.”

The screenshot shows the 'Corpus do Português: Web/Dialects' interface. The top navigation bar includes 'SEARCH', 'FREQUENCY', 'CONTEXT', and 'CONTEXT +'. The 'CONTEXT' tab is selected. Below the navigation bar, the 'Source information' section displays the following data:

Country/genre	Brasil: General
Title	Saunas: comportamento e dicas ABC Piscinas
Source	http://abcpiscinas.com/artigos/saunas-comportamento-dicas

The 'Expanded context' section shows the following text:

o máximo que conseguir. Inspire fundo de forma regular e pausadamente -- sobretudo no caso de o vapor. Quanto a a duração de a sessão, o tempo que ficar dentro de a sauna depende apenas de si. Cada organismo tem um metabolismo diferente, e algumas pessoas aguentarão mais do que outras. O melhor será ouvir o seu próprio corpo, já que este se encarregará de lhe dizer que já foi suficiente. Se o calor se tornar incomodativo, experimente refrescar-se com água fria. Se desejar, pode mesmo sair de a sauna para **tomar um banho** frio, alternando entre altas e baixas temperaturas. Pode fazer- lo tantas vezes quanto quiser, uma vez que se trata de algo bastante saudável. Assim sendo, a nossa sugestão é experimentar uma e outra e só assim poderá decidir qual a melhor para si! Algumas dicas úteis: Apesar de todos os benefícios para a saúde, as altas temperaturas de a sauna podem constituir algum perigo para pessoas com problemas cardíacos, devido a o esforço que impõem. O mesmo pode também aplicar- se a pessoas com problemas

Figura 10 - (Fonte: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>, acesso em 11/10/2020)

(53) “*And we got to take a shower whenever we wanted.*”¹¹⁰

The screenshot shows the 'Corpus of Contemporary American English' interface. The top navigation bar includes 'SEARCH', 'FREQUENCY', 'CONTEXT', and 'CONTEXT +'. The 'CONTEXT' tab is selected. Below the navigation bar, the 'Source information' section displays the following data:

Source	BLOG http://www.texaschildrensblog.org/2012/11/i-never-thought-id-see-my-daughter-again/
Date	2012
Title	Pediatric Health Blog, Texas Children's Hospital - I Never Thought I

The 'Expanded context' section shows the following text:

blood and blood vessels. If one of them burst or was accidentally nicked, she could bleed out very quickly with her thinned blood. After the Heparin, she was put on a course of treatment using Lovenox. She got injections of it twice a day. # That afternoon, they moved us from the PICU to the Neurosurgical floor. This was wonderful since Joey and I had been sleeping in a chair in the PICU waiting room since August 28. That hospital room felt like the Four Seasons, I promise! And we got to **take a shower** whenever we wanted, heavenly! # On September 8, she underwent anesthesia AGAIN (fourth time in 2 weeks) to have another MRI. It is so complex it lasts 3 hours and she is intubated. These were the longest 3 hours ever, since they were looking to see if the mass had shrunk. # The results were given to us the next day -- shrinkage! We are so happy that at least she is finally moving in the right direction. Will probably get to go home

Figura 11 - (Fonte: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>, acesso em 11/10/2020)

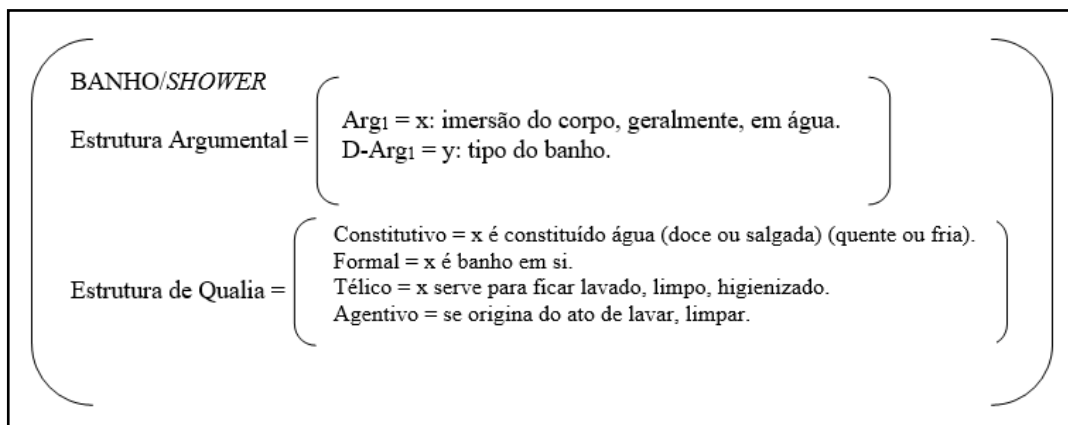
A partir destes exemplo, vê-se que o ‘tomar’ está sendo nucleado por um SN ‘banho’ que dita o sentido que este verbo deve ter. Se tomarmos como parâmetro a escala de gradação de leveza que apresentamos para os VL ‘dar’, ‘fazer’, e ‘ter’ é como se o verbo ‘tomar’/to take estivesse no primeiro ponto da escala do sentido esvaziado, sendo necessário esse constante mecanismo de co-composição no qual o argumento interno informa ao usuário da Língua (Portuguesa ou Inglesa) que sentido ele deve compreender.

Sentido esvaziado ““tomar um banho-----Sentido pleno

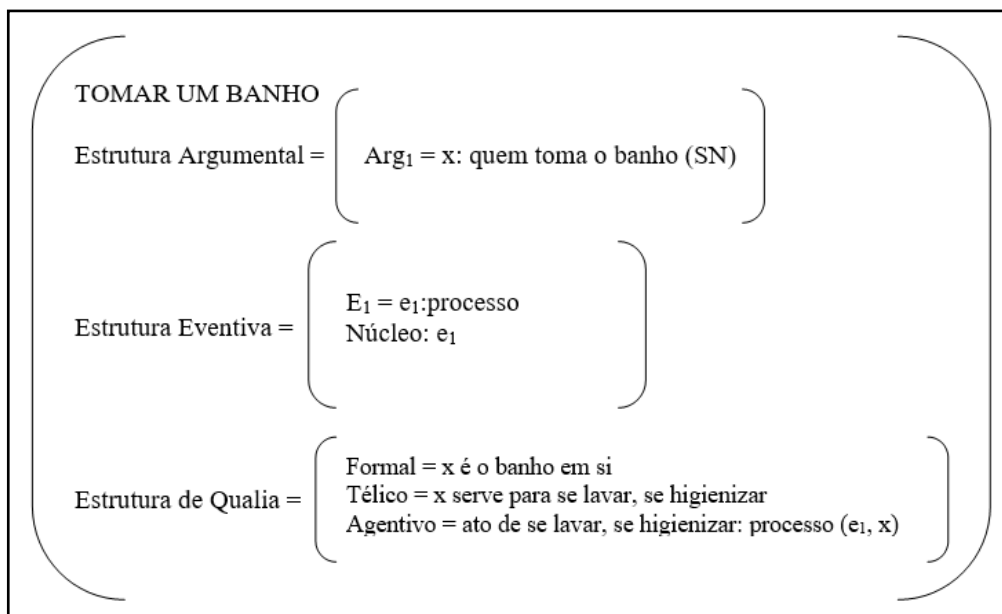
¹¹⁰ E poderíamos tomar um banho quando quiséssemos.

Sentido esvaziado ««take a shower»»-----Sentido pleno

A partir da estrutura do item lexical ‘banho’ (ou *shower*, em inglês), e logo depois a estrutura da CVL ‘tomar um banho’, veremos que estamos diante de uma situação que o verbo está bem mais esvaziado se comparado aos demais VL:



Quadro 28 - (Fonte: próprio autor, 2020)

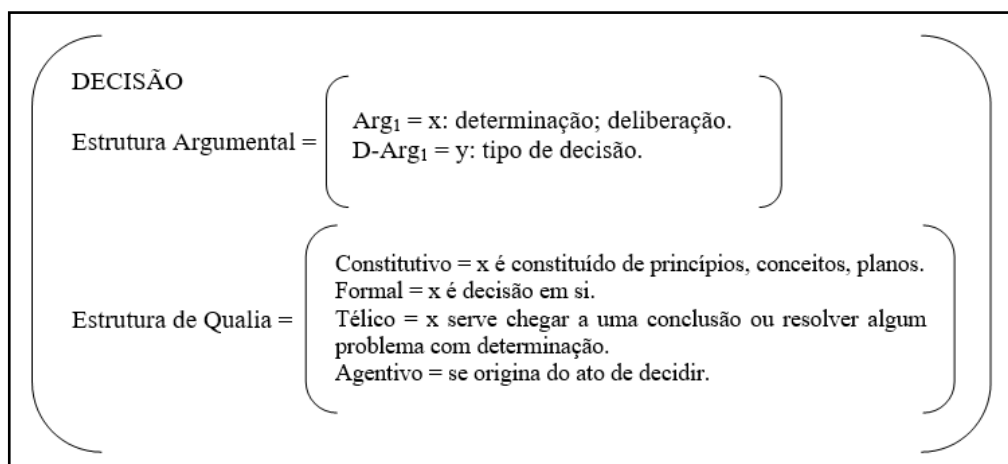


Quadro 29 - (Fonte: próprio autor, 2020)

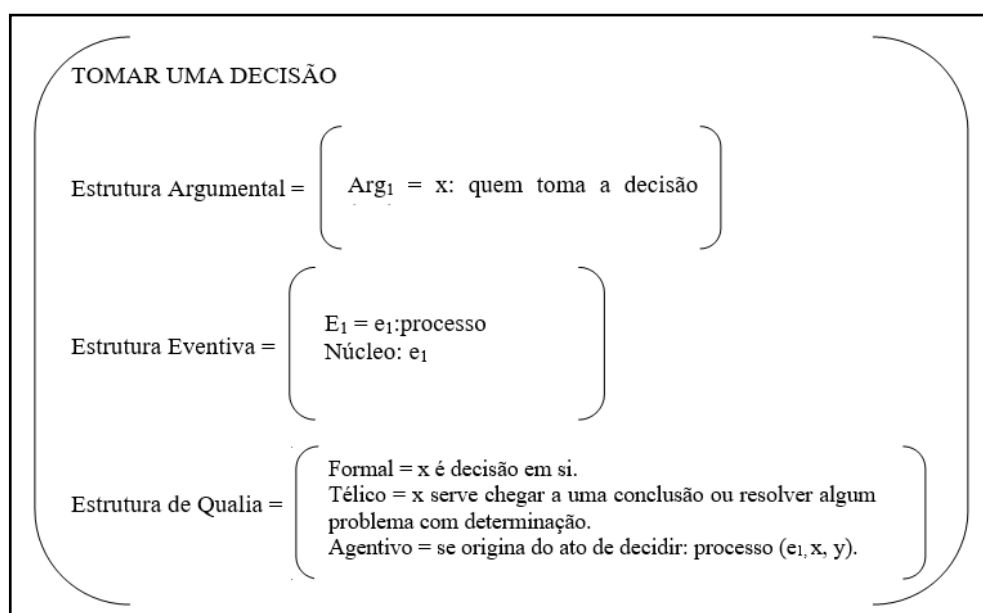
É notório que esta CVL faz com o verbo passe a ser acrescido apenas de um argumento externo (o sujeito da frase) diferente daquela previsão apresentada no Quadro 27, com um ‘tomar’ bi-argumental e com uma estrutura eventiva bem mais complexa do que a CVL apresentada. Mesmo que tenhamos D-Args como ‘frio’, ‘quente’ ou ‘de mar’, ‘de piscina’, teremos uma CVL com apenas um argumento verdadeiro, indo de encontro àquela estrutura argumental do ‘tomar’ dito na forma plena. Vale dizer que a CVL em inglês terá o mesmo quadro semântico, conforme o LG, não sendo necessária a apresentação deste. Por outro lado, há a necessidade de apresentarmos, conforme o modelo de Pustejovsky, um quadro com as

estruturas da CVL ‘tomar uma decisão’, para que possamos ter outro parâmetro para a nossa argumentação.

Esta CVL, no *Corpus do Português: web/dialect®*, obteve três mil, duzentas e oitenta e seis (3286) ocorrências, aparecendo em primeiro lugar na busca **tomar uma N**. Passemos aos quadros 30 e 31:



Quadro 30 - (Fonte: próprio autor, 2020)



Quadro 31 - (Fonte: próprio autor, 2020)

Com esses dois quadros, é possível visualizar que há uma semelhança de comportamento semântico nas CVL ‘tomar um banho’ e ‘tomar uma decisão’, pois as estruturas de qualia de ambas são formadas exatamente pelas estruturas de qualia dos SN ‘banho’ e ‘decisão’ respectivamente, o que só comprova o processo de *bleaching* semântico do verbo ‘tomar’. Embora não faça parte dos nossos dados, se trouxéssemos o detalhamento da CVL ‘tomar um susto’, por exemplo, a diferença, com relação a ‘tomar um banho’ e ‘tomar uma

decisão’, seria a presença de um evento $E_1 = e_1$: **estado**, o que provavelmente resultaria num quale agentivo definido pelo ato de sentir medo. Porém, ainda assim, teríamos uma estrutura de qualia totalmente proveniente do SN ‘susto’. A análise nos mostra que essas construções são co-composicionais por natureza e nos mostra que estamos diante de um verbo totalmente dependente funcionalmente.

Dentro desse escopo, o que podemos defender é que o verbo ‘tomar’ só é considerado excessivamente polissêmico justamente por ser um verbo excessivamente esvaziado ou excessivamente leve. Ou seja, mesmo que, nos estudos sintáticos, seja considerado como um verbo de comportamento semelhante aos outros VL prototípicos (‘dar’, ‘fazer’ e ‘ter’), o ‘tomar’ apresenta um agir semântico diferente dos outros. Essa proposição que defendemos pode trazer um custo elevado para um estudo de Semântica que afirma que todo e qualquer item lexical possui sentido, mesmo que seja mínimo, porém pode ser uma contribuição para a Linguística, assim como para as gramáticas e dicionários, ao identificarmos a necessidade de classificar esse verbo como um dos mais clássicos tipos de verbos leves, tanto na Língua Portuguesa quanto na Língua Inglesa. Isso reforça a nossa tese de que é preciso reconhecer um aumento ou diminuição gradual da leveza desses verbos.

CAPÍTULO 5 – Considerações finais

É sabido que uma investigação para a elaboração de uma Tese de doutorado tem o objetivo de orientar o pesquisador para um mergulho teórico que demanda uma submersão extensiva e exploratória, por meio de análises minuciosas e cautelosas, para que, enfim, seja possível emergir para refletir sobre os resultados obtidos.

A mola propulsora desta pesquisa é o modelo teórico proposto por James Pustejovsky, o do Léxico Gerativo, que nos foi apresentado antes do ingresso no curso de doutoramento em Linguística. O modelo do Léxico Gerativo, ou simplesmente o LG, foi imbricando-se nas rotinas de estudo, demandando muitas horas de leituras densas que promoveram profícuas discussões fora e dentro do grupo de pesquisa. Este modelo teórico, é relevante repetir, tem como perspectiva principal a concepção de que o léxico não é algo fixo, mas sim criativo e gerativo, focando principalmente na natureza distribuída da composicionalidade semântica.

O LG e seus desdobramentos são a essência de um de nossos capítulos teóricos, tendo em vista a necessidade de se mostrar a teoria que utilizaríamos na análise dos nossos dados. Para isso, fizemos uma seleção de diferentes autores que trataram do LG em diferentes objetos de pesquisa, assim como fizemos uma seleção de textos de Pustejovsky (1991a, 1991b, 1995, 2012, 2013, 2014a, 2014b) dos vários anos em que o autor vem se dedicando ao modelo que criou. Desde o seu primeiro artigo sobre o assunto, Pustejovsky vem apresentando uma estrutura para a análise semântica das línguas naturais, motivado por certas preocupações teóricas e computacionais: (a) a explicação sobre a interpretação das palavras em um contexto; (b) a derivação potencialmente de um número infinito de sentidos das palavras a partir de recursos finitos; (c) a explicação da relação sistemática entre os sentidos das palavras de uma maneira formal e previsível; (d) a caracterização das línguas naturais em termos de suas propriedades polimórficas e quão produtivas são essas propriedades; (e) fornecimento de uma representação semântica que seja aplicável em categorias cruzadas e que não se restrinja apenas à semântica do verbo.

Ao analisar algumas questões não respondidas por Pustejovsky, em seu livro *The Generative Lexicon* (1995), vimos que a discussão sobre a co-composição de construções formadas pelos chamados verbos leves (VL) foi basicamente direcionada a afirmações que indicavam, sem justificativa, que estávamos diante de itens lexicais desprovidos de conteúdo semântico e que são coespecificados pelos seus argumentos internos. Visto isso, paralelamente,

buscamos identificar quais seriam esses verbos no estado leve a que o autor se referia e por que seriam considerados desprovidos de carga semântica.

A partir daí, surgiram dois questionamentos: (i) seriam as sentenças com os verbos leves simplesmente combinações do tipo “verbo + complemento”, ou haveria uma alteração de sentido do verbo em virtude desse complemento? e (ii) caso houvesse realmente registros de esvaziamento de sentido, não haveria alguma teoria da Semântica Lexical que pudesse explicar o comportamento dessas sentenças?

Previamente às leituras sobre os VL, por estarmos inseridos em estudos da Semântica Lexical e que seria bastante caro concordar com o pressuposto do vazio semântico, levantamos a hipótese de que nem todas essas sentenças compostas por estes verbos ditos leves apresentariam esse esgotamento. Na sequência, procuramos referências bibliográficas acerca dessa classe verbal que escolhemos como objeto de pesquisa. Logo de início, vimos que, nos artigos e teses em Linguística, as estruturas são chamadas de construções com verbos leves (CVL) e são tidas como construções sintáticas em que o verbo tem seu sentido esvaziado. Além disso, verificamos que as gramáticas (tradicionais ou de uso das línguas), ao mesmo tempo que afirmam que são construções de uso frequente pelos falantes das línguas naturais, apresentam essa classe verbal sob diversas denominações e usos, sempre pontuando que a contribuição de sentido para a sentença/construção vem dos complementos desses verbos.

Sendo assim, nosso embasamento teórico para a elaboração do capítulo sobre os VL foi dado a partir da leitura de variados autores, a fim de que pudéssemos resgatar muito do que já se disse sobre essa classe verbal. No processo de escrita do capítulo, trouxemos desde o conceito de dessemantização, sob o ponto de vista de autores como Hopper e Traugott (1983), Sinclair (1991), Enfield (2003), Heine (2003) e Humez et al. (2010), passando pelo criador do termo *light verbs*, Otto Jespersen (1954), além de Nickel (1968), Live (1973), Cattell (1984), Wierzbicka (1982), Akimoto (1989), até a categorização proposta por Kearns (1988). Na linha de tempo que nos propusemos a realizar nessa incessante busca, com intuito de nos aprofundarmos nas leituras, buscamos estudos mais recentes e deparamo-nos com as reflexões de Willis (1990), Lewis (1993), Grimshaw e Mester (1998), Brugman (2001), Butt (1995, 2003), Duarte et al. (2009) e Perini (2017), o que enriqueceu nosso repertório teórico sobre os VL e nos fortaleceu para uma escrita mais elaborada do nosso primeiro capítulo teórico.

Paralelamente, decidimos que faríamos um estudo comparativo entre as Línguas Portuguesa e Inglesa, a partir de *corpora* de língua em uso, acerca do comportamento semântico dos quatro VL mais prototípicos tanto na nossa língua materna quanto em inglês. Para o português, estabelecemos que avaliariamos as CVL com ‘dar’, ‘fazer’, ‘ter’ e ‘tomar’. Na

comparação, estabelecemos que estudaríamos o comportamento dos VL em inglês *to give*, *to do/to make*, *to have* e *to take*. Igualmente decidimos que os dados coletados seriam analisados, para que pudéssemos verificar se e como ocorre a transmissão de sentido dos complementos para estes VL, comparando um a um, para, enfim, demonstrar que, em algumas situações, haveria certas restrições para o estabelecimento desse chamado vazio semântico.

Ao empreendermos as análises das construções sintáticas com os VL por meio do modelo teórico do LG, verificamos que nossa hipótese inicial foi materializada não apenas em uma sondagem de estruturas semânticas de alguns itens lexicais vistos como desprovidos de carga semântica, mas também em uma verificação de que estamos diante de itens em que os sentidos apresentam-se imbricados em suas estruturas lexicais, principalmente quando associados aos complementos que o fazem passar de uma forma plena para uma forma leve. Além disso, verificamos que os comportamentos semânticos de cada VL e de cada CVL possuem semelhanças e diferenças não apenas quando comparadas com a língua estrangeira, mas também dentro da própria Língua Portuguesa.

Dessa maneira, avançamos para o desenrolar de nossas análises, sendo este o quarto capítulo desta Tese. Após a escolha dos quatro VL prototípicos em cada língua que teriam suas construções analisadas, estabelecemos o critério de separá-los em grupos, e, conseqüentemente, em seções, para que pudéssemos decompor, de forma organizada, sempre pautados no LG, cada dado selecionado em suas estruturas semânticas constituintes, a fim de obter uma melhor compreensão do comportamento desses itens lexicais quando em funcionamento com determinado complemento. Além disso, no decorrer de nossas análises, depreendemos que seria necessário incluir os VL escolhidos em diferentes espectros da chamada gradação de leveza, pois, mesmo agrupados em uma mesma classe, os comportamentos apresentados não seguiram o padrão que esperávamos.

Na segunda seção do Capítulo 4, fizemos a análise das CVL com o verbo ‘dar’ e com *to give*. Para este verbo, as análises nos revelaram que, nas CVL em Língua Portuguesa, a gradação do esvaziamento do verbo leve depende da construção em que ele se encontra. Vimos que, quando há um complemento (SN) derivado de um verbo (‘dar uma olhada’), ocorre um esvaziamento maior da carga semântica do VL do que quando se tem um SN não deverbal (‘dar um exemplo’), o que aproxima, de certa forma, o ‘dar’ da sua forma plena, acarretando uma certa carga semântica. Também mostramos que, seja em português ou em inglês, as estruturas semânticas das construções com ‘dar’ e *to give* na forma leve podem apresentar funcionamento semelhante, a depender do argumento interno que se apresenta. Comprovamos que estes verbos apresentam em seu quale agentivo, o sentido mais genérico deles, o sentido de entregar ou

oferecer algo a alguém. Os outros sentidos emergem a partir da semântica de sintagmas nominais, consolidando a tese de que os níveis de representação lexical das construções com o VL ‘dar’ não são apenas a união das estruturas do verbo e do SN, mas uma interseção de estruturas semânticas. Ainda nesta mesma seção, comprovamos que a CVL *give an example* pode ser substituída pelo verbo *to exemplify*, similarmente ao ocorrido em português na CVL ‘dar um exemplo’ (exemplificar). Por outro lado, verificamos que o mesmo fato não acontece com as CVL *give a speech* e ‘dar um discurso’, pois, em inglês, a construção não possui um verbo substituto, o que difere do português, em que é possível substituir a CVL pelo verbo ‘discursar’.

Na sequência, na terceira seção, há os resultados da análise das CVL com ‘fazer’ e com *to do/to make*. Para este grupo, fizemos o detalhamento da CVL ‘fazer um curso’ e foi verificado que o item lexical ‘fazer’ pode se localizar em diferentes espectros, quando se trata da gradação de leveza, pois, quando especificado pelo SN ‘curso’, o verbo se localiza um pouco mais distanciado da sua forma plena. Em outro momento, esse mesmo item lexical não está subespecificado pelo SN e é interpretado como ‘criar’, fazendo com que ele se aproxime mais da sua forma plena. Isso ocorre em virtude da ambiguidade da construção ‘fazer um curso’, pois podemos ter a situação em que um agente pode produzir um curso literalmente e a situação que nos orienta para o sentido daquele que frequenta o curso (ou participa do curso). Essa ambiguidade, entretanto, é uma situação bem particular da nossa língua materna, pois, em inglês, cada sentido é dado por construções diferentes: *build a course* ou *design a course* (para montar um curso) e *do a course* ou *take a course* (para frequentar um curso).

A quarta seção do nosso capítulo 4 traz as impressões acerca das matrizes semânticas das construções com VL ‘ter’ e sua contraparte *to have*. Nesta seção, deixamos claro que, para o item lexical na Língua Inglesa, as análises foram direcionadas para aquelas CVL com traduções semelhantes ao ‘ter’ em português. Fomos, ao longo do texto, confirmando que a construção do sentido deste verbo se dá pelo mecanismo gerativo da co-composicionalidade com os sentidos individuais de itens lexicais associados a ele. Além disso, verificamos que há uma gradação na leveza do ‘ter’ que não permite que a representação deste verbo seja em si totalmente vazia de conteúdo semântico e que o modelo proposto por James Pustejovsky deu conta de explicar, em ambas as línguas, a polissemia das construções não apenas com os verbos ‘dar’ e ‘fazer’, mas também o com o verbo ‘ter’. A partir das estruturas dos itens lexicais ‘efeito’/*effect*, e *conversation*/conversa, e das respectivas estruturas das CVL ‘ter um efeito’ e *have a conversation*, comprovamos situações em que o verbo possui essa diferença de nuance. Assumimos a posição de que o ‘ter’ (*to have*) se apresenta, diferentemente do verbo ‘dar’ e um

pouco semelhante ao verbo ‘fazer’, em uma escala flutuante, pois ora está mais próximo do seu estado pleno, ora está mais próximo do seu estado leve. Por meio da operação semântica, provamos que o SN ‘conversa’ tem uma grande contribuição para o todo da representação lexical, fazendo com que o ‘ter’ tenha um sentido mais esvaziado do que na CVL ‘ter um efeito’. Mesmo que, em ambas as situações, ocorra uma especificação por composicionalidade, ele é direcionado para o sentido de ‘interagir’, ‘trocar ideias’, o que o distancia do seu sentido pleno de ‘possuir’.

Após esses três momentos de reflexão, chegamos à última seção das análises, em que apresentamos a discussão sobre as matrizes semânticas das CVL compostas pelo VL ‘tomar’ e uma de suas contrapartes na Língua Inglesa, o verbo *to take*. Comprovamos, pelo modelo do LG, que, assim como os verbos ‘dar’, ‘fazer’ e ‘ter’, o ‘tomar’ também é um tipo complexo, pois é tido como um item lexical de muitos sentidos a depender do argumento que esteja atrelado a ele. Igualmente, foi possível registrar que o verbo, em Língua Portuguesa, apresenta-se em um constante estado de leveza, como se a todo tempo os seus complementos fossem os responsáveis pelo gerenciamento do sentido da sentença. Ainda se observou que o item lexical *to take* apresentou o comportamento bastante semelhante, pois todas as vezes é necessário que o argumento interno ao verbo informe qual sentido a sentença deverá seguir, comprovando-se que, tanto em português quanto em inglês, há muitas construções tidas como co-composicionais por natureza, pois os verbos ‘tomar’ e *to take* funcionam como “termos âncoras ” (PUSTEJOVSKY, 2012), permitindo muito facilmente a ocorrência desse mecanismo gerativo. A partir das matrizes semânticas de CVL como ‘tomar um banho’/*take a shower* e ‘tomar uma decisão’, vimos que há uma semelhança de comportamento e de localização no espectro de gradação de leveza, pois registramos estruturas de qualia formadas exatamente pelas estruturas de qualia dos respectivos sintagmas nominais. É possível afirmar, então, que o processo de *bleaching* semântico do ‘tomar’/*to take* realmente acontece, pois sempre surgirão construções co-composicionais por natureza, fazendo com que esse verbo seja um item totalmente dependente em termos de funcionalidade. E, por isso, defendemos que o verbo ‘tomar’ apresenta um comportamento semântico diferente dos outros VL prototípicos, sendo considerado demasiado polissêmico, por ser praticamente esvaziado ou consideravelmente leve. Conforme já dito no Capítulo 4, essa argumentação pode ter um alto preço a se pagar, ao mesmo tempo que contribui na elaboração de compêndios gramaticais e de dicionários, pois seria adequado classificar esse verbo como um dos mais clássicos tipos de VL da nossa língua materna assim como da Língua Inglesa.

A partir do modelo de Pustejovsky, vimos que estrutura argumental de um item lexical não pode ser considerada precisa e invariável, pois defender o princípio da composicionalidade quer dizer defender, principalmente, que operações composicionais podem, além de criar argumentos, transformar argumentos de um tipo em outro tipo. Além disso, vimos que o núcleo da estrutura eventiva é parte do evento principal que está sendo enfatizado pelo item lexical. Ainda, registramos que, em alguns casos, como no caso do VL ‘tomar’, o núcleo da estrutura de eventos pode ser subespecificado, contribuindo imensamente para a compreensão da polissemia desse verbo, pois, se não há um núcleo marcado, admitem-se tantas interpretações quantos sejam os núcleos de eventos em potencial. Tal comportamento acontece com os VL, porém de forma diferente para cada um deles. Isso reforça a nossa tese de que é preciso reconhecer um aumento ou uma diminuição gradual da leveza desses verbos. Isso aponta para a nossa sugestão de que os quatro VL prototípicos, na Língua Portuguesa e na Língua Inglesa, devem ser categorizados em diferentes graus de leveza, a fim de facilitar a explicação da multiplicidade de sentidos apresentada por construções formadas por eles.

Sabemos que muitas questões podem ser levantadas a partir de nossas reflexões, principalmente sobre detalhes pragmáticos não mencionados, mas que muito contribuíram para o estabelecimento dessa tese de gradação de leveza. Por isso, gostaríamos de registrar que houve uma tentativa de criar subcategorias para uma classe verbal que parecia estar amalgamada como uma só e que continha verbos puramente esvaziados de sentidos. Com o intuito de finalizar, informamos que as discussões acerca da possibilidade de estabelecer a existência (ou não) de um vazio semântico dos VL, ainda irão se perpetuar e que, por isso, devem ser fomentadas nos ambientes acadêmicos, a fim de que haja uma maior discussão sobre o tema nas gramáticas (tradicionais e de uso) da Língua Portuguesa e da Língua Inglesa, pois os diferentes sentidos que uma CVL apresenta são passíveis de serem explicados não só pelas estruturas lexicais intrínsecas a cada verbo, mas pela interação da informação contida nos diversos níveis de representação lexical dos itens que constituem a CVL.

Finalmente, enquanto linguistas que somos, é possível que possamos aproveitar os dados e as considerações feitas aqui, para repensar as discussões com essa classe verbal tão presente em nossa língua materna e na maioria das línguas naturais.

REFERÊNCIAS

- ABEILLÉ, Anne; GODARD, Danièle; SAG, Ivan A. Two Kinds of Composition in French Complex predicates. In: HINRICHS, Erhard; KATHOL, Andreas; NAKAZAWA, Tsuneko (orgs.), **Complex Predicates in Nonderivational Syntax. Syntax and Semantics**. New York, Academic Press, 1998. (Disponível em: https://www.academia.edu/2798032/Two_kinds_of_composition_in_French_complex_predicates).
- AKIMOTO, Minoji. **A Study of Verbo-nominal Structures in English**. Tokyo: Shinozaki Shorin, 1989.
- ALLAN, Quentin. **Delexical verbs and degrees of desemanticization**. WORD, 49:1, 1-17, 1998. (Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00437956.1998.11673876>).
- ARAÚJO, Francisco Jardes Nobre de. A gramaticalização de ‘embora’: um caso prototípico. In.: **Verbum – Cadernos de Pós-Graduação**, n.5, p. 39-53. São Paulo: 2013.
- ARAGÃO NETO, Magdiel Medeiros. Teoria do Léxico Gerativo: alguns prós e contras. In: **Anais da XX Jornada GELNE**, João Pessoa, 2004, p. 1505-1518. (Disponível em <http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2004/PDF/Magdiel%20Medeiros%20Arag%E3o%20Neto.pdf>)
- BECHARA, Evanildo. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BIBER, D.; JOHANSSON, S.; LEECH, G.; CONRAD, S; FINEGAN, E. **Longman Grammar of Spoken and Written English**. Harlow: Longman, 2002.
- BORBA, F. S. **Teoria sintática**. São Paulo: EDUSP, 1979.
- BRÉAL, Michel. **Ensaio de Semântica**. Tradução F.Áida et al. São Paulo: Fontes/Educ, 1992 [1904].
- BRUGMAN, Claudia. **Light verbs and polysemy**. Language Sciences, v.23 n 4-5 pp. 551-578, 2001.
- BUTT, Miriam. **The Structure of Complex Predicates in Urdu**. Stanford, California: CSLI Publications, 1995.
- _____. **The Light Verbs Jungle**. Workshop on Multi-Verb Constructions, 2003. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/842d/148da229bca45fa3c8fc112caae4e8157b.pdf>).
- BUTT, Miriam; RAMCHAND, Gillian Ramchand. Complex Aspectual Structure in Hindi/Urdu. In: **The Syntax of Aspect**, ed. Nomi Ertishik-Shir and Tova Rappaport. p117–153. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- CATTELL, R. **Composite predicates in English**. Sydney: Academic Press Australia and Orlando, Florida: Academic Press, 1984.

CHISHMAN, Rove Luiza de Oliveira. **A teoria do léxico gerativo: uma abordagem crítica**. Porto Alegre, 2000. (Tese de Doutorado em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul).

COPESTAKE, A.; BRISCOE, E. J. Lexical operations in a unification-based framework. In: PUSTEJOVSKY, J.; BERGLER, S. (orgs.), **Lexical Semantics and Knowledge Representation**. Proceedings of the first SIGLEX Workshop, Berkeley, CA, Springer-Verlag, Berlin, pp. 101–119, 1992.

CROWTHER, Jonathan et al (orgs.). **Oxford Advanced Learner's Dictionary**. 5 ed., Oxford: Oxford University Press, 1995.

DAVIES, Mark. **Corpus do Português**: One billion words, 4 countries. Disponível on-line em <http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. (Web / Dialects), 2016.

DAVIES, Mark. **The Corpus of Contemporary American English (COCA)**: 560 million words, 1990-present. Disponível on-line em: <https://corpus.byu.edu/coca/>, 2008.

DOWTY, D. R. **Word Meaning and Montague Grammar**. Dordrecht: Reidel, 1979.

DUARTE, Inês; COLAÇO, Madalena; GONÇALVES, Anabela; MATILDE, Miguel. Predicados complexos do tipo <verbo leve-nome derivado>: uma análise baseada em corpora. In: DA HORA, Dermeval (org). **Anais - VI Congresso Internacional da Abralin**, João Pessoa: Ideia, pp, 1858-1867, 2009.

DUARTE, Inês; GONÇALVES, Anabela; MIGUEL, Matilde; MENDES, Amália; HENRICKX, Iris; OLIVEIRA, Fátima; CUNHA, Luís Filipe; SILVA, Fátima; SILVANO, Purificação. Light verbs features in European Portuguese. In: BERTINETTO, Pier Marco et al (orgs.). **Interdisciplinary workshop on verbs: the identification and representation of verb features**. Scuola Normale Superiore, Pisa, pp 27-31, 2010.

DURA, Elzbieta; GAWRONSKA, Barbara. Towards automatic translation of support verb constructions: the case of Polish robic/zrobic and Swedish göra. In **Proceedings of the 2nd Language & Technology Conference**, p.450-454, 2005.

ENFIELD, N. J. Enfield. **Linguistics Epidemiology: Semantics and Grammar of Language Contact in Mainland Southeast Asia**. Routledge Curzon, 2003.

GAYRAL, Françoise. **Créativité du sens en contexte et hypothèse de compositionnalité**. Traitement automatique des langues. Paris: ATALA, v. 39, n° 1, pp. 103-109, 1998.

GEERAERTS, Dirk. **Lexical Semantics**. Oxford Research Encyclopedia: Linguistics. Oxford University Press USA, 2017 (<https://oxfordre.com/linguistics/view/10.1093/acrefore/9780199384655.001.0001/acrefore-9780199384655-e-29?print>).

GRADECAK-ERDELJIC, T. Periphrasis in the coding of events. In: LEWANDOESKA-TOMASZCYK, B; KWIATKOSKA, A. (orgs.) **Imagery in Language.Festschrift in Honour of Professor Ronald W. Langacker**. Frankfurt: Peter Lang, 431-443, 2004.

GRIMSHAW, Jane; MESTER, Armin. Light Verbs and Θ -Marking. In: **Linguistic Inquiry**, 19(2). p.205–232, 1988.

GRIMSHAW, Jane. **Argument Structure**. Cambridge, MA: MIT Press, 1990

GROSS, M. **Les Bases Empiriques de la Notion de Prédicat Sémantique**. Langages, 63. Pp. 7-52, 1981.

GUŇKOVÁ, Markéta. **Corpus-based Linguistic and Pedagogical Investigation into Delexical Verbs** [online]. Dissertação de Mestrado na Masaryk University, Faculty of Arts. Orientador: M.A. James Edward Thomas, 2011. Disponível em: (<https://theses.cz/id/ke3khw/>), consultado em 03 de jan. 2019.

HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian; JANDA, Richard D. (Ed.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, p. 575-601, 2003.

HILL, J. Revising priorities: from grammatical failure to collocational success. In: LEWIS, M. (org.). **Teaching collocation: Further developments in the lexical approach**. Londres: Language Teaching Publications, p.47-69, 2000.

HOOK, P. E. **The Compound Verb in Hindi**. Center for South and Southeast Asian Studies, University of Michigan, 1974.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUMEZ, Alexander; HUMEZ, Nicholas Humez; FLYNN, Rob. **Short Cuts: A Guide to Oaths, Ring Tones, Ransom Notes, Famous Last Words, & Other Forms of Minimalist Communication**. Oxford University Press, 2010.

JESPERSEN, Otto. **A Modern English Grammar on Historical Principles**. Vol VI: Morfology, London: Allen & Unwin, 1954.

KEARNS, K. **Light verbs in English**. 2002 [1988]. (disponível em <http://www.ling.canterbury.ac.nz/kate/lightverbs.pdf>).

KOOJI, Jan G. **Ambiguity in natural language: an investigation of certain problems in its linguistic description**. Amsterdam, North-Holland Pub. Co., xii, 160 p. 1971.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: Chicago University Press. 1980.

LEWIS, Michael. **The lexical approach: the state of ELT and a way forward**. Londres: Language Teaching Publications, 1993.

LIVE, A. H. The take-have phrasal in English. In: **Linguistics**, 95, p. 31-50, 1973.

MACAMBIRA, José Rebouças. **Diátese verbal**. Revista de Letras, Fortaleza, v.1, n. 1, 1978, p. 61-83.

MOHANAN, Tara. **Argument structure in Hindi**. Dissertação em Linguística. Stanford, CA: CSLI Publications. pp. 269, 1994.

MORAVCSIK, J. M. **Aitia as Generative Factor in Aristotle's Philosophy**, Dialogue, 14:622-36., 1975.

MOURA, Heronides Maurílio de Melo; PEREIRA, Juliana Sell do Vale. **A interface léxico-enciclopédia no léxico gerativo: um estudo do verbo preparar**. Revista ANPOLL, n 16, p 57-73, jan-jun 2004.

MURPHY, M. Lynne. **Lexical meaning**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

NICKEL, G. **Complex Verbal Structures in English**. In: International Review of Applied Linguistics in Language Teaching, 6.1-4, 1968. (Disponível em <https://www.degruyter.com/view/j/iral.1968.6.issue-1-4/iral.1968.6.1-4.1/iral.1968.6.1-4.1.xml>).

NUNBERG, Geoffrey D. **The Pragmatics of Reference**. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1978.

_____. The Non-Uniqueness of Semantic Solution: Polysemy. In: **Linguistics and Philosophy** 3, 143-184, 1979.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

PUSTEJOVSKY, James. The Generative Lexicon, In: **Computational Linguistics**, 17.4., 1991. (disponível em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.14.5868&rep=rep1&type=pdf>).

_____. **The syntax of the event structure**, 1991. (Disponível em <http://www.cs.rochester.edu/u/james/Papers/Pustejovsky-event-structure.pdf>).

_____. **The Generative Lexicon**. MIT Press, Cambridge, MA., 1995.

_____. Co-compositionality in grammar. In: WERNING, Marcus; HINZEN, Wolfram; MACHERY, Edouard (orgs.). **The Oxford Handbook of Compositionality**. Oxford University Press, Nova York, Estados Unidos, 2012.

_____. Type Theory and Lexical Decomposition. In: PUSTEJOVSKY, J; BOUILLON, Pierrette; ISAHARA, Hitoshi; KANZAKY, Kyoko; LEE, Chungmin (orgs.). **Advances in Generative Lexicon Theory**. Springer, 2013.

_____. **Generative Lexicon Theory: Theoretical and Empirical Foundations.** 2014. (Slides disponíveis em <http://verbs.colorado.edu/~mpalmer/Ling7800/GL.pdf>).

_____. **Introduction to Generative Lexicon.** 2014. (Disponível em https://www.researchgate.net/publication/246526768_INTRODUCTION_TO_GENERATIVE_LEXICON).

PUSTEJOVSKY, J; BOGURAEV, B. **Lexical Knowledge Representation and Natural Language Processing.** In: Artificial Intelligence, 63:193-223, 1993. (Disponível em <https://www.semanticscholar.org/paper/Lexical-Knowledge-Representation-and-Natural-Pustejovsky-Boguraev/585296a980e01de12c741360b38b73a63a336e52?tab=abstract>).

PUSTEJOVSKY, J; JEZEK, E. **Integrating Generative Lexicon and Lexical Semantic Resources.** Tutorial, 2016. (Disponível em http://lrec2016.lrec-conf.org/media/filer_public/2016/05/10/tutorialmaterial_pustejovsky.pdf).

PUSTEJOVSKY, J; JEZEK, Elizabetha. **Generative Lexicon Theory: Integrating Theoretical and Empirical Methods.** Rutgers University, 2016. Slides. (Disponível em <http://gl-tutorials.org/wp-content/uploads/2016/07/NASSLLI-Slides-2016-July11-Lecture1.pdf>)

ROSEN, Sara. **Argument Structure and Complex Predicates.** Tese de Doutorado, Brandeis University, 1989.

SAMEK-LODOVICI, Vieri. **The Internal Structure of Arguments and its Role in Complex Predicate Formation.** Natural Language & Linguistic Theory, 21, pp. 835-881, 2003.

SCHER, Ana Paula. Quais são as propriedades lexicais de uma construção com verbo leve?, In: MULLER, Ana Lúcia; NEGRÃO, Esmeralda V.; FOLTRAN, Maria José (orgs.). **Semântica formal.** pp. 205-219, São Paulo: Contexto, 2003.

SHAHROKHY-PRHEN, Arian; HÖCHE, Silke. **Rising through the registers: a corpus-based account of the stylistic constraints on Light Verb Constructions,** Corpus [on line], 10, 2011 [consultada em 06 maio de 2019, disponível em <http://journals.openedition.org/corpus/2110>].

SHOMOSSI, Nematullah; SHOMOSSI, Ahmad. **A Review of Light Verb Constructions in English and Persian Complex Predicates.** Acta Linguistica. 6. pp.3-12, 2012.

SINCLAIR, John McH. **Collins Cobuild English grammar.** Harper Collins, 1990.

SINCLAIR, John McH. **Corpus Concordance Collocation.** Oxford: Oxford University Press, 1991.

SOUZA, José Wellisten Abreu de. **Por uma semântica didática: estudos semânticos voltados ao ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio.** Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, p. 196, 2017.

STEIN, Gabriele. **The Phrasal Verb Type ‘to have a look’ in Modern English.** In: International Review of Applied Linguistics in Language Teaching, 29(1), pp. 1-30, 1991 [consultada em 13 maio de 2019, disponível em <https://www.degruyter.com/downloadpdf/j/iral.1991.29.issue-1/iral.1991.29.1.1/iral.1991.29.1.1.pdf>].

SWAN, Michael. **Practical English Usage**. Hong Kong: Oxford University Press, 1998.

SWEETSER, Eve E. Grammaticalization and Semantic Bleaching. In: AXMAKER, Shelley; JAISSE, Anne; SINGMASTER, Helen (orgs.). **General session and parasesion on grammaticalization**. Berkeley Linguistics Society, Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting, p. 389-405, 1998. (http://linguistics.berkeley.edu/~sweetser/Sweetser_1988_BLS.pdf).

THORNBURY, S. **How to Teach Vocabulary**. Harlow: Longman, 2002.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. A Historical Overview of Complex Predicates. In: BRINTON, Lauren J; AKIMOTO, Minoji (orgs.). **Collocational and Idiomatic Aspects of Composite Predicates in the History of English**. p. 239–260. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

TRINDADE, Mônica M. **Um estudo léxico-conceitual da metonímia**. Florianópolis, 2006. (Tese de Doutorado em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina).

_____. **Um estudo léxico-conceitual da metonímia**. DELTA, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 307-329, 2012. (Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502012000200005&lng=en&nrm=iso Acessado em 23 de agosto de 2018.)

VAN GELDEREN, Elly. **An Introduction to the Grammar of English**: revised edition. John Benjamins Publishing, 2010.

VENDLER, Z. **Linguistics in philosophy**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1967. (Disponível em <https://archive.org/details/LinguisticsInPhilosophy>).

VIOTTI, Evani. **Uma História sobre “ter” e “haver”**. Caderno de Estudos Linguísticos. Campinas, (34)., pp 41-50, Jan./Jun, 1998 (Disponível em https://www.academia.edu/484854/Uma_hist%C3%B3ria_sobre_ter_e_haver).

_____. A composicionalidade nas sentenças com o verbo ter. In: MÜLLER, Ana Lúcia, NEGRÃO, Esmeralda V; FOLTRAN, Maria José (orgs.). **Semântica formal**. pp. 221-241, São Paulo:Contexto, 2003.

WIERZBICKA, Anna. Why Can You Have a Drink When You Can't *Have an Eat?. In: **Language**, vol. 58, no. 4, pp. 753–799. Sociedade Linguística da América, 1982. Disponível em (www.jstor.org/stable/413956).

WILLIS, D. **The Lexical Syllabus**: A New Approach to Language Teaching. London and Glasgow: Collins ELT, 1990.

YOKOTA, Kenji. The structure and meaning of Japanese light verbs, In: **Language Sciences**, Volume 27, Issue 3, Elsevier, 2005.

ANEXOS

Anexo I – dar + um + SN
(<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/> - Consulta em 29/10/2020)

Corpus do Português: Web/Dialects

ACCOUNT

SEARCH

FREQUENCY

CONTEXT

SEE CONTEXT: CLICK ON WORD OR SELECT WORDS + [CONTEXT] [HELP...]

		CONTEXT	ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500	FREQ	TOTAL 30,086 UNIQUE 1,398 +
1	☐	DAR UM EXEMPLO		2077	
2	☐	DAR UM PASSO		1812	
3	☐	DAR UM JEITO		1513	
4	☐	DAR UM TEMPO		1410	
5	☐	DAR UM TOQUE		930	
6	☐	DAR UM SALTO		811	
7	☐	DAR UM ABRAÇO		793	
8	☐	DAR UM AR		786	
9	☐	DAR UM PASSEIO		786	
10	☐	DAR UM TIRO		605	
11	☐	DAR UM CONSELHO		582	
12	☐	DAR UM BEIJO		559	
13	☐	DAR UM FIM		475	
14	☐	DAR UM NOME		394	
15	☐	DAR UM PRESENTE		381	
16	☐	DAR UM SENTIDO		343	
17	☐	DAR UM CONTRIBUTO		327	
18	☐	DAR UM GOLPE		316	
19	☐	DAR UM MERGULHO		305	
20	☐	DAR UM PULO		283	
21	☐	DAR UM SINAL		243	
22	☐	DAR UM SOCO		238	
23	☐	DAR UM DESCONTO		223	
24	☐	DAR UM TAPA		220	
25	☐	DAR UM VOTO		173	
26	☐	DAR UM MURRO		170	
27	☐	DAR UM BEIJINHO		165	
28	☐	DAR UM SALTINHO		153	
29	☐	DAR UM BANHO		152	
30	☐	DAR UM EFEITO		151	
31	☐	DAR UM PARECER		151	
32	☐	DAR UM IMPULSO		146	
33	☐	DAR UM SORRISO		146	
34	☐	DAR UM PONTAPÉ		142	
35	☐	DAR UM ASPECTO		141	
36	☐	DAR UM NÓ		140	
37	☐	DAR UM TOM		140	
38	☐	DAR UM FEEDBACK		131	
39	☐	DAR UM RECADO		131	
40	☐	DAR UM PONTO		130	
41	☐	DAR UM APOIO		126	
42	☐	DAR UM RUMO		124	
43	☐	DAR UM CLIQUE		121	
44	☐	DAR UM RETORNO		120	
45	☐	DAR UM TESTEMUNHO		119	
46	☐	DAR UM VALOR		118	
47	☐	DAR UM FUTURO		116	
48	☐	DAR UM TRATAMENTO		115	
49	☐	DAR UM SHOW		114	

50	☐	DAR UM GOSTINHO	113	■
51	☐	DAR UM UPGRADE	113	■
52	☐	DAR UM GRITO	106	■
53	☐	DAR UM CHARME	105	■
54	☐	DAR UM SIGNIFICADO	104	■
55	☐	DAR UM SUSTO	103	■
56	☐	DAR UM CHUTE	102	■
57	☐	DAR UM CONCERTO	102	■
58	☐	DAR UM DESCANSO	99	■
59	☐	DAR UM CURSO	98	■
60	☐	DAR UM RESULTADO	96	■
61	☐	DAR UM SABOR	96	■
62	☐	DAR UM DESTINO	95	■
63	☐	DAR UM PRAZO	91	■
64	☐	DAR UM CHOQUE	90	■
65	☐	DAR UM LANCE	86	■
66	☐	DAR UM FILHO	83	■
67	☐	DAR UM EMPURRÃO	82	■
68	☐	DAR UM DESTAQUE	81	■
69	☐	DAR UM GÁS	80	■
70	☐	DAR UM CARRO	79	■
71	☐	DAR UM ACABAMENTO	78	■
72	☐	DAR UM GIRO	78	■
73	☐	DAR UM PÉ	77	■
74	☐	DAR UM PALPITE	76	■
75	☐	DAR UM FINAL	74	■
76	☐	DAR UM DEPOIMENTO	73	■
77	☐	DAR UM DIAGNÓSTICO	73	■
78	☐	DAR UM TÍTULO	72	■
79	☐	DAR UM BRILHO	68	■
80	☐	DAR UM SUPORTE	67	■
81	☐	DAR UM TRATO	65	■
82	☐	DAR UM DIA	63	■
83	☐	DAR UM TRABALHO	63	■
84	☐	DAR UM LIVRO	62	■
85	☐	DAR UM AVISO	59	■
86	☐	DAR UM AUMENTO	56	■
87	☐	DAR UM INTERVALO	56	■
88	☐	DAR UM NÚMERO	55	■
89	☐	DAR UM LAR	51	■
90	☐	DAR UM BOCADINHO	50	■
91	☐	DAR UM PUXÃO	48	■
92	☐	DAR UM COLORIDO	47	■
93	☐	DAR UM CRÉDITO	47	■
94	☐	DAR UM MÍNIMO	47	■
95	☐	DAR UM PEZINHO	47	■
96	☐	DAR UM ULTIMATO	47	■
97	☐	DAR UM PASSE	46	■
98	☐	DAR UM PANORAMA	45	■
99	☐	DAR UM CLIMA	44	■
100	☐	DAR UM GELO	44	■

Anexo II – dar + uma + SN
(<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/> - Consulta em 29/10/2020)

Corpus do Português: Web/Dialects

EN

SEARCH

FREQUENCY

CONTEXT

ACCOUNT

SEE CONTEXT: CLICK ON WORD OR SELECT WORDS + [CONTEXT] [HELP...]

	CONTEXT	ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500	FREQ	TOTAL 30,845 UNIQUE 1,399 +
1		DAR UMA OLHADA	3343	
2		DAR UMA VOLTA	2605	
3		DAR UMA RESPOSTA	2434	
4		DAR UMA CHANCE	1335	
5		DAR UMA OPINIÃO	1031	
6		DAR UMA DICA	826	
7		DAR UMA AJUDA	807	
8		DAR UMA IDEIA	697	
9		DAR UMA EXPLICAÇÃO	469	
10		DAR UMA OPORTUNIDADE	458	
11		DAR UMA FORÇA	406	
12		DAR UMA AULA	389	
13		DAR UMA AJUDINHA	367	
14		DAR UMA VIDA	360	
15		DAR UMA LIÇÃO	354	
16		DAR UMA ENTREVISTA	343	
17		DAR UMA SUGESTÃO	326	
18		DAR UMA LIDA	323	
19		DAR UMA LUZ	321	
20		DAR UMA PAUSA	287	
21		DAR UMA PASSADA	278	
22		DAR UMA MÃOZINHA	273	
23		DAR UMA VISÃO	273	
24		DAR UMA PALESTRA	257	
25		DAR UMA OLHADELA	237	
26		DAR UMA FESTA	226	
27		DAR UMA PALAVRA	224	
28		DAR UMA IMAGEM	216	
29		DAR UMA SURRA	196	
30		DAR UMA ATENÇÃO	192	
31		DAR UMA MÃO	184	
32		DAR UMA NOTA	176	
33		DAR UMA CONTRIBUIÇÃO	175	
34		DAR UMA SOLUÇÃO	165	
35		DAR UMA GUINADA	163	
36		DAR UMA SATISFAÇÃO	151	
37		DAR UMA CARA	137	
38		DAR UMA CAMINHADA	134	
39		DAR UMA PARADA	128	
40		DAR UMA ORIENTAÇÃO	125	
41		DAR UMA VONTADE	123	
42		DAR UMA INFORMAÇÃO	122	
43		DAR UMA SENSAÇÃO	121	
44		DAR UMA DEFINIÇÃO	119	
45		DAR UMA NOÇÃO	109	
46		DAR UMA GERAL	105	
47		DAR UMA APARÊNCIA	103	
48		DAR UMA ORDEM	96	
49		DAR UMA BRONCA	91	
50		DAR UMA DESCULPA	85	

51	☐	DAR UMA IMPRESSÃO	85	☒
52	☐	DAR UMA REVIRAVOLTA	81	☒
53	☐	DAR UMA NOTÍCIA	80	☒
54	☐	DAR UMA EDUCAÇÃO	77	☒
55	☐	DAR UMA PALAVRINHA	77	☒
56	☐	DAR UMA DIMENSÃO	75	☒
57	☐	DAR UMA PALMADA	74	☒
58	☐	DAR UMA PISTA	71	☒
59	☐	DAR UMA PERSPECTIVA	70	☒
60	☐	DAR UMA BASE	69	☒
61	☐	DAR UMA COISA	66	☒
62	☐	DAR UMA INTERPRETAÇÃO	66	☒
63	☐	DAR UMA MENSAGEM	64	☒
64	☐	DAR UMA DIREÇÃO	60	☒
65	☐	DAR UMA INJEÇÃO	60	☒
66	☐	DAR UMA CARONA	59	☒
67	☐	DAR UMA CURVA	59	☒
68	☐	DAR UMA ENTRADA	59	☒
69	☐	DAR UMA VANTAGEM	59	☒
70	☐	DAR UMA CASA	58	☒
71	☐	DAR UMA INDICAÇÃO	58	☒
72	☐	DAR UMA ALEGRIA	57	☒
73	☐	DAR UMA PARTE	57	☒
74	☐	DAR UMA PROVA	57	☒
75	☐	DAR UMA HIPÓTESE	56	☒
76	☐	DAR UMA VIRADA	56	☒
77	☐	DAR UMA FOLGA	55	☒
78	☐	DAR UMA PRENDA	55	☒
79	☐	DAR UMA COR	54	☒
80	☐	DAR UMA SAÍDA	54	☒
81	☐	DAR UMA FORMAÇÃO	53	☒
82	☐	DAR UMA TRÉGUA	53	☒
83	☐	DAR UMA DOR	52	☒
84	☐	DAR UMA CONFERÊNCIA	50	☒
85	☐	DAR UMA GARGALHADA	50	☒
86	☐	DAR UMA CORRIDA	47	☒
87	☐	DAR UMA COLHER	46	☒
88	☐	DAR UMA RASTEIRA	46	☒
89	☐	DAR UMA CABEÇADA	44	☒
90	☐	DAR UMA LISTA	44	☒
91	☐	DAR UMA POSIÇÃO	43	☒
92	☐	DAR UMA BOFETADA	41	☒
93	☐	DAR UMA RAZÃO	41	☒
94	☐	DAR UMA AMOSTRA	40	☒
95	☐	DAR UMA FACADA	40	☒
96	☐	DAR UMA FUGIDA	40	☒
97	☐	DAR UMA IMPORTÂNCIA	40	☒
98	☐	DAR UMA CONTINUIDADE	39	☒
99	☐	DAR UMA DECLARAÇÃO	39	☒
100	☐	DAR UMA DATA	37	☒

Anexo III – *give + a + NP*
(<https://www.english-corpora.org/coca/> - Consulta em 29/10/2020)

Corpus of Contemporary American English

<

51	☐	GIVE A REPORT	16	■
52	☐	GIVE A CALL	15	■
53	☐	GIVE A KIND	15	■
54	☐	GIVE A BIT	14	■
55	☐	GIVE A DOLLAR	14	■
56	☐	GIVE A HUG	14	■
57	☐	GIVE A FEELING	13	■
58	☐	GIVE A PERFORMANCE	13	■
59	☐	GIVE A PICTURE	13	■
60	☐	GIVE A PRESS	13	■
61	☐	GIVE A RESPONSE	13	■
62	☐	GIVE A VARIETY	13	■
63	☐	GIVE A BREAK	12	■
64	☐	GIVE A DEMONSTRATION	12	■
65	☐	GIVE A DNA	12	■
66	☐	GIVE A LIFT	12	■
67	☐	GIVE A PIECE	12	■
68	☐	GIVE A SERMON	12	■
69	☐	GIVE A BUNCH	11	■
70	☐	GIVE A FLAVOR	11	■
71	☐	GIVE A MOMENT	11	■
72	☐	GIVE A STATE	11	■
73	☐	GIVE A STUDENT	11	■
74	☐	GIVE A THUMBS-UP	11	■
75	☐	GIVE A TIME	11	■
76	☐	GIVE A BLOOD	10	■
77	☐	GIVE A LOOK	10	■
78	☐	GIVE A MOUSE	10	■
79	☐	GIVE A PASS	10	■
80	☐	GIVE A PLAYER	10	■
81	☐	GIVE A RANGE	10	■
82	☐	GIVE A SHOT	10	■
83	☐	GIVE A SIGN	10	■
84	☐	GIVE A BOOK	9	■
85	☐	GIVE A COPY	9	■
86	☐	GIVE A FLIP	9	■
87	☐	GIVE A GRADE	9	■
88	☐	GIVE A JOB	9	■
89	☐	GIVE A KEYNOTE	9	■
90	☐	GIVE A LISTEN	9	■
91	☐	GIVE A PEP	9	■
92	☐	GIVE A PERCENTAGE	9	■
93	☐	GIVE A PORTION	9	■
94	☐	GIVE A PRICE	9	■
95	☐	GIVE A SAMPLE	9	■
96	☐	GIVE A SORT	9	■
97	☐	GIVE A TEST	9	■
98	☐	GIVE A TIMETABLE	9	■
99	☐	GIVE A YEAR	9	■
100	☐	GIVE A BOY	8	■

Anexo IV – *give + an + NP*
(<https://www.english-corpora.org/coca/> - Consulta em 29/10/2020)

Corpus of Contemporary American English

SEARCH

FREQUENCY

CONTEXT

OVERVIEW

SEE CONTEXT: CLICK ON WORD OR SELECT WORDS + [CONTEXT] [HELP...]

iWeb

GIVE

AN

		CONTEXT	ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500	FREQ	TOTAL 1,127 UNIQUE 213 +
1		GIVE AN EXAMPLE		164	
2		GIVE AN ACCOUNT		77	
3		GIVE AN ANSWER		63	
4		GIVE AN INCH		62	
5		GIVE AN IDEA		53	
6		GIVE AN INDICATION		46	
7		GIVE AN INTERVIEW		45	
8		GIVE AN IMPRESSION		33	
9		GIVE AN OPINION		32	
10		GIVE AN OVERVIEW		30	
11		GIVE AN ORDER		28	
12		GIVE AN EXPLANATION		24	
13		GIVE AN OPPORTUNITY		24	
14		GIVE AN ESTIMATE		20	
15		GIVE AN EDGE		19	
16		GIVE AN UPDATE		14	
17		GIVE AN ADDRESS		13	
18		GIVE AN INSIGHT		13	
19		GIVE AN AWARD		12	
20		GIVE AN ADVANTAGE		12	
21		GIVE AN ACCOUNTING		9	
22		GIVE AN ASSESSMENT		8	
23		GIVE AN APPEARANCE		8	
24		GIVE AN ANIMAL		7	
25		GIVE AN APOLOGY		7	
26		GIVE AN ARTIST		6	
27		GIVE AN INJECTION		6	
28		GIVE AN OPENING		6	
29		GIVE AN ULTIMATUM		6	
30		GIVE AN EMPLOYER		5	
31		GIVE AN ACCEPTANCE		5	
32		GIVE AN IMAGE		5	
33		GIVE AN AIR		4	
34		GIVE AN AUDIENCE		4	
35		GIVE AN IDENTITY		4	
36		GIVE AN INCENTIVE		4	
37		GIVE AN UNDERSTANDING		4	
38		GIVE AN EFFECT		3	
39		GIVE AN ENEMY		3	
40		GIVE AN EAR		3	
41		GIVE AN AURA		3	
42		GIVE AN AVERAGE		3	
43		GIVE AN ARGUMENT		3	
44		GIVE AN ANALOGY		3	
45		GIVE AN ADULT		3	
46		GIVE AN AGE		3	
47		GIVE AN ADDICT		3	
48		GIVE AN EXCUSE		3	
49		GIVE AN EXEMPTION		3	
50		GIVE AN INSURANCE		3	

51	☐	GIVE AN INTERPRETATION	3	■
52	☐	GIVE AN INTRODUCTION	3	■
53	☐	GIVE AN INVENTORY	3	■
54	☐	GIVE AN INVESTMENT	3	■
55	☐	GIVE AN ITEM	3	■
56	☐	GIVE AN ORGAN	3	■
57	☐	GIVE AN ACADEMY	2	■
58	☐	GIVE AN A-PLUS	2	■
59	☐	GIVE AN ABORTION	2	■
60	☐	GIVE AN ACTOR	2	■
61	☐	GIVE AN AGENT	2	■
62	☐	GIVE AN ALLOWANCE	2	■
63	☐	GIVE AN ALTERNATIVE	2	■
64	☐	GIVE AN ARCHITECT	2	■
65	☐	GIVE AN ASSIST	2	■
66	☐	GIVE AN ATOM	2	■
67	☐	GIVE AN ATTORNEY	2	■
68	☐	GIVE AN AUTOGRAPH	2	■
69	☐	GIVE AN ARM	2	■
70	☐	GIVE AN EMPLOYEE	2	■
71	☐	GIVE AN ELECTION	2	■
72	☐	GIVE AN EXPERIENCE	2	■
73	☐	GIVE AN HONOREE	2	■
74	☐	GIVE AN IDIOT	2	■
75	☐	GIVE AN ILLUSION	2	■
76	☐	GIVE AN ENEMY	3	■
77	☐	GIVE AN EXCEPTION	3	■
78	☐	GIVE AN HOUR	3	■
79	☐	GIVE AN ILLUSION	3	■
80	☐	GIVE AN ILLUSTRATION	3	■
81	☐	GIVE AN INSIDER	3	■
82	☐	GIVE AN INVESTMENT	3	■
83	☐	GIVE AN IOTA	3	■
84	☐	GIVE AN OBJECT	3	■
85	☐	GIVE AN ORIENTATION	3	■
86	☐	GIVE AN OUTLINE	3	■
87	☐	GIVE AN ABORTION	2	■
88	☐	GIVE AN ACADEMY	2	■
89	☐	GIVE AN AERIAL	2	■
90	☐	GIVE AN AGENT	2	■
91	☐	GIVE AN AGENCY	2	■
92	☐	GIVE AN AIRLINE	2	■
93	☐	GIVE AN AMOUNT	2	■
94	☐	GIVE AN ANECDOTE	2	■
95	☐	GIVE AN ANTIBIOTIC	2	■
96	☐	GIVE AN APPLE	2	■
97	☐	GIVE AN APPRECIATION	2	■
98	☐	GIVE AN ARCHITECT	2	■
99	☐	GIVE AN ARTEMIS	2	■
100	☐	GIVE AN ASSAILANT	2	■

Anexo V – **fazer + um + SN**
(<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/> - Consulta em 29/10/2020)

Corpus do Português: Web/Dialects				FREQUENCY		CONTEXT	OVERVIEW
SEE CONTEXT: CLICK ON WORD OR SELECT WORDS + [CONTEXT] [HELP...]							
		CONTEXT	ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500	FREQ	TOTAL 55,436 UNIQUE 2,892 +		
1	☐	FAZER UM TRABALHO		2569			
2	☐	FAZER UM CURSO		2056			
3	☐	FAZER UM FILME		1775			
4	☐	FAZER UM TESTE		1329			
5	☐	FAZER UM BLOG		949			
6	☐	FAZER UM EXAME		944			
7	☐	FAZER UM PEDIDO		924			
8	☐	FAZER UM COMENTÁRIO		900			
9	☐	FAZER UM BALANÇO		775			
10	☐	FAZER UM JOGO		672			
11	☐	FAZER UM TRATAMENTO		639			
12	☐	FAZER UM LEVANTAMENTO		603			
13	☐	FAZER UM VÍDEO		599			
14	☐	FAZER UM ACORDO		543			
15	☐	FAZER UM PASSEIO		534			
16	☐	FAZER UM PROGRAMA		516			
17	☐	FAZER UM BOLO		501			
18	☐	FAZER UM ABORTO		422			
19	☐	FAZER UM DIAGNÓSTICO		418			
20	☐	FAZER UM SHOW		403			
21	☐	FAZER UM APELO		377			
22	☐	FAZER UM ANO		365			
23	☐	FAZER UM PLANO		358			
24	☐	FAZER UM EXERCÍCIO		355			
25	☐	FAZER UM SITE		346			
26	☐	FAZER UM PLANEJAMENTO		332			
27	☐	FAZER UM LIVRO		331			
28	☐	FAZER UM DISCURSO		320			
29	☐	FAZER UM PROJETO		303			
30	☐	FAZER UM DESENHO		302			
31	☐	FAZER UM MONTE		283			
32	☐	FAZER UM INVESTIMENTO		280			
33	☐	FAZER UM DISCO		259			
34	☐	FAZER UM RESUMO		252			
35	☐	FAZER UM TOUR		251			
36	☐	FAZER UM TEXTO		244			
37	☐	FAZER UM CONCURSO		242			
38	☐	FAZER UM FAVOR		232			
39	☐	FAZER UM UPGRADE		228			
40	☐	FAZER UM LANCHE		223			
41	☐	FAZER UM CONTRATO		222			
42	☐	FAZER UM INTERCÂMBIO		222			
43	☐	FAZER UM PIQUENIQUE		218			
44	☐	FAZER UM CONVITE		217			
45	☐	FAZER UM JANTAR		213			
46	☐	FAZER UM TREINO		210			
47	☐	FAZER UM MOVIMENTO		208			
48	☐	FAZER UM ARTIGO		207			
49	☐	FAZER UM MESTRADO		207			
50	☐	FAZER UM SEGURO		207			

51	☐	FAZER UM GOL	205	■
52	☐	FAZER UM ÁLBUM	200	■
53	☐	FAZER UM DOCUMENTÁRIO	197	■
54	☐	FAZER UM LOGÓTIPO	197	■
55	☐	FAZER UM CORTE	196	■
56	☐	FAZER UM BACKUP	195	■
57	☐	FAZER UM PARALELO	189	■
58	☐	FAZER UM TUTORIAL	189	■
59	☐	FAZER UM CARTÃO	186	■
60	☐	FAZER UM EMPRÉSTIMO	184	■
61	☐	FAZER UM EVENTO	178	■
62	☐	FAZER UM DIA	176	■
63	☐	FAZER UM JULGAMENTO	176	■
64	☐	FAZER UM CADASTRO	175	■
65	☐	FAZER UM CRUZEIRO	172	■
66	☐	FAZER UM NEGÓCIO	171	■
67	☐	FAZER UM SOM	168	■
68	☐	FAZER UM MUNDO	161	■
69	☐	FAZER UM VESTIDO	161	■
70	☐	FAZER UM PACTO	158	■
71	☐	FAZER UM ORÇAMENTO	157	■
72	☐	FAZER UM ACOMPANHAMENTO	155	■
73	☐	FAZER UM PERCURSO	155	■
74	☐	FAZER UM PAPEL	153	■
75	☐	FAZER UM USO	152	■
76	☐	FAZER UM CHÁ	151	■
77	☐	FAZER UM DEBATE	148	■
78	☐	FAZER UM APANHADO	146	■
79	☐	FAZER UM ROTEIRO	144	■
80	☐	FAZER UM HOMEM	141	■
81	☐	FAZER UM CAMPEONATO	140	■
82	☐	FAZER UM SERVIÇO	139	■
83	☐	FAZER UM ALERTA	138	■
84	☐	FAZER UM JORNALISMO	136	■
85	☐	FAZER UM FINANCIAMENTO	133	■
86	☐	FAZER UM PONTO	133	■
87	☐	FAZER UM RETRATO	130	■
88	☐	FAZER UM CAFÉ	129	■
89	☐	FAZER UM CHURRASCO	128	■
90	☐	FAZER UM JUÍZO	128	■
91	☐	FAZER UM RELATÓRIO	125	■
92	☐	FAZER UM PROTESTO	124	■
93	☐	FAZER UM ANEL	121	■
94	☐	FAZER UM SORTEIO	121	■
95	☐	FAZER UM ELOGIO	120	■
96	☐	FAZER UM INSTRUMENTO	118	■
97	☐	FAZER UM ATAQUE	117	■
98	☐	FAZER UM BORI	117	■
99	☐	FAZER UM DEPÓSITO	114	■
100	☐	FAZER UM MILAGRE	111	■

Anexo VI – **fazer + uma + SN**
(<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/> - Consulta em 29/10/2020)

Corpus do Português: Web/Dialects				FREQUENCY		CONTEXT	OVERVIEW
SEE CONTEXT: CLICK ON WORD OR SELECT WORDS + [CONTEXT] [HELP...]							
		CONTEXT	ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500	FREQ	TOTAL 62,655 UNIQUE 2,757 +		
1	☐	FAZER UMA COISA		2001			
2	☐	FAZER UMA VIAGEM		1690			
3	☐	FAZER UMA PERGUNTA		1685			
4	☐	FAZER UMA ANÁLISE		1528			
5	☐	FAZER UMA VISITA		1343			
6	☐	FAZER UMA PESQUISA		1187			
7	☐	FAZER UMA LISTA		1130			
8	☐	FAZER UMA AVALIAÇÃO		1122			
9	☐	FAZER UMA PAUSA		753			
10	☐	FAZER UMA CIRURGIA		746			
11	☐	FAZER UMA FESTA		745			
12	☐	FAZER UMA CAMPANHA		589			
13	☐	FAZER UMA SÉRIE		563			
14	☐	FAZER UMA DIETA		541			
15	☐	FAZER UMA COMPARAÇÃO		540			
16	☐	FAZER UMA LIMPEZA		535			
17	☐	FAZER UMA REFLEXÃO		511			
18	☐	FAZER UMA PROVA		466			
19	☐	FAZER UMA DOAÇÃO		432			
20	☐	FAZER UMA REVISÃO		431			
21	☐	FAZER UMA LEITURA		406			
22	☐	FAZER UMA MUDANÇA		398			
23	☐	FAZER UMA APRESENTAÇÃO		371			
24	☐	FAZER UMA COMPRA		368			
25	☐	FAZER UMA CONSULTA		366			
26	☐	FAZER UMA BUSCA		359			
27	☐	FAZER UMA LIGAÇÃO		359			
28	☐	FAZER UMA PARCERIA		359			
29	☐	FAZER UMA REFEIÇÃO		354			
30	☐	FAZER UMA TATUAGEM		354			
31	☐	FAZER UMA CRÍTICA		352			
32	☐	FAZER UMA REFORMA		347			
33	☐	FAZER UMA FACULDADE		333			
34	☐	FAZER UMA CAMINHADA		328			
35	☐	FAZER UMA ENTREVISTA		327			
36	☐	FAZER UMA SURPRESA		323			
37	☐	FAZER UMA DECLARAÇÃO		316			
38	☐	FAZER UMA DENÚNCIA		307			
39	☐	FAZER UMA ALIMENTAÇÃO		297			
40	☐	FAZER UMA EXPERIÊNCIA		297			
41	☐	FAZER UMA REVOLUÇÃO		289			
42	☐	FAZER UMA OBRA		275			
43	☐	FAZER UMA PROPOSTA		269			
44	☐	FAZER UMA ANALOGIA		266			
45	☐	FAZER UMA VERSÃO		261			
46	☐	FAZER UMA MATÉRIA		254			
47	☐	FAZER UMA CÓPIA		251			
48	☐	FAZER UMA HOMENAGEM		248			
49	☐	FAZER UMA REPORTAGEM		248			
50	☐	FAZER UMA OBSERVAÇÃO		239			

51	☐	FAZER UMA DIFERENÇA	235	
52	☐	FAZER UMA PESSOA	230	
53	☐	FAZER UMA RECLAMAÇÃO	229	
54	☐	FAZER UMA CHAMADA	217	
55	☐	FAZER UMA GESTÃO	217	
56	☐	FAZER UMA INVESTIGAÇÃO	212	
57	☐	FAZER UMA MÚSICA	211	
58	☐	FAZER UMA BRINCADEIRA	209	
59	☐	FAZER UMA RESENHA	209	
60	☐	FAZER UMA ORAÇÃO	207	
61	☐	FAZER UMA DISTINÇÃO	206	
62	☐	FAZER UMA OPERAÇÃO	206	
63	☐	FAZER UMA MAQUIAGEM	197	
64	☐	FAZER UMA ABORDAGEM	196	
65	☐	FAZER UMA REUNIÃO	196	
66	☐	FAZER UMA SESSÃO	189	
67	☐	FAZER UMA EXPOSIÇÃO	185	
68	☐	FAZER UMA APOSTA	180	
69	☐	FAZER UMA FAXINA	180	
70	☐	FAZER UMA RESERVA	176	
71	☐	FAZER UMA CARREIRA	175	
72	☐	FAZER UMA MASSAGEM	174	
73	☐	FAZER UMA MULHER	174	
74	☐	FAZER UMA FOTO	173	
75	☐	FAZER UMA SIMULAÇÃO	171	
76	☐	FAZER UMA RECEITA	169	
77	☐	FAZER UMA HISTÓRIA	168	
78	☐	FAZER UMA VIDA	165	
79	☐	FAZER UMA MANIFESTAÇÃO	163	
80	☐	FAZER UMA OFERTA	162	
81	☐	FAZER UMA ATUALIZAÇÃO	161	
82	☐	FAZER UMA AFIRMAÇÃO	158	
83	☐	FAZER UMA CONTA	158	
84	☐	FAZER UMA LEI	153	
85	☐	FAZER UMA SELEÇÃO	153	
86	☐	FAZER UMA ATIVIDADE	152	
87	☐	FAZER UMA CORRIDA	146	
88	☐	FAZER UMA ÉPOCA	145	
89	☐	FAZER UMA TROCA	144	
90	☐	FAZER UMA REFERÊNCIA	142	
91	☐	FAZER UMA RESSALVA	142	
92	☐	FAZER UMA CURVA	139	
93	☐	FAZER UMA PREVISÃO	138	
94	☐	FAZER UMA PALESTRA	137	
95	☐	FAZER UMA PROMOÇÃO	136	
96	☐	FAZER UMA SUGESTÃO	136	
97	☐	FAZER UMA CASA	133	
98	☐	FAZER UMA RETROSPECTIVA	133	
99	☐	FAZER UMA TRANSFERÊNCIA	133	
100	☐	FAZER UMA INTERVENÇÃO	132	

Anexo VII – *make + an + NP*
(<https://www.english-corpora.org/coca/> - Consulta em 29/10/2020)

Corpus of Contemporary American English					FREQUENCY		CONTEXT		OVERVIEW			
HELP	SEARCH	CONTEXT	ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500	FREQ	TOTAL 10,460 UNIQUE 797 +							
1	☐	MAKE AN EFFORT		1057								
2	☐	MAKE AN APPOINTMENT		902								
3	☐	MAKE AN IMPACT		640								
4	☐	MAKE AN EXCEPTION		625								
5	☐	MAKE AN APPEARANCE		478								
6	☐	MAKE AN ARGUMENT		394								
7	☐	MAKE AN IMPRESSION		360								
8	☐	MAKE AN EXAMPLE		349								
9	☐	MAKE AN OFFER		295								
10	☐	MAKE AN ANNOUNCEMENT		282								
11	☐	MAKE AN ARREST		260								
12	☐	MAKE AN ISSUE		214								
13	☐	MAKE AN ATTEMPT		187								
14	☐	MAKE AN EMERGENCY		162								
15	☐	MAKE AN INVESTMENT		129								
16	☐	MAKE AN EXCUSE		114								
17	☐	MAKE AN ENTRANCE		104								
18	☐	MAKE AN ADJUSTMENT		103								
19	☐	MAKE AN ASS		93								
20	☐	MAKE AN AGREEMENT		90								
21	☐	MAKE AN ASSESSMENT		90								
22	☐	MAKE AN END		85								
23	☐	MAKE AN ALBUM		84								
24	☐	MAKE AN ERROR		75								
25	☐	MAKE AN OMELET		69								
26	☐	MAKE AN OBSERVATION		62								
27	☐	MAKE AN ENEMY		57								
28	☐	MAKE AN IMAGE		55								
29	☐	MAKE AN ASSUMPTION		52								
30	☐	MAKE AN INCISION		51								
31	☐	MAKE AN ANALOGY		50								
32	☐	MAKE AN OFFERING		50								
33	☐	MAKE AN ARRANGEMENT		48								
34	☐	MAKE AN AVERAGE		47								
35	☐	MAKE AN OPENING		47								
36	☐	MAKE AN APPEAL		44								
37	☐	MAKE AN APOLOGY		38								
38	☐	MAKE AN ALLIANCE		35								
39	☐	MAKE AN ESCAPE		31								
40	☐	MAKE AN ACCUSATION		30								
41	☐	MAKE AN APPLICATION		30								
42	☐	MAKE AN ART		30								
43	☐	MAKE AN ORDER		29								
44	☐	MAKE AN INTRODUCTION		28								
45	☐	MAKE AN INVENTORY		28								
46	☐	MAKE AN ESTIMATE		27								
47	☐	MAKE AN OBJECT		27								
48	☐	MAKE AN EXIT		24								
49	☐	MAKE AN APP		23								
50	☐	MAKE AN ASSERTION		23								
51	☐	MAKE AN ATTACK		23								

52	☐	MAKE AN ENDORSEMENT	23	■
53	☐	MAKE AN IDENTIFICATION	23	■
54	☐	MAKE AN OMELETTE	23	■
55	☐	MAKE AN ACCOUNT	22	■
56	☐	MAKE AN ENTRY	22	■
57	☐	MAKE AN ACTION	21	■
58	☐	MAKE AN AD	21	■
59	☐	MAKE AN AUDIENCE	21	■
60	☐	MAKE AN EGG	21	■
61	☐	MAKE AN APPLE	20	■
62	☐	MAKE AN INVESTIGATION	20	■
63	☐	MAKE AN ID	19	■
64	☐	MAKE AN IDIOT	19	■
65	☐	MAKE AN INCOME	19	■
66	☐	MAKE AN ALLEGATION	17	■
67	☐	MAKE AN EVALUATION	17	■
68	☐	MAKE AN ADULT	16	■
69	☐	MAKE AN ANIMAL	16	■
70	☐	MAKE AN ARTICLE	16	■
71	☐	MAKE AN EVENING	16	■
72	☐	MAKE AN EXCHANGE	16	■
73	☐	MAKE AN IDOL	16	■
74	☐	MAKE AN ICE	15	■
75	☐	MAKE AN OUTLINE	15	■
76	☐	MAKE AN ADDITION	14	■
77	☐	MAKE AN AMENDMENT	14	■
78	☐	MAKE AN ELECTION	14	■
79	☐	MAKE AN I.D.	14	■
80	☐	MAKE AN INFERENCE	14	■
81	☐	MAKE AN INQUIRY	14	■
82	☐	MAKE AN ADDRESS	13	■
83	☐	MAKE AN ACT	13	■
84	☐	MAKE AN EVENT	13	■
85	☐	MAKE AN EXECUTIVE	13	■
86	☐	MAKE AN EXHIBITION	13	■
87	☐	MAKE AN HOUR	13	■
88	☐	MAKE AN IMPROVEMENT	13	■
89	☐	MAKE AN ACCOMMODATION	12	■
90	☐	MAKE AN ATONEMENT	12	■
91	☐	MAKE AN INDIVIDUAL	12	■
92	☐	MAKE AN ALLOWANCE	11	■
93	☐	MAKE AN APPROACH	11	■
94	☐	MAKE AN ARMY	11	■
95	☐	MAKE AN IMPRINT	11	■
96	☐	MAKE AN IMPULSE	11	■
97	☐	MAKE AN OIL	11	■
98	☐	MAKE AN OUTFIT	11	■
99	☐	MAKE AN ADAPTATION	10	■
100	☐	MAKE AN ADVANCE	10	■

Anexo VIII – *make + a + NP*
(<https://www.english-corpora.org/coca/> - Consulta em 29/10/2020)

Corpus of Contemporary American English				
SEARCH			FREQUENCY	CONTEXT
				OVERVIEW
1	☐	MAKE A DIFFERENCE	8700	
2	☐	MAKE A DECISION	3752	
3	☐	MAKE A LIVING	2903	
4	☐	MAKE A LOT	2740	
5	☐	MAKE A POINT	2135	
6	☐	MAKE A DEAL	1952	
7	☐	MAKE A MISTAKE	1688	
8	☐	MAKE A STATEMENT	1547	
9	☐	MAKE A PROFIT	1324	
10	☐	MAKE A MOVE	1191	
11	☐	MAKE A CASE	1101	
12	☐	MAKE A LIST	1092	
13	☐	MAKE A CHOICE	1085	
14	☐	MAKE A CHANGE	1021	
15	☐	MAKE A CALL	924	
16	☐	MAKE A MOVIE	877	
17	☐	MAKE A RUN	809	
18	☐	MAKE A PHONE	724	
19	☐	MAKE A WISH	691	
20	☐	MAKE A SOUND	647	
21	☐	MAKE A FOOL	488	
22	☐	MAKE A COMMITMENT	485	
23	☐	MAKE A PLAY	464	
24	☐	MAKE A COMMENT	460	
25	☐	MAKE A JOKE	454	
26	☐	MAKE A CONTRIBUTION	446	
27	☐	MAKE A MAN	439	
28	☐	MAKE A PLAN	438	
29	☐	MAKE A BUCK	433	
30	☐	MAKE A RIGHT	431	
31	☐	MAKE A FILM	424	
32	☐	MAKE A MESS	424	
33	☐	MAKE A NAME	424	
34	☐	MAKE A DENT	411	
35	☐	MAKE A DISTINCTION	399	
36	☐	MAKE A NOTE	393	
37	☐	MAKE A FORTUNE	376	
38	☐	MAKE A SCENE	375	
39	☐	MAKE A CAREER	362	
40	☐	MAKE A COUPLE	361	
41	☐	MAKE A COMEBACK	359	
42	☐	MAKE A JUDGMENT	348	
43	☐	MAKE A STAND	344	
44	☐	MAKE A DONATION	337	
45	☐	MAKE A PERSON	329	
46	☐	MAKE A PURCHASE	322	
47	☐	MAKE A CONNECTION	321	
48	☐	MAKE A LIFE	307	
49	☐	MAKE A DETERMINATION	296	
50	☐	MAKE A HABIT	291	
51	☐	MAKE A SPEECH	288	

52	☐	MAKE A FUSS	280	■
53	☐	MAKE A COPY	277	■
54	☐	MAKE A TOAST	261	■
55	☐	MAKE A GO	253	■
56	☐	MAKE A SUGGESTION	243	■
57	☐	MAKE A KILLING	229	■
58	☐	MAKE A RECORD	223	■
59	☐	MAKE A GAME	220	■
60	☐	MAKE A RESERVATION	217	■
61	☐	MAKE A BABY	214	■
62	☐	MAKE A TRIP	214	■
63	☐	MAKE A CLAIM	207	■
64	☐	MAKE A SPLASH	207	■
65	☐	MAKE A WOMAN	207	■
66	☐	MAKE A HOLE	192	■
67	☐	MAKE A BREAK	188	■
68	☐	MAKE A SHOW	187	■
69	☐	MAKE A HOME	186	■
70	☐	MAKE A VIDEO	184	■
71	☐	MAKE A MARK	173	■
72	☐	MAKE A PREDICTION	173	■
73	☐	MAKE A PLACE	171	■
74	☐	MAKE A TRADE	171	■
75	☐	MAKE A STOP	170	■
76	☐	MAKE A NOISE	169	■
77	☐	MAKE A MOCKERY	165	■
78	☐	MAKE A PROMISE	165	■
79	☐	MAKE A RECOMMENDATION	165	■
80	☐	MAKE A FIRE	164	■
81	☐	MAKE A BET	162	■
82	☐	MAKE A MEAL	160	■
83	☐	MAKE A WORLD	153	■
84	☐	MAKE A FIST	149	■
85	☐	MAKE A SERIES	148	■
86	☐	MAKE A BIT	146	■
87	☐	MAKE A BOMB	136	■
88	☐	MAKE A TON	132	■
89	☐	MAKE A REQUEST	131	■
90	☐	MAKE A BUNCH	130	■
91	☐	MAKE A REPORT	127	■
92	☐	MAKE A PACT	124	■
93	☐	MAKE A SANDWICH	122	■
94	☐	MAKE A PRODUCT	118	■
95	☐	MAKE A SALE	118	■
96	☐	MAKE A CHILD	116	■
97	☐	MAKE A PRESENTATION	116	■
98	☐	MAKE A NUMBER	115	■
99	☐	MAKE A BUSINESS	114	■
100	☐	MAKE A GIRL	113	■

Anexo IX – *do + an + NP*
(<https://www.english-corpora.org/coca/> - Consulta em 29/10/2020)

Corpus of Contemporary American English				FREQUENCY		CONTEXT		OVERVIEW	
SEARCH									
1	☐	DO AN INTERVIEW	296						
2	☐	DO AN AUTOPSY	94						
3	☐	DO AN INVESTIGATION	88						
4	☐	DO AN ARTICLE	80						
5	☐	DO AN HOUR	60						
6	☐	DO AN ALBUM	58						
7	☐	DO AN EXPERIMENT	52						
8	☐	DO AN ANALYSIS	51						
9	☐	DO AN END	45						
10	☐	DO AN INTERNET	37						
11	☐	DO AN EXERCISE	36						
12	☐	DO AN INVENTORY	30						
13	☐	DO AN EMERGENCY	28						
14	☐	DO AN ACTION	26						
15	☐	DO AN ACT	25						
16	☐	DO AN AD	25						
17	☐	DO AN ULTRASOUND	25						
18	☐	DO AN AUDIT	24						
19	☐	DO AN ACTIVITY	22						
20	☐	DO AN IMPRESSION	22						
21	☐	DO AN ABOUT-FACE	21						
22	☐	DO AN INTERNSHIP	20						
23	☐	DO AN INTERVENTION	20						
24	☐	DO AN ASSESSMENT	19						
25	☐	DO AN EVALUATION	18						
26	☐	DO AN EVENT	18						
27	☐	DO AN LP	18						
28	☐	DO AN UPDATE	18						
29	☐	DO AN ACCENT	17						
30	☐	DO AN EPISODE	17						
31	☐	DO AN INSPECTION	16						
32	☐	DO AN MRI	16						
33	☐	DO AN ASSIGNMENT	15						
34	☐	DO AN ART	14						
35	☐	DO AN AUDITION	14						
36	☐	DO AN OPERATION	13						
37	☐	DO AN ABORTION	12						
38	☐	DO AN EXAMINATION	12						
39	☐	DO AN IMAGE	12						
40	☐	DO AN INJUSTICE	12						
41	☐	DO AN ATTACK	11						
42	☐	DO AN ENCORE	10						
43	☐	DO AN END-RUN	9						
44	☐	DO AN EXPOS	9						
45	☐	DO AN IMITATION	9						
46	☐	DO AN X-RAY	9						
47	☐	DO AN ADULT	8						
48	☐	DO AN AVERAGE	8						
49	☐	DO AN EXAM	8						
50	☐	DO AN EXCHANGE	8						
51	☐	DO AN EXORCISM	8						

52	☐	DO AN IMPERSONATION	8	■
53	☐	DO AN UPGRADE	8	■
54	☐	DO AN AMA	7	■
55	☐	DO AN ECHO	7	■
56	☐	DO AN EKG	7	■
57	☐	DO AN EMAIL	7	■
58	☐	DO AN ERRAND	7	■
59	☐	DO AN IPO	7	■
60	☐	DO AN ANGIOGRAM	6	■
61	☐	DO AN APPEARANCE	6	■
62	☐	DO AN APPLE	6	■
63	☐	DO AN ELVIS	6	■
64	☐	DO AN ESTIMATE	6	■
65	☐	DO AN EVICTION	6	■
66	☐	DO AN IRONMAN	6	■
67	☐	DO AN AFTERNOON	5	■
68	☐	DO AN ENERGY	5	■
69	☐	DO AN EVENING	5	■
70	☐	DO AN EXHIBITION	5	■
71	☐	DO AN EYE	5	■
72	☐	DO AN HIV	5	■
73	☐	DO AN ICE	5	■
74	☐	DO AN INTRO	5	■
75	☐	DO AN INTRODUCTION	5	■
76	☐	DO AN MBA	5	■
77	☐	DO AN OIL	5	■
78	☐	DO AN OVERVIEW	5	■
79	☐	DO AN AGREEMENT	4	■
80	☐	DO AN AMNESTY	4	■
81	☐	DO AN AMNIOCENTESIS	4	■
82	☐	DO AN ANGIO	4	■
83	☐	DO AN ANTHOLOGY	4	■
84	☐	DO AN AUTO	4	■
85	☐	DO AN EDIT	4	■
86	☐	DO AN EDITORIAL	4	■
87	☐	DO AN ENTRY	4	■
88	☐	DO AN EXECUTIVE	4	■
89	☐	DO AN IMPROVISATION	4	■
90	☐	DO AN INSTALLATION	4	■
91	☐	DO AN INTERPRETATION	4	■
92	☐	DO AN ISSUE	4	■
93	☐	DO AN MFA	4	■
94	☐	DO AN OLLIE	4	■
95	☐	DO AN AMNIO	3	■
96	☐	DO AN AMBUSH	3	■
97	☐	DO AN ADVENTURE	3	■
98	☐	DO AN ADVERTISING	3	■
99	☐	DO AN ANGEL	3	■
100	☐	DO AN ANGIOPLASTY	3	■

(<https://www.english-corpora.org/coca/> - Consulta em 29/10/2020)

Corpus of Contemporary American English

SEARCH

FREQUENCY

CONTEXT

OVERVIEW

HELP	CONTEXT	ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500	FREQ	TOTAL 20,841 UNIQUE 3,475 +
1	☐	DO A LOT	3847	
2	☐	DO A THING	848	
3	☐	DO A JOB	616	
4	☐	DO A SHOW	394	
5	☐	DO A BIT	322	
6	☐	DO A SEARCH	301	
7	☐	DO A COUPLE	298	
8	☐	DO A STORY	290	
9	☐	DO A NUMBER	227	
10	☐	DO A DEAL	204	
11	☐	DO A MOVIE	192	
12	☐	DO A GOOGLE	144	
13	☐	DO A SERIES	142	
14	☐	DO A BOOK	140	
15	☐	DO A STUDY	132	
16	☐	DO A PIECE	118	
17	☐	DO A BUNCH	117	
18	☐	DO A SONG	116	
19	☐	DO A BACKGROUND	110	
20	☐	DO A FILM	109	
21	☐	DO A DISSERVICE	105	
22	☐	DO A POST	105	
23	☐	DO A PROJECT	103	
24	☐	DO A DOUBLE	98	
25	☐	DO A FAVOR	95	
26	☐	DO A TEST	94	
27	☐	DO A MAN	84	
28	☐	DO A PLAY	75	
29	☐	DO A DANCE	74	
30	☐	DO A SCENE	74	
31	☐	DO A SHOT	62	
32	☐	DO A VIDEO	62	
33	☐	DO A TASK	60	
34	☐	DO A SURVEY	59	
35	☐	DO A SEQUEL	57	
36	☐	DO A TOUR	55	
37	☐	DO A VARIETY	55	
38	☐	DO A PHOTO	53	
39	☐	DO A REALITY	52	
40	☐	DO A TV	51	
41	☐	DO A REPORT	50	
42	☐	DO A TON	50	
43	☐	DO A REVIEW	49	
44	☐	DO A SET	49	
45	☐	DO A TRICK	48	
46	☐	DO A BIOPSY	47	
47	☐	DO A TASTE	47	
48	☐	DO A SEGMENT	46	
49	☐	DO A SWEEP	46	

50	☐	DO A DOCUMENTARY	44	
51	☐	DO A DOUBLE-TAKE	42	
52	☐	DO A PROGRAM	42	
53	☐	DO A PRESS	41	
54	☐	DO A BACK	40	
55	☐	DO A BLOOD	40	
56	☐	DO A PAINTING	40	
57	☐	DO A POLL	40	
58	☐	DO A FOLLOW-UP	39	
59	☐	DO A GAME	39	
60	☐	DO A SERVICE	39	
61	☐	DO A YEAR	39	
62	☐	DO A LINE	38	
63	☐	DO A DNA	37	
64	☐	DO A READING	37	
65	☐	DO A BODY	36	
66	☐	DO A BUDGET	36	
67	☐	DO A FEATURE	36	
68	☐	DO A HEAD	36	
69	☐	DO A VERSION	36	
70	☐	DO A CHECK	35	
71	☐	DO A KIND	35	
72	☐	DO A GUEST	34	
73	☐	DO A RECORD	34	
74	☐	DO A DAY	33	
75	☐	DO A COMPARISON	32	
76	☐	DO A CARTWHEEL	31	
77	☐	DO A COMEDY	31	
78	☐	DO A CONCERT	31	
79	☐	DO A PROFILE	31	
80	☐	DO A SOLO	30	
81	☐	DO A WHOLE	30	
82	☐	DO A BLOG	29	
83	☐	DO A CHRISTMAS	29	
84	☐	DO A COMBINATION	29	
85	☐	DO A DEMONSTRATION	29	
86	☐	DO A FOLLOW	29	
87	☐	DO A GROUP	29	
88	☐	DO A HOME	29	
89	☐	DO A WEB	29	
90	☐	DO A COVER	28	
91	☐	DO A DUET	28	
92	☐	DO A DRAWING	27	
93	☐	DO A PICTURE	27	
94	☐	DO A PRESENTATION	27	
95	☐	DO A TELEVISION	27	
96	☐	DO A WORK	27	
97	☐	DO A C-SECTION	26	
98	☐	DO A DRUG	26	
99	☐	DO A TALK	26	
100	☐	DO A U-TURN	26	

Anexo XI – ter + um + SN
(<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/> - Consulta em 29/10/2020)

Corpus do Português: Web/Dialects

EN

SEARCH

FREQUENCY

CONTEXT

OVERVIEW

CONTEXT

ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500

FREQ

TOTAL 72,987 | UNIQUE 3,528 +

1

☐

TER UM FILHO

4153

2

☐

TER UM PAPEL

1640

3

☐

TER UM BLOG

1548

4

☐

TER UM RELACIONAMENTO

1271

5

☐

TER UM EFEITO

1084

6

☐

TER UM IMPACTO

991

7

☐

TER UM CARRO

907

8

☐

TER UM DIA

771

9

☐

TER UM SISTEMA

742

10

☐

TER UM CORPO

706

11

☐

TER UM EMPREGO

625

12

☐

TER UM PLANO

606

13

☐

TER UM LUGAR

593

14

☐

TER UM FUTURO

530

15

☐

TER UM BEBÊ

526

16

☐

TER UM SITE

490

17

☐

TER UM COMPORTAMENTO

458

18

☐

TER UM NOME

456

19

☐

TER UM ATAQUE

446

20

☐

TER UM PROGRAMA

441

21

☐

TER UM TEMPO

427

22

☐

TER UM NEGÓCIO

423

23

☐

TER UM FIM

418

24

☐

TER UM CONHECIMENTO

402

25

☐

TER UM CORAÇÃO

401

26

☐

TER UM TRABALHO

384

27

☐

TER UM PROBLEMA

383

28

☐

TER UM FINAL

378

29

☐

TER UM PAI

374

30

☐

TER UM RESULTADO

369

31

☐

TER UM AMIGO

368

32

☐

TER UM NAMORADO

355

33

☐

TER UM VALOR

354

34

☐

TER UM MÍNIMO

343

35

☐

TER UM ENCONTRO

334

36

☐

TER UM CÃO

331

37

☐

TER UM OLHAR

328

38

☐

TER UM PARTO

328

39

☐

TER UM MONTE

327

40

☐

TER UM NÚMERO

327

41

☐

TER UM PRESIDENTE

327

42

☐

TER UM PESO

316

43

☐

TER UM PREÇO

304

44

☐

TER UM PROJETO

300

45

☐

TER UM PRODUTO

297

46

☐

TER UM COMPUTADOR

295

47

☐

TER UM CONTATO

289

48

☐

TER UM SENTIDO

281

49

☐

TER UM ANIMAL

280

50

☐

TER UM GOVERNO

266

51	☐	TER UM PERFIL	266	■
52	☐	TER UM BEBÊ	265	■
53	☐	TER UM LIVRO	263	■
54	☐	TER UM HOMEM	262	■
55	☐	TER UM MOMENTO	260	■
56	☐	TER UM OBJETIVO	260	■
57	☐	TER UM SIGNIFICADO	260	■
58	☐	TER UM CASO	258	■
59	☐	TER UM CABELO	257	■
60	☐	TER UM CASAMENTO	255	■
61	☐	TER UM CONTROLE	238	■
62	☐	TER UM PONTO	237	■
63	☐	TER UM CUSTO	224	■
64	☐	TER UM CARTÃO	221	■
65	☐	TER UM GRUPO	219	■
66	☐	TER UM CUIDADO	218	■
67	☐	TER UM PARQUE	217	■
68	☐	TER UM CRESCIMENTO	214	■
69	☐	TER UM PENSAMENTO	214	■
70	☐	TER UM ASPECTO	211	■
71	☐	TER UM NÍVEL	211	■
72	☐	TER UM AMOR	209	■
73	☐	TER UM DISCURSO	207	■
74	☐	TER UM CURSO	206	■
75	☐	TER UM MOTIVO	205	■
76	☐	TER UM SALÁRIO	203	■
77	☐	TER UM DESEMPENHO	196	■
78	☐	TER UM JARDIM	196	■
79	☐	TER UM AUMENTO	195	■
80	☐	TER UM TIME	192	■
81	☐	TER UM COMENTÁRIO	190	■
82	☐	TER UM ANO	188	■
83	☐	TER UM TRATAMENTO	187	■
84	☐	TER UM PAÍS	186	■
85	☐	TER UM RETORNO	182	■
86	☐	TER UM DIPLOMA	178	■
87	☐	TER UM ORGASMO	176	■
88	☐	TER UM AMBIENTE	175	■
89	☐	TER UM SERVIÇO	172	■
90	☐	TER UM POUQUINHO	170	■
91	☐	TER UM PROPÓSITO	169	■
92	☐	TER UM SONHO	169	■
93	☐	TER UM JOGO	168	■
94	☐	TER UM JOGADOR	165	■
95	☐	TER UM MARIDO	165	■
96	☐	TER UM CACHORRO	164	■
97	☐	TER UM IRMÃO	164	■
98	☐	TER UM CARÁTER	160	■
99	☐	TER UM CONJUNTO	160	■
100	☐	TER UM LOCAL	160	■

Anexo XII – ter + uma + SN
(<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/> - Consulta em 29/10/2020)

Corpus do Português: Web/Dialects					TOTAL 70,005 UNIQUE 3,197 +	
SEARCH		FREQUENCY		CONTEXT		OVERVIEW
	CONTEXT	ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500	FREQ			
1	☐	TER UMA VIDA	5979			
2	☐	TER UMA IDEIA	5281			
3	☐	TER UMA VISÃO	2193			
4	☐	TER UMA NOÇÃO	1395			
5	☐	TER UMA RELAÇÃO	1304			
6	☐	TER UMA CASA	999			
7	☐	TER UMA ALIMENTAÇÃO	920			
8	☐	TER UMA CONVERSA	920			
9	☐	TER UMA OPINIÃO	883			
10	☐	TER UMA FAMÍLIA	848			
11	☐	TER UMA ATITUDE	789			
12	☐	TER UMA CONTA	642			
13	☐	TER UMA EXPERIÊNCIA	637			
14	☐	TER UMA RESPOSTA	602			
15	☐	TER UMA BASE	511			
16	☐	TER UMA PESSOA	444			
17	☐	TER UMA CARREIRA	423			
18	☐	TER UMA POSTURA	406			
19	☐	TER UMA FILHA	383			
20	☐	TER UMA EQUIPA	377			
21	☐	TER UMA PELE	357			
22	☐	TER UMA POSIÇÃO	353			
23	☐	TER UMA MULHER	340			
24	☐	TER UMA HISTÓRIA	334			
25	☐	TER UMA OPORTUNIDADE	328			
26	☐	TER UMA IMAGEM	307			
27	☐	TER UMA INFLUÊNCIA	303			
28	☐	TER UMA PALAVRA	303			
29	☐	TER UMA CHANCE	294			
30	☐	TER UMA MENTE	292			
31	☐	TER UMA CARA	285			
32	☐	TER UMA RENDA	280			
33	☐	TER UMA FORMAÇÃO	270			
34	☐	TER UMA EQUIPE	263			
35	☐	TER UMA POLÍTICA	263			
36	☐	TER UMA CRIANÇA	261			
37	☐	TER UMA SURPRESA	261			
38	☐	TER UMA QUALIDADE	257			
39	☐	TER UMA VOZ	255			
40	☐	TER UMA NOITE	249			
41	☐	TER UMA EMPRESA	248			
42	☐	TER UMA MÃE	248			
43	☐	TER UMA SOLUÇÃO	242			
44	☐	TER UMA DOENÇA	235			
45	☐	TER UMA PROFISSÃO	229			
46	☐	TER UMA PARTICIPAÇÃO	228			
47	☐	TER UMA CRISE	227			
48	☐	TER UMA EXPLICAÇÃO	225			
49	☐	TER UMA MENINA	216			
50	☐	TER UMA DIETA	212			

51	☐	TER UMA PERSPECTIVA	212	■
52	☐	TER UMA PRESENÇA	212	■
53	☐	TER UMA APARÊNCIA	210	■
54	☐	TER UMA PÁGINA	210	■
55	☐	TER UMA ROTINA	200	■
56	☐	TER UMA LISTA	198	■
57	☐	TER UMA LOJA	195	■
58	☐	TER UMA FUNÇÃO	189	■
59	☐	TER UMA COISA	188	■
60	☐	TER UMA SÉRIE	185	■
61	☐	TER UMA LINHA	183	■
62	☐	TER UMA NAMORADA	179	■
63	☐	TER UMA LIGAÇÃO	177	■
64	☐	TER UMA ARMA	176	■
65	☐	TER UMA VERSÃO	174	■
66	☐	TER UMA CAPACIDADE	171	■
67	☐	TER UMA CAUSA	169	■
68	☐	TER UMA REDE	167	■
69	☐	TER UMA DURAÇÃO	165	■
70	☐	TER UMA BANDA	161	■
71	☐	TER UMA MÁQUINA	160	■
72	☐	TER UMA AULA	158	■
73	☐	TER UMA RELIGIÃO	158	■
74	☐	TER UMA FESTA	156	■
75	☐	TER UMA ABORDAGEM	153	■
76	☐	TER UMA CONOTAÇÃO	151	■
77	☐	TER UMA DIMENSÃO	150	■
78	☐	TER UMA PERCEPÇÃO	147	■
79	☐	TER UMA AMIGA	146	■
80	☐	TER UMA LEI	145	■
81	☐	TER UMA PARTE	144	■
82	☐	TER UMA REUNIÃO	144	■
83	☐	TER UMA COR	142	■
84	☐	TER UMA CONSCIÊNCIA	141	■
85	☐	TER UMA PERSONALIDADE	141	■
86	☐	TER UMA SOCIEDADE	140	■
87	☐	TER UMA QUANTIDADE	138	■
88	☐	TER UMA GRAVIDEZ	137	■
89	☐	TER UMA EDUCAÇÃO	135	■
90	☐	TER UMA TAXA	133	■
91	☐	TER UMA BARRIGA	129	■
92	☐	TER UMA IMPORTÂNCIA	129	■
93	☐	TER UMA AGENDA	128	■
94	☐	TER UMA DISCUSSÃO	127	■
95	☐	TER UMA ÁREA	126	■
96	☐	TER UMA REAÇÃO	124	■
97	☐	TER UMA FÉ	123	■
98	☐	TER UMA ATENÇÃO	119	■
99	☐	TER UMA LEITURA	119	■
100	☐	TER UMA SENSACÃO	119	■

Anexo XIII – *have + an + NP*
(<https://www.english-corpora.org/coca/> - Consulta em 29/10/2020)

Corpus of Contemporary American English					FREQUENCY		CONTEXT	OVERVIEW
HELP	■	CONTEXT	ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500	FREQ	TOTAL 41,752 UNIQUE 2,581 +			
1	☐	HAVE AN IDEA		2807				
2	☐	HAVE AN IMPACT		2279				
3	☐	HAVE AN OPPORTUNITY		2238				
4	☐	HAVE AN OBLIGATION		1221				
5	☐	HAVE AN ANSWER		1208				
6	☐	HAVE AN EFFECT		1205				
7	☐	HAVE AN OPINION		1009				
8	☐	HAVE AN ABORTION		1002				
9	☐	HAVE AN INTEREST		950				
10	☐	HAVE AN APPOINTMENT		887				
11	☐	HAVE AN ISSUE		579				
12	☐	HAVE AN ADVANTAGE		539				
13	☐	HAVE AN AFFAIR		528				
14	☐	HAVE AN UNDERSTANDING		514				
15	☐	HAVE AN EMERGENCY		411				
16	☐	HAVE AN AGENDA		387				
17	☐	HAVE AN INCENTIVE		373				
18	☐	HAVE AN AGREEMENT		366				
19	☐	HAVE AN EXCUSE		313				
20	☐	HAVE AN OFFICE		294				
21	☐	HAVE AN OPTION		272				
22	☐	HAVE AN ACCIDENT		267				
23	☐	HAVE AN ACCOUNT		266				
24	☐	HAVE AN ANNOUNCEMENT		259				
25	☐	HAVE AN AUDIENCE		254				
26	☐	HAVE AN INTERVIEW		244				
27	☐	HAVE AN EYE		241				
28	☐	HAVE AN ARGUMENT		240				
29	☐	HAVE AN EDGE		236				
30	☐	HAVE AN HOUR		235				
31	☐	HAVE AN EXPLANATION		230				
32	☐	HAVE AN INFLUENCE		223				
33	☐	HAVE AN UPDATE		218				
34	☐	HAVE AN ORGASM		215				
35	☐	HAVE AN ATTORNEY		211				
36	☐	HAVE AN ELECTION		201				
37	☐	HAVE AN IMAGE		201				
38	☐	HAVE AN ARMY		197				
39	☐	HAVE AN OPENING		189				
40	☐	HAVE AN ADDRESS		181				
41	☐	HAVE AN IPHONE		168				
42	☐	HAVE AN EDUCATION		162				
43	☐	HAVE AN ABUNDANCE		154				
44	☐	HAVE AN ALIBI		150				
45	☐	HAVE AN AGENT		148				
46	☐	HAVE AN ECONOMY		144				
47	☐	HAVE AN ATTITUDE		143				
48	☐	HAVE AN END		133				
49	☐	HAVE AN ADULT		131				
50	☐	HAVE AN EXAMPLE		123				

51	☐	HAVE AN APARTMENT	122	■
52	☐	HAVE AN APPRECIATION	121	■
53	☐	HAVE AN ACCENT	119	■
54	☐	HAVE AN AFFINITY	118	■
55	☐	HAVE AN INKLING	114	■
56	☐	HAVE AN ABILITY	113	■
57	☐	HAVE AN INCOME	113	■
58	☐	HAVE AN EXPERIENCE	109	■
59	☐	HAVE AN ARTICLE	108	■
60	☐	HAVE AN EVENT	107	■
61	☐	HAVE AN ID	103	■
62	☐	HAVE AN E-MAIL	102	■
63	☐	HAVE AN INTERNET	102	■
64	☐	HAVE AN UNCLE	102	■
65	☐	HAVE AN OFFER	100	■
66	☐	HAVE AN EMAIL	99	■
67	☐	HAVE AN APPETITE	98	■
68	☐	HAVE AN ENERGY	97	■
69	☐	HAVE AN OPERATION	96	■
70	☐	HAVE AN AIR	95	■
71	☐	HAVE AN ALTERNATIVE	95	■
72	☐	HAVE AN ENEMY	94	■
73	☐	HAVE AN EXPECTATION	94	■
74	☐	HAVE AN APP	93	■
75	☐	HAVE AN AVERAGE	93	■
76	☐	HAVE AN ADVENTURE	89	■
77	☐	HAVE AN INVESTIGATION	87	■
78	☐	HAVE AN APPLE	79	■
79	☐	HAVE AN AREA	79	■
80	☐	HAVE AN ARRANGEMENT	79	■
81	☐	HAVE AN IDENTITY	78	■
82	☐	HAVE AN ADDICTION	77	■
83	☐	HAVE AN AD	75	■
84	☐	HAVE AN EATING	75	■
85	☐	HAVE AN IPAD	75	■
86	☐	HAVE AN ADMINISTRATION	73	■
87	☐	HAVE AN ESCAPE	73	■
88	☐	HAVE AN AVERSION	72	■
89	☐	HAVE AN INSTINCT	72	■
90	☐	HAVE AN ELEMENT	71	■
91	☐	HAVE AN ORGANIZATION	71	■
92	☐	HAVE AN OUNCE	71	■
93	☐	HAVE AN OUTLET	71	■
94	☐	HAVE AN EYEWITNESS	68	■
95	☐	HAVE AN ITEM	68	■
96	☐	HAVE AN EGO	67	■
97	☐	HAVE AN OFFICER	67	■
98	☐	HAVE AN INVESTMENT	66	■
99	☐	HAVE AN EXPRESSION	65	■
100	☐	HAVE AN INFECTION	65	■

(<https://www.english-corpora.org/coca/> - Consulta em 29/10/2020)

Corpus of Contemporary American English					PDF		User		Help		Download		Print									
SEARCH		FREQUENCY			CONTEXT				OVERVIEW													
HELP		CONTEXT	ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500		FREQ	TOTAL 292,714 UNIQUE 11,774 +																
1	☐	HAVE A LOT			16602																	
2	☐	HAVE A PROBLEM			9120																	
3	☐	HAVE A CHANCE			7857																	
4	☐	HAVE A RIGHT			4927																	
5	☐	HAVE A CHOICE			4426																	
6	☐	HAVE A SEAT			3835																	
7	☐	HAVE A JOB			3770																	
8	☐	HAVE A BABY			3560																	
9	☐	HAVE A QUESTION			3459																	
10	☐	HAVE A LOOK			3198																	
11	☐	HAVE A PLAN			3007																	
12	☐	HAVE A FEELING			2582																	
13	☐	HAVE A COUPLE			2540																	
14	☐	HAVE A SENSE			2320																	
15	☐	HAVE A CHILD			2310																	
16	☐	HAVE A FAMILY			2261																	
17	☐	HAVE A CLUE			2175																	
18	☐	HAVE A FRIEND			2106																	
19	☐	HAVE A DRINK			2014																	
20	☐	HAVE A PLACE			1952																	
21	☐	HAVE A WAY			1927																	
22	☐	HAVE A CONVERSATION			1594																	
23	☐	HAVE A POINT			1590																	
24	☐	HAVE A RESPONSIBILITY			1581																	
25	☐	HAVE A LIFE			1444																	
26	☐	HAVE A NAME			1442																	
27	☐	HAVE A HISTORY			1383																	
28	☐	HAVE A WORD			1378																	
29	☐	HAVE A TENDENCY			1366																	
30	☐	HAVE A CAR			1333																	
31	☐	HAVE A NUMBER			1305																	

51	☐	HAVE A ROLE	812	■
52	☐	HAVE A REASON	808	■
53	☐	HAVE A DOG	806	■
54	☐	HAVE A BUNCH	805	■
55	☐	HAVE A BEER	791	■
56	☐	HAVE A MINUTE	791	■
57	☐	HAVE A PARTY	785	■
58	☐	HAVE A BIT	782	■
59	☐	HAVE A STORY	766	■
60	☐	HAVE A KID	752	■
61	☐	HAVE A LIST	752	■
62	☐	HAVE A PHONE	747	■
63	☐	HAVE A CASE	722	■
64	☐	HAVE A SYSTEM	710	■
65	☐	HAVE A REPORT	701	■
66	☐	HAVE A DUTY	696	■
67	☐	HAVE A THING	695	■
68	☐	HAVE A WIFE	678	■
69	☐	HAVE A HOUSE	671	■
70	☐	HAVE A COPY	660	■
71	☐	HAVE A MAN	656	■
72	☐	HAVE A RECORD	645	■
73	☐	HAVE A TALK	603	■
74	☐	HAVE A MESSAGE	598	■
75	☐	HAVE A THEORY	579	■
76	☐	HAVE A CAREER	572	■
77	☐	HAVE A REPUTATION	571	■
78	☐	HAVE A PIECE	568	■
79	☐	HAVE A FUTURE	566	■
80	☐	HAVE A TEAM	566	■
81	☐	HAVE A CUP	549	■
82	☐	HAVE A GLASS	538	■
83	☐	HAVE A BUSINESS	524	■
84	☐	HAVE A TON	504	■
85	☐	HAVE A DEGREE	485	■
86	☐	HAVE A GROUP	481	■
87	☐	HAVE A BOOK	474	■
88	☐	HAVE A GUY	469	■
89	☐	HAVE A GIFT	466	■
90	☐	HAVE A BROTHER	459	■
91	☐	HAVE A WARRANT	458	■
92	☐	HAVE A SURPRISE	452	■
93	☐	HAVE A NEED	451	■
94	☐	HAVE A FATHER	442	■
95	☐	HAVE A KIND	441	■
96	☐	HAVE A SOLUTION	440	■
97	☐	HAVE A DISCUSSION	439	■
98	☐	HAVE A VISION	439	■
99	☐	HAVE A GO	438	■
100	☐	HAVE A VARIETY	436	■

Anexo XV – tomar + um + SN
(<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/> - Consulta em 29/10/2020)

Corpus do Português: Web/Dialects

SEARCH

FREQUENCY

CONTEXT

ACCOUNT

	CONTEXT	ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500	FREQ	TOTAL 6,530 UNIQUE 435 +
1	☐	TOMAR UM BANHO	1181	
2	☐	TOMAR UM CAFÉ	1155	
3	☐	TOMAR UM COPO	283	
4	☐	TOMAR UM SORVETE	211	
5	☐	TOMAR UM CHÁ	187	
6	☐	TOMAR UM COMPRIMIDO	165	
7	☐	TOMAR UM CAFEZINHO	161	
8	☐	TOMAR UM RUMO	155	
9	☐	TOMAR UM REMÉDIO	149	
10	☐	TOMAR UM DUCHE	142	
11	☐	TOMAR UM MEDICAMENTO	128	
12	☐	TOMAR UM VINHO	102	
13	☐	TOMAR UM SUPLEMENTO	96	
14	☐	TOMAR UM SUCO	80	
15	☐	TOMAR UM PASSE	64	
16	☐	TOMAR UM DRINK	62	
17	☐	TOMAR UM AR	58	
18	☐	TOMAR UM CAMINHO	54	
19	☐	TOMAR UM TÁXI	54	
20	☐	TOMAR UM TIRO	50	
21	☐	TOMAR UM ANTIBIÓTICO	48	
22	☐	TOMAR UM PORRE	48	
23	☐	TOMAR UM CUIDADO	46	
24	☐	TOMAR UM EMPRÉSTIMO	44	
25	☐	TOMAR UM GOL	44	
26	☐	TOMAR UM ANALGÉSICO	39	
27	☐	TOMAR UM GOLE	37	
28	☐	TOMAR UM CHOQUE	36	
29	☐	TOMAR UM SOL	36	
30	☐	TOMAR UM DIA	35	
31	☐	TOMAR UM CHOCOLATE	34	
32	☐	TOMAR UM LANCHE	33	
33	☐	TOMAR UM ÔNIBUS	32	
34	☐	TOMAR UM SUSTO	32	
35	☐	TOMAR UM PEQUENO-ALMOÇO	31	
36	☐	TOMAR UM REFRIGERANTE	31	
37	☐	TOMAR UM CHOPE	29	
38	☐	TOMAR UM EXEMPLO	27	
39	☐	TOMAR UM CALMANTE	26	
40	☐	TOMAR UM POSICIONAMENTO	25	
41	☐	TOMAR UM APERITIVO	23	
42	☐	TOMAR UM DECISÃO	20	
43	☐	TOMAR UM PARTIDO	20	
44	☐	TOMAR UM DRINQUE	19	
45	☐	TOMAR UM MONTE	19	
46	☐	TOMAR UM TEMPO	19	
47	☐	TOMAR UM AVIÃO	18	
48	☐	TOMAR UM CÁLICE	18	
49	☐	TOMAR UM CONJUNTO	18	
50	☐	TOMAR UM LADO	18	

51	☐	TOMAR UM PAPEL	18	■
52	☐	TOMAR UM PÉ	18	■
53	☐	TOMAR UM LITRO	16	■
54	☐	TOMAR UM PASSO	16	■
55	☐	TOMAR UM PEQUENO	16	■
56	☐	TOMAR UM TAPA	16	■
57	☐	TOMAR UM CHIFRE	15	■
58	☐	TOMAR UM LUGAR	15	■
59	☐	TOMAR UM PAU	15	■
60	☐	TOMAR UM TOCO	15	■
61	☐	TOMAR UM TREM	15	■
62	☐	TOMAR UM LEITE	14	■
63	☐	TOMAR UM MATE	14	■
64	☐	TOMAR UM PROCESSO	14	■
65	☐	TOMAR UM FÔLEGO	13	■
66	☐	TOMAR UM CALDO	12	■
67	☐	TOMAR UM REFRESCO	12	■
68	☐	TOMAR UM ATALHO	11	■
69	☐	TOMAR UM IOGURTE	11	■
70	☐	TOMAR UM XAROPE	11	■
71	☐	TOMAR UM BORI	10	■
72	☐	TOMAR UM ANTIDEPRESSIVO	10	■
73	☐	TOMAR UM PRODUTO	10	■
74	☐	TOMAR UM TOMBO	10	■
75	☐	TOMAR UM TRAGO	10	■
76	☐	TOMAR UM ANTICONCEPCIONAL	9	■
77	☐	TOMAR UM ANTI-HISTAMÍNICO	9	■
78	☐	TOMAR UM CORPO	9	■
79	☐	TOMAR UM LAXANTE	9	■
80	☐	TOMAR UM SOCO	9	■
81	☐	TOMAR UM CACETE	8	■
82	☐	TOMAR UM ANSIOLÍTICO	8	■
83	☐	TOMAR UM COQUETEL	8	■
84	☐	TOMAR UM CURSO	8	■
85	☐	TOMAR UM DESVIO	8	■
86	☐	TOMAR UM PAR	8	■
87	☐	TOMAR UM ATITUDE	7	■
88	☐	TOMAR UM CHUTE	7	■
89	☐	TOMAR UM SUMO	7	■
90	☐	TOMAR UM UÍSQUE	7	■
91	☐	TOMAR UM BRUNCH	6	■
92	☐	TOMAR UM AÇAÍ	6	■
93	☐	TOMAR UM COPINHO	6	■
94	☐	TOMAR UM EXPRESSO	6	■
95	☐	TOMAR UM GUARANÁ	6	■
96	☐	TOMAR UM MOMENTO	6	■
97	☐	TOMAR UM PARACETAMOL	6	■
98	☐	TOMAR UM PICOLÉ	6	■
99	☐	TOMAR UM PLACEBO	6	■
100	☐	TOMAR UM TOM	6	■

Anexo XVI – tomar + uma + SN
(<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/> - Consulta em 29/10/2020)

Corpus do Português: Web/Dialects

EN

P

SEARCH

FREQUENCY

CONTEXT

ACCOUNT

	CONTEXT	ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500	FREQ	TOTAL 8.222 UNIQUE 354 +
1		TOMAR UMA DECISÃO	3286	
2		TOMAR UMA ATITUDE	1402	
3		TOMAR UMA POSIÇÃO	608	
4		TOMAR UMA CERVEJA	353	
5		TOMAR UMA DOSE	184	
6		TOMAR UMA BEBIDA	143	
7		TOMAR UMA PROVIDÊNCIA	131	
8		TOMAR UMA CERVEJINHA	124	
9		TOMAR UMA MEDIDA	114	
10		TOMAR UMA XÍCARA	111	
11		TOMAR UMA AÇÃO	85	
12		TOMAR UMA ÁGUA	74	
13		TOMAR UMA SÉRIE	74	
14		TOMAR UMA INICIATIVA	66	
15		TOMAR UMA PÍLULA	58	
16		TOMAR UMA REFEIÇÃO	58	
17		TOMAR UMA POSTURA	57	
18		TOMAR UMA VACINA	49	
19		TOMAR UMA INJEÇÃO	47	
20		TOMAR UMA DUCHA	43	
21		TOMAR UMA SURRA	43	
22		TOMAR UMA TAÇA	33	
23		TOMAR UMA COLHER	30	
24		TOMAR UMA GELADA	29	
25		TOMAR UMA MEDICAÇÃO	29	
26		TOMAR UMA MULHER	26	
27		TOMAR UMA ASPIRINA	23	
28		TOMAR UMA CACHAÇA	22	
29		TOMAR UMA DIREÇÃO	22	
30		TOMAR UMA GARRAFA	22	
31		TOMAR UMA SOPA	22	
32		TOMAR UMA BICA	19	
33		TOMAR UMA PARTE	19	
34		TOMAR UMA PROPORÇÃO	19	
35		TOMAR UMA MULTA	18	
36		TOMAR UMA CHÁVENA	17	
37		TOMAR UMA RESOLUÇÃO	16	
38		TOMAR UMA BALA	15	
39		TOMAR UMA CAIPIRINHA	15	
40		TOMAR UMA CÁPSULA	14	
41		TOMAR UMA OPÇÃO	13	
42		TOMAR UMA ABORDAGEM	12	
43		TOMAR UMA CERVA	12	
44		TOMAR UMA COISA	12	
45		TOMAR UMA COCA	11	
46		TOMAR UMA SOVA	11	
47		TOMAR UMA COCA-COLA	9	
48		TOMAR UMA BRONCA	9	
49		TOMAR UMA DROGA	9	
50		TOMAR UMA QUANTIDADE	9	

51	☐	TOMAR UMA VITAMINA	9	
52	☐	TOMAR UMA CAFÉ	8	
53	☐	TOMAR UMA CAIXA	8	
54	☐	TOMAR UMA MAMADEIRA	8	
55	☐	TOMAR UMA OVERDOSE	8	
56	☐	TOMAR UMA ROTA	8	
57	☐	TOMAR UMA BOA	7	
58	☐	TOMAR UMA GOTA	7	
59	☐	TOMAR UMA PESSOA	7	
60	☐	TOMAR UMA PINGA	7	
61	☐	TOMAR UMA SOLUÇÃO	7	
62	☐	TOMAR UMA AMOSTRA	6	
63	☐	TOMAR UMA BANHO	6	
64	☐	TOMAR UMA Balsa	6	
65	☐	TOMAR UMA PORRADA	6	
66	☐	TOMAR UMA RIPA	6	
67	☐	TOMAR UMA SALADA	6	
68	☐	TOMAR UMA CARTELA	5	
69	☐	TOMAR UMA COR	5	
70	☐	TOMAR UMA DIMENSÃO	5	
71	☐	TOMAR UMA FRESCA	5	
72	☐	TOMAR UMA MÉDIA	5	
73	☐	TOMAR UMA NOTA	5	
74	☐	TOMAR UMA PICADA	5	
75	☐	TOMAR UMA POÇÃO	5	
76	☐	TOMAR UMA PROTEÍNA	5	
77	☐	TOMAR UMA SEMANA	5	
78	☐	TOMAR UMA VIDA	5	
79	☐	TOMAR UMA AULA	4	
80	☐	TOMAR UMA AFIRMAÇÃO	4	
81	☐	TOMAR UMA ANESTESIA	4	
82	☐	TOMAR UMA BICADA	4	
83	☐	TOMAR UMA BOMBA	4	
84	☐	TOMAR UMA CANECA	4	
85	☐	TOMAR UMA CRIANÇA	4	
86	☐	TOMAR UMA DISTÂNCIA	4	
87	☐	TOMAR UMA EMPRESA	4	
88	☐	TOMAR UMA HORA	4	
89	☐	TOMAR UMA IMPORTÂNCIA	4	
90	☐	TOMAR UMA MISTURA	4	
91	☐	TOMAR UMA OPINIÃO	4	
92	☐	TOMAR UMA PERSPECTIVA	4	
93	☐	TOMAR UMA CASA	3	
94	☐	TOMAR UMA CONCUBINA	3	
95	☐	TOMAR UMA COMBINAÇÃO	3	
96	☐	TOMAR UMA CANA	3	
97	☐	TOMAR UMA CANINHA	3	
98	☐	TOMAR UMA BOLA	3	
99	☐	TOMAR UMA BOFETADA	3	
100	☐	TOMAR UMA BIRITA	3	

(<https://www.english-corpora.org/coca/> - Consulta em 29/10/2020)

SEARCH		FREQUENCY	CONTEXT	OVERVIEW
HELP	■	CONTEXT ALL FORMS (SAMPLE) : 100 200 500		FREQ TOTAL 3,075 UNIQUE 583 +
1	☐	TAKE AN INTEREST	403	
2	☐	TAKE AN HOUR	263	
3	☐	TAKE AN OATH	211	
4	☐	TAKE AN EXAMPLE	110	
5	☐	TAKE AN ACTION	76	
6	☐	TAKE AN ACT	70	
7	☐	TAKE AN INVENTORY	65	
8	☐	TAKE AN ASPIRIN	54	
9	☐	TAKE AN ELEVATOR	39	
10	☐	TAKE AN AFTERNOON	38	
11	☐	TAKE AN AVERAGE	37	
12	☐	TAKE AN OPPORTUNITY	35	
13	☐	TAKE AN EXAM	34	
14	☐	TAKE AN IDEA	31	
15	☐	TAKE AN ISSUE	31	
16	☐	TAKE AN ORDER	29	
17	☐	TAKE AN UMBRELLA	26	
18	☐	TAKE AN APPROACH	25	
19	☐	TAKE AN ARMY	24	
20	☐	TAKE AN ETERNITY	24	
21	☐	TAKE AN AIRPLANE	23	
22	☐	TAKE AN ART	22	
23	☐	TAKE AN EXPERT	19	
24	☐	TAKE AN OBJECT	19	
25	☐	TAKE AN ANIMAL	18	
26	☐	TAKE AN APPLE	17	
27	☐	TAKE AN ANTIHISTAMINE	16	
28	☐	TAKE AN INCH	16	
29	☐	TAKE AN X-RAY	16	
30	☐	TAKE AN AX	15	
31	☐	TAKE AN EGG	15	
32	☐	TAKE AN INITIATIVE	15	
33	☐	TAKE AN IQ	15	
34	☐	TAKE AN EYE	14	
35	☐	TAKE AN ARTICLE	13	
36	☐	TAKE AN AIDS	12	
37	☐	TAKE AN AD	12	
38	☐	TAKE AN ARM	12	
39	☐	TAKE AN EVENING	12	
40	☐	TAKE AN INVESTMENT	12	
41	☐	TAKE AN ANTIBIOTIC	11	
42	☐	TAKE AN IMAGE	11	
43	☐	TAKE AN AXE	10	
44	☐	TAKE AN ITEM	10	
45	☐	TAKE AN OVERDOSE	10	
46	☐	TAKE AN APARTMENT	9	
47	☐	TAKE AN AREA	9	
48	☐	TAKE AN EFFORT	9	
49	☐	TAKE AN EMERGENCY	9	
50	☐	TAKE AN INTERNSHIP	9	

51	☐	TAKE AN ECONOMICS	8	■
52	☐	TAKE AN EQUITY	8	■
53	☐	TAKE AN ICE	8	■
54	☐	TAKE AN OFFER	8	■
55	☐	TAKE AN OUTSIDER	8	■
56	☐	TAKE AN ADULT	7	■
57	☐	TAKE AN ADVANTAGE	7	■
58	☐	TAKE AN AMBULANCE	7	■
59	☐	TAKE AN APPEAL	7	■
60	☐	TAKE AN ATTITUDE	7	■
61	☐	TAKE AN AUDIENCE	7	■
62	☐	TAKE AN ENERGY	7	■
63	☐	TAKE AN EXIT	7	■
64	☐	TAKE AN HIV	7	■
65	☐	TAKE AN IRON	7	■
66	☐	TAKE AN OPTION	7	■
67	☐	TAKE AN AGE	6	■
68	☐	TAKE AN AERIAL	6	■
69	☐	TAKE AN AMENDMENT	6	■
70	☐	TAKE AN ANTACID	6	■
71	☐	TAKE AN AP	6	■
72	☐	TAKE AN ARGUMENT	6	■
73	☐	TAKE AN ASSESSMENT	6	■
74	☐	TAKE AN AVALANCHE	6	■
75	☐	TAKE AN EARTHQUAKE	6	■
75	☐	TAKE AN EARTHQUAKE	6	■
76	☐	TAKE AN EINSTEIN	6	■
77	☐	TAKE AN ENGINEERING	6	■
78	☐	TAKE AN EVENT	6	■
79	☐	TAKE AN EXERCISE	6	■
80	☐	TAKE AN IDIOT	6	■
81	☐	TAKE AN INDIVIDUAL	6	■
82	☐	TAKE AN INFANT	6	■
83	☐	TAKE AN INTERNET	6	■
84	☐	TAKE AN INTERVIEW	6	■
85	☐	TAKE AN IPHONE	6	■
86	☐	TAKE AN AIRBOAT	5	■
87	☐	TAKE AN ADVIL	5	■
88	☐	TAKE AN ADVENTURE	5	■
89	☐	TAKE AN ANGLE	5	■
90	☐	TAKE AN APTITUDE	5	■
91	☐	TAKE AN ASSIGNMENT	5	■
92	☐	TAKE AN EMPLOYEE	5	■
93	☐	TAKE AN ERASER	5	■
94	☐	TAKE AN ETHICS	5	■
95	☐	TAKE AN EXAMINATION	5	■
96	☐	TAKE AN INSTRUMENT	5	■
97	☐	TAKE AN INSULT	5	■
98	☐	TAKE AN INTERMISSION	5	■
99	☐	TAKE AN IOU	5	■
100	☐	TAKE AN OFFICE	5	■

Anexo XVIII – *take + a + NP*
 (<https://www.english-corpora.org/coca/> - Consulta em 29/10/2020)

Corpus of Contemporary American English				
SEARCH		FREQUENCY		ACCOUNT
HELP	CONTEXT	ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500	FREQ	TOTAL 93,316 UNIQUE 4,159 +
1	☐	TAKE A LOOK	22830	
2	☐	TAKE A BREAK	6656	
3	☐	TAKE A WALK	1890	
4	☐	TAKE A LOT	1877	
5	☐	TAKE A PICTURE	1836	
6	☐	TAKE A MOMENT	1654	
7	☐	TAKE A SHOWER	1622	
8	☐	TAKE A STEP	1611	
9	☐	TAKE A WHILE	1527	
10	☐	TAKE A CHANCE	1511	
11	☐	TAKE A SEAT	1371	
12	☐	TAKE A STAND	1335	
13	☐	TAKE A COUPLE	1091	
14	☐	TAKE A NAP	1090	
15	☐	TAKE A MINUTE	969	
16	☐	TAKE A SHOT	900	
17	☐	TAKE A BREATH	894	
18	☐	TAKE A BATH	737	
19	☐	TAKE A TRIP	658	
20	☐	TAKE A BITE	634	
21	☐	TAKE A RIDE	565	
22	☐	TAKE A JOB	551	
23	☐	TAKE A SECOND	526	
24	☐	TAKE A RISK	520	
25	☐	TAKE A PEEK	513	
26	☐	TAKE A DAY	504	
27	☐	TAKE A LISTEN	495	
28	☐	TAKE A PHOTO	485	
29	☐	TAKE A HIKE	484	
30	☐	TAKE A YEAR	479	
31	☐	TAKE A VACATION	465	
32	☐	TAKE A POSITION	464	
33	☐	TAKE A HIT	427	
34	☐	TAKE A SWING	385	
35	☐	TAKE A MESSAGE	374	
36	☐	TAKE A PISS	348	
37	☐	TAKE A CAB	345	
38	☐	TAKE A WEEK	343	
39	☐	TAKE A SIP	314	
40	☐	TAKE A LEAK	313	
41	☐	TAKE A GUESS	304	
42	☐	TAKE A CALL	303	
43	☐	TAKE A TURN	301	
44	☐	TAKE A TOUR	295	
45	☐	TAKE A DRINK	287	
46	☐	TAKE A NUMBER	278	
47	☐	TAKE A BOW	277	
48	☐	TAKE A CLASS	277	
49	☐	TAKE A PILL	273	
50	☐	TAKE A TOLL	271	

51	☐	TAKE A BUS	268	
52	☐	TAKE A PIECE	266	
53	☐	TAKE A HINT	264	
54	☐	TAKE A LESSON	260	
55	☐	TAKE A RIGHT	259	
56	☐	TAKE A TEST	254	
57	☐	TAKE A JOKE	245	
58	☐	TAKE A PAGE	234	
59	☐	TAKE A GENIUS	224	
60	☐	TAKE A BULLET	221	
61	☐	TAKE A STROLL	217	
62	☐	TAKE A BEATING	212	
63	☐	TAKE A DRIVE	209	
64	☐	TAKE A LOAD	209	
65	☐	TAKE A SHIT	209	
66	☐	TAKE A BREATHER	203	
67	☐	TAKE A COURSE	200	
68	☐	TAKE A CRACK	198	
69	☐	TAKE A BIT	196	
70	☐	TAKE A RAIN	193	
71	☐	TAKE A REST	192	
72	☐	TAKE A TAXI	192	
73	☐	TAKE A VOTE	192	
74	☐	TAKE A STAB	190	
75	☐	TAKE A PREGNANCY	182	
76	☐	TAKE A MONTH	169	
77	☐	TAKE A GANDER	167	
78	☐	TAKE A LEAP	167	
79	☐	TAKE A ROCKET	165	
80	☐	TAKE A POLYGRAPH	162	
81	☐	TAKE A CUE	160	
82	☐	TAKE A TRAIN	160	
83	☐	TAKE A PASS	159	
84	☐	TAKE A DUMP	156	
85	☐	TAKE A BACKSEAT	153	
86	☐	TAKE A MAN	150	
87	☐	TAKE A LEAVE	146	
88	☐	TAKE A PAY	144	
89	☐	TAKE A DIP	143	
90	☐	TAKE A CHECK	142	
91	☐	TAKE A LIFE	138	
92	☐	TAKE A BOAT	136	
93	☐	TAKE A DIVE	132	
94	☐	TAKE A CUT	131	
95	☐	TAKE A PUNCH	128	
96	☐	TAKE A DECADE	121	
97	☐	TAKE A PHOTOGRAPH	121	
98	☐	TAKE A DRUG	118	
99	☐	TAKE A KNEE	118	
100	☐	TAKE A LEADERSHIP	118	